

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Kenia de Souza Serpa

Jornal *Dia a Dia*: o elo entre cultura e práticas escolares da Escola da Ponte

Juiz de Fora

2021

Kenia de Souza Serpa

Jornal *Dia a Dia*: o elo entre cultura e práticas escolares da Escola da Ponte

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação. Área de concentração: Linguagens, culturas e saberes.

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a Maria Zélia Maia de Souza

Juiz de Fora

2021

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Serpa, Kenia de Souza.

Jornal Dia a Dia : o elo entre cultura e práticas escolares da Escola da Ponte / Kenia de Souza Serpa. -- 2021.
109 f. : il.

Orientadora: Maria Zélia Maia de Souza

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2021.

1. Jornal escolar. 2. Práticas escolares. 3. Cultura escolar. 4. Escola da Ponte. I. Souza, Maria Zélia Maia de , orient. II. Título.

Kenia de Souza Serpa

Jornal Dia a dia: o elo entre cultura e práticas escolares da Escola da Ponte

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Educação. Área de concentração: “Linguagens, culturas e saberes”.

Aprovada em 20 de abril de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Dra. Maria Zélia Maia de Souza – Orientadora
Universidade Federal de Juiz de Fora

Dr. Daniel Cavalcanti Lemos de Albuquerque
Universidade Federal de Juiz de Fora

Dra. Aline de Moraes Limeira
Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Eu, Maria Zélia Maia de Souza, orientadora e presidente da banca, assino o presente Termo de Aprovação com a anuência dos demais integrantes(Resolução nº 01/2020 – CSPP).

Maria Zélia Maia de Souza

Juiz de Fora, 20 de abril de 2021

RESUMO

SERPA, Kenia. **Jornal *Dia a Dia*: o elo entre cultura e práticas escolares da Escola da Ponte**. 2021. 109 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais. 2021.

O objetivo geral deste estudo é compreender uma fração das práticas escolares realizadas na Escola da Ponte, o que significa considerar a cultura escolar propagada naquele espaço. Para a realização desta investigação analisamos o jornal da escola, denominado *Dia a Dia*. A pesquisa está situada no domínio da História da Educação com interface na história cultural e o trabalho de investigação contou com um *corpus* documental composto por cento e quatorze edições do *Dia a Dia*, no período compreendido entre novembro de 1977 a janeiro de 2017. Nesse sentido, buscamos inquirir e refletir sobre as modificações de ordem técnica e de conteúdo do jornal, e da própria Escola da Ponte nessas quatro décadas. Os resultados da pesquisa sinalizam a existência de movimentos de rupturas e manutenções com relação ao jornal. As principais rupturas estão relacionadas às tecnologias empregadas na sua confecção, aos contextos sociais e políticos, nos quais a escola esteve inserida, e no público leitor almejado pela instituição. Quanto ao movimento de manutenção destacam-se os usos do *Dia a Dia* pela Escola da Ponte, pois, o jornal foi mural dos trabalhos desenvolvidos por alunos, professores e pais, possibilitando reverberar as práticas escolares aos potenciais leitores. Outras motivações da publicação estão ligadas à divulgação do projeto Fazer a Ponte e à apresentação dos elementos da cultura escolar daquela instituição. Destacamos, ainda, que o *Dia a Dia* informou à comunidade escolar quanto aos acontecimentos da Escola da Ponte, aqueles elegidos como noticiáveis pelos criadores do jornal, e buscou, de forma intermitente, intermediar a criação de laços entre a escola em exame e as famílias. Dessa forma o periódico acabou por manter-se fortalecido.

Palavras-chave: Jornal escolar. Práticas escolares. Cultura escolar. Escola da Ponte.

ABSTRACT

This study's general objective is to understand a fraction of the school practices carried out at Escola da Ponte, considering the school culture disseminated in that place. To carry out this research, I analyzed the school's newspaper, called *Jornal Dia a Dia*. This research is in the History of Education field with interface in cultural history. The research work has a documental *corpus* consisting of one hundred and fourteen editions of *Dia a Dia*, from November 1977 to January 2017. In this sense, I seek to inquire and reflect upon both the newspaper and Escola da Ponte's technical and content modifications during these four decades. The research results indicate the existence of rupture and maintenance movements regarding the *Dia a Dia* newspaper. The main ruptures are related to the technologies used in its manufacture, social and political contexts, in which the school was inserted, and the institution's public reader. As for the maintenance movement, the use of *Dia a Dia* by the Escola da Ponte stands out as it was a mural for the works developed by students, teachers, and parents, making it possible to reverberate school practices to potential readers. It promoted the project Fazer a Ponte (Build the Bridge, in English) and presented its school culture elements. It is noteworthy that *Dia a Dia* informed the school community about the events of Escola da Ponte, those elected as newsworthy by the newspaper's founders, and sought, intermittently, to mediate the creation of bonds between the school and the students' families. In this way, it ended up getting strengthened.

Keywords: School newspaper. School practices. School culture. Escola da Ponte.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – “Há uma lixeira à beira da minha escola”	19
Figura 2 – “As lixeiras da nossa vila”	20
Figura 3 – Representação do espaço educativo da Escola da Ponte.....	22
Figura 4 – “Com a casa às costas”.....	28
Figura 5 – “Escola deve ser uma comunidade”	31
Figura 6 – A família	37
Figura 7 – Núcleo dos alunos	38
Figura 8 – Redação para um concurso.....	40
Figura 9 – Uso da palavra professor como equivalente a orientador educacional e tutor da Escola da Ponte	42
Figura 10 – O objeto social - jornal.....	48
Figura 11 – Texto e desenho de aluno	51
Figura 12 – Democraticidade vivenciada na Escola da Ponte.....	53
Figura 13 – Pesquisas	59
Figura 14 – Texto jornal como memória coletiva	60
Figura 15 – Doze primeiras capas do Jornal da Ponte.....	62
Figura 16 – Editorial da primeira edição do jornal nomeado <i>Dia a Dia</i>	63
Figura 17 – Procedimentos do jornal.....	71
Figura 18 – Erro na impressão do jornal	72
Figura 19 – Aquisição da polícopiadora.....	73
Figura 20 – Logotipo do Jornal <i>Dia a Dia</i>	76
Figura 21 – O jornal possui custos	77
Figura 22 – “Publicidade no <i>Dia a Dia</i> – sim ou não?”	79
Figura 23 – Editorial do Jornal <i>Dia a Dia</i>	83
Figura 24 – Espaço do jornal dedicado a acontecimento dos alunos	84
Figura 25 – Ano da criança	88
Figura 26 – Notícia de falecimento de irmão de aluno	89
Figura 27 – Escola de ontem ou escola de hoje?.....	96
Figura 28 – Nota final.....	97

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Categorias de análise: padrões gráficos, diagramação e outros elementos físicos	68
Quadro 2 – Categorias de análise: conteúdos.....	68
Quadro 3 – Categorias de análise: circulação.....	68

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	A ESCOLA DA PONTE EM MOVIMENTO	17
2.1	Fragmentos do passado: rituais, culturas e modos de agir	18
2.2	Cultura escolar, cultura material escolar	39
3	JORNAL DIA A DIA: MATERIALIDADE E CIRCULAÇÃO	47
3.1	O jornal como objeto social	47
3.2	A imprensa escolar como fonte de pesquisa	53
3.2.1	Momentos iniciais do jornal escolar da Ponte.....	61
4	O JORNAL DIA A DIA: O ELO ENTRE CULTURA E PRÁTICAS ESCOLARES DA ESCOLA DA PONTE	65
4.1	A ponte e a travessia	66
4.1.1	Padrões gráficos, diagramação e outros elementos físicos.....	69
4.1.2	Conteúdos.....	81
4.1.3	Circulação.....	89
4.2	O Dia a Dia na ponte: o indício, a pista o rastro	90
4.2.1	Marcas encontradas	93
5	CONCLUSÃO	100
	REFERÊNCIAS	103

1 INTRODUÇÃO

Contei sobre a escola com que sempre sonhei, sem imaginar que pudesse existir. Mas existia, em Portugal... Quando a vi, fiquei alegre e repeti, para ela, o que Fernando Pessoa havia dito para uma mulher amada: 'Quando te vi, amei-te já muito antes...

Rubem Alves (2001, p. 35)

A pesquisa acadêmica dificilmente traz um percurso retilíneo e homogêneo, e minha experiência na pós-graduação da UFJF foi um caminho difícil até delinear o meu objeto de pesquisa. Busquei apreender os conhecimentos e as reflexões nas diversas disciplinas oferecidas pelo Programa de Mestrado em Educação (PPGE) para, enfim, traçar meus passos e planejar um trajeto a ser percorrido na pesquisa.

Ingressei no PPGE com um projeto que contaria com o meu conhecimento pretérito com relação ao Direito Constitucional, privilegiando minha graduação em Direito, e com foco na relação entre esse campo e a Educação, para investigar os mecanismos presentes na Magna Carta para a efetividade deste direito constitucionalmente assegurado. Contudo, durante as aulas das disciplinas do mestrado, principalmente as ligadas à filosofia da educação e análise de discurso, ganhou força o interesse pelo estudo sobre as práticas escolares e as maneiras com que estas são apresentadas aos que não as vivenciam. Contaram para essa mudança também, as minhas vivências escolares como aluna e funcionária de escola.

A partir desse interesse fiquei com uma dúvida: onde é possível perceber os indícios dessas práticas escolares? Eu precisava de um espaço escolar para ser minha fonte concreta. Partii, então, de um desejo antigo, que eu adquiri em uma palestra que assisti do educador português José Pacheco. Ele falava da Escola da Ponte, de seu projeto e de suas práticas pedagógicas. Ali era o lugar para onde eu queria olhar.

Fascinada pelo seu amor pela Educação e pela Escola da Ponte, passei a pesquisar mais acerca do seu ponto de vista e da história da instituição para entender melhor as propostas de trabalho desse educador através de livros de sua autoria e coautoria¹, além de algumas entrevistas dadas por ele.

Faltava ao meu estudo a metodologia que coordenasse meu olhar investigativo, pois eu precisava de algo que fosse meu aparato para a análise das práticas apresentadas. Foi nesse

¹ *Diálogos com a Escola da Ponte, Escola da Ponte: formação e transformação e Para os filhos dos filhos dos nossos filhos.*

momento que as ideias de fonte e material histórico apresentadas nas aulas de História da Educação e nas discussões do Grupo de Ensino e Pesquisa em História da Educação e Sociedade do qual faço parte deram um sentido ao que eu poderia me valer durante a pesquisa.

Somado a isso, tive o privilégio de receber a orientação da Prof.^a Dr.^a Maria Zélia Maia de Souza que me mostrou a pesquisa de Diana Gonçalves Vidal², autora que defende uma “ampliação da noção de documento escolar na perspectiva de conferir mais visibilidade à cultura e às práticas escolares” (VIDAL, 2007). Neste sentido, Zélia, sabendo de minha graduação em Comunicação Social³, trouxe até mim a perspectiva de enxergar as práticas da escola a partir dos seus jornais.

A partir desse momento consegui delimitar o objeto de estudo desta pesquisa: análise das práticas pedagógicas realizadas na Escola da Ponte e da sua cultura escolar através do jornal da escola. Chamado *Dia a Dia*, o periódico já acumula mais de cem edições, mas apenas oito foram disponibilizadas no site oficial da Ponte durante um período. Atualmente, apesar de o site contar com uma aba exclusiva para os jornais, nenhum arquivo está disponível. Tendo esse cenário em vista, inicialmente o conteúdo material deste trabalho seria a análise de oito edições do referido jornal.

Porém, a caminhada da pesquisa nos reserva momentos inesperados. Graças às conexões possibilitadas pela pós-modernidade e o contato da minha orientadora com um professor da Escola da Ponte, recebi com alegria uma riqueza de material a ser trabalhado por esta pesquisa. Dessa forma, unindo o arquivo enviado solicitadamente por esse professor que se tornou um grande colaborador deste estudo ao meu arquivo pessoal, pude analisar 114 edições do jornal *Dia a Dia*. Para este estudo também foram usadas fontes secundárias, que são os documentos oficiais da instituição, como: o Projeto Educativo da Escola, o Regulamento Interno, o Contrato de Autonomia e o Plano de Melhoria, todos coletados no site da Ponte durante o tempo em que se encontravam disponíveis.

Busco, a partir dos referidos documentos e da análise dos jornais, conhecer o cotidiano da Ponte, bem como perceber como a escola se vê e quer ser vista pela comunidade escolar e o mundo, uma vez que alguns exemplares do jornal estiveram disponíveis no site oficial da escola durante pelo menos dois anos.

² A autora, que chama os arquivos de “cultura material da escola” e utilizou-se da biblioteca escolar em seus estudos, nos “atenta para a lição certauniana de que não se podem deduzir os usos diretamente dos objetos, pretende perscrutar, na materialidade dos impressos, a formalidade das práticas” (VIDAL, 2007).

³ Graduada em Comunicação Social, pela UFJF, em 2013.

Este movimento tornou-se possível ao compreender que a imprensa escolar faz parte de um campo de investigação da História da Educação que busca analisar a produção dos estudantes e a propagação de saberes por meio de impressos (jornais ou revistas). Entendendo essa riqueza presente nas obras criadas pelos alunos em seus percursos de aprendizagem decidi tomar essas produções como ponto de partida para ver o que poderiam oferecer, visto que a imprensa escolar representa importante meio de constituição e expressão da cultura escolar.

Portanto, o presente trabalho utiliza-se dos jornais estudantis, especificamente do Jornal *Dia a Dia* da instituição portuguesa Escola da Ponte como fonte para estudos em História da Educação. É importante ressaltar que os impressos, além de fontes, são os próprios objetos de investigação, pois são entendidos aqui como produtos das práticas escolares e veículo de (re)produção da cultura escolar. Dessa forma, o objetivo é conhecer a Ponte através daqueles que são seus principais afetados, os alunos. Apontada pelo educador brasileiro, Rubem Alves, como a escola com que [ele] sempre sonhou sem imaginar que pudesse existir, é uma instituição que merece ser conhecida e estudada.

Neste trabalho os jornais são vistos como ferramentas materiais de múltiplos discursos, já que seus textos nos mostram configurações específicas da vida e da cultura escolar, das quais podemos aferir expectativas e idealizações dos produtores dos textos que, em sua maioria, são os próprios alunos. Tal visão está alinhada ao pensamento de Bastos (1997) que afirma: “a imprensa pedagógica constitui-se em um dispositivo privilegiado para reflexão sobre o modo de produção de discursos” (p. 73).

Trabalhar com as produções dos alunos é ler e ouvir o que foi dito, mas, principalmente, buscar os indícios das práticas discursivas. Trabalhar com o todo produzido em cada edição. Tirar os holofotes dos personagens oficiais que narram a história e ouvir a voz dos alunos comuns entendendo seus processos de aprendizagem.

Este ensaio é dedicado ao homem ordinário. Herói comum. Personagem disseminada. Caminhante inumerável. [...] Esse herói anônimo vem de muito longe. É um murmúrio das sociedades. De todo tempo, anterior aos textos. Nem os espera. Zomba deles. Mas, nas representações escritas, vai progredindo. Pouco a pouco ocupa o centro de nossas cenas científicas. Os projetores abandonaram os atores donos de nomes próprios e de brasões sociais para voltar-se para o coro dos figurantes amontoados dos lados e, depois fixar-se enfim na multidão do público (CERTEAU, 1998, p. 57).

Por meio da análise dos periódicos buscamos perceber ideias e posicionamentos discursivos nas escolhas dos temas, das ilustrações, na distribuição dos assuntos no corpo do jornal, assim como dos debates explícitos em sua redação. Também destacamos a possibilidade

de observar múltiplas representações sociais que são vislumbradas no ambiente escolar. Por isso, podemos dizer que os estudos históricos trazem à tona as práticas escolares, os sujeitos envolvidos e suas produções.

É mister mencionar que a análise por este ângulo só é possível em certa medida pela estrutura apresentada pelo jornal *Dia a Dia* durante um momento da sua existência. Como será visto mais à frente, o referido jornal privilegia a escrita discente, proporcionando um espaço de exibição das impressões dos alunos diante das práticas escolares vivenciadas na Escola da Ponte. Portanto, no jornal em comento, o aluno é visto como um produtor de conteúdo importante, e isso justifica a relevância de analisarmos a escrita presente no jornal. Passamos agora para um ponto chave no caminho desenvolvido por qualquer estudo acadêmico.

Sabendo da relevância de ter conhecimento quanto aos estágios de discussão dos objetos tratados nos estudos científicos para a construção de uma pesquisa acadêmica, procurei ampliar o meu conhecimento relacionado à imprensa pedagógica. A busca foi no sentido de entender como outros pesquisadores utilizam da imprensa pedagógica em seus trabalhos. Esta pesquisa foi realizada a partir de artigos publicados em anais de congressos ou periódicos da área, e do banco de teses e dissertações. Busquei fazê-la de forma ampla, o que significou uma abertura a textos que abordavam a imprensa pedagógica como fonte e/ou como objeto de pesquisa no âmbito da História da Educação.

Inicialmente busquei no acervo de produção científica da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), a qual disponibiliza o acesso da produção científica do país e do mundo, e divulga a produção científica nacional por meio do Portal de Periódicos, onde textos, resumos e documentos selecionados de revistas científicas e bases de dados, a fim de trazer um panorama de utilização da imprensa escolar nos trabalhos publicados nas últimas décadas.

Com esse levantamento bibliográfico constatei que o tema imprensa escolar é um assunto em ascensão nas pesquisas sobre educação, visto que na busca nos periódicos da CAPES, separando as três últimas décadas em três períodos de dez anos, o resultado foi o seguinte: no período compreendido entre 1990 e 1999, não houve nenhuma publicação relacionada à imprensa escolar; entre 2000 e 2009, encontramos 73 trabalhos; e entre 2010 e 2020, são 320 publicações. Vale destacar que a pesquisa da última década também foi feita dividindo-a em quinquênios e, da mesma forma, percebemos esta progressão no uso da imprensa pedagógica nos estudos, uma vez que entre 2010 e 2014 foram 139 trabalhos publicados e entre 2015 e 2020 encontramos 181.

Ainda na página da CAPES, fizemos uma pesquisa sobre os trabalhos dos últimos anos que falaram sobre a Escola da Ponte, pois torna-se oportuno saber o que se fala da instituição que será o nosso espaço escolar a ser estudado. De acordo com o acervo da CAPES, um trabalho de 2012 elege a Escola da Ponte como objeto de pesquisa, com o título *A Escola da Ponte como objecto de debate educativo*. Vimos, também, dois trabalhos publicados em 2018, são eles: *A apropriação do espaço escolar pelo projeto pedagógico: o caso da Escola da Ponte (Portugal)* e *Breves reflexões sobre Simone Weil, a Escola da Ponte e o ensino jurídico*. Por fim, encontramos um trabalho de 2020, qual seja, *Imagens of Pedagogical Innovation: Escola da Ponte (Portugal)*. Feito esse levantamento, notamos que nenhum trabalho contemplava o mesmo objetivo ou angulação da pesquisa que apresento nesta dissertação.

Outro canal de consulta para nosso levantamento bibliográfico foi a Revista Brasileira de História da Educação (RBHE), a qual é a publicação oficial da Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE). Publicada a cada dois anos desde 2000, encontra-se disponível tanto no formato impresso quanto no digital e oferece um panorama dos trabalhos que estão sendo desenvolvidos por historiadores da educação na contemporaneidade. Saviani *et al.* (2012) falam deste novo lugar do saber científico

Com o surgimento da SBHE abriu-se um novo espaço para a apresentação, discussão e divulgação da produção da área representado pelos Congressos Brasileiros de História da Educação e pela Revista Brasileira de História da Educação (p. 29).

Ao fazer a pesquisa quanto ao objeto a ser trabalhado no presente estudo encontrei na primeira edição da RBHE quatro publicações no eixo “Imprensa Pedagógica”, sendo duas relativas a revistas pedagógicas e outras duas que privilegiaram o estudo dos manuais pedagógicos. Portanto, nenhum trabalho tinha um jornal escolar como tema ou fonte documental na pesquisa em história da educação. Nas quatro publicações seguintes o eixo da imprensa pedagógica não apareceu, voltando a ser tema de trabalhos publicados apenas na edição de 2011, no eixo “Impressos, Intelectuais e História da Educação”. Apesar de ter voltado à revista, a edição de 2011 não está disponível on-line e por isso não posso precisar quantos foram os trabalhos que se utilizaram dos impressos para os seus estudos.

Nos anos subsequentes, o eixo “Impressos, Intelectuais e História da Educação” esteve presente com número expressivo de trabalhos: em 2013 com 119, em 2015 com 170 e em 2017 com 62 trabalhos, demonstrando uma grande frequência de estudos e a mudança significativa no tratamento dos documentos escolares nos estudos de história da educação. A queda do

número de trabalhos para o ano 2017 é uma lacuna sobre a qual demanda mais investimento em pesquisa.

Outra mudança significativa na edição de 2011 foi a inclusão do eixo “Patrimônio educativo e cultura material escolar”, que também apareceu da mesma forma nas edições de 2013 e 2015, sofrendo uma alteração na edição de 2017 aparecendo como “Memória e Patrimônio Educativo”. A inclusão destes termos como eixo na RBHE reforça a ressignificação, ocorrida nos últimos tempos, quanto ao tratamento dado as fontes históricas nos estudos de história da educação brasileira. Torna-se oportuno dizer que este trabalho se relaciona intimamente a estes eixos, uma vez que o jornal escolar é um item que faz parte da cultura material escolar, bem como é alicerce inegável das memórias escolares. Com relação ao uso dos produtos da imprensa pedagógica nos estudos em história da educação temos que

A imprensa é o quarto tipo de fonte mais utilizado nos artigos analisados [...]. A utilização da imprensa como documento nos artigos publicados na revista parece refletir um movimento mais amplo, ocorrido nas últimas décadas na área de história da educação e concretizado em publicações destinadas ao tema, que tem chamado a atenção dos pesquisadores para a potencialidade das revistas e dos jornais, principalmente pedagógicos, no processo de exploração de novos objetos e de ressignificação de objetos tradicionais – como a constituição do pensamento pedagógico no Brasil. Muitos desses periódicos – alguns deles tratados também como objetos de pesquisa e não apenas como fontes – estavam “adormecidos” nas prateleiras de arquivos públicos e privados (GALVÃO *et al.*, 2008, p. 208).

É neste ambiente de novas formas de operar o estudo em História da Educação que encontramos o alicerce desta pesquisa. Um trabalho a ser destacado como relevante para o que será tratado aqui está na publicação do VII Congresso Brasileiro de História da Educação (CBHE), ocorrido em 2013, intitulada “Representações do cotidiano escolar: uma leitura da memória por meio da imagem (1890/1940)”. Nesse texto a pesquisadora Maria de Fátima da Silva Costa Garcia de Mattos (2013) utiliza, não apenas imagens de arquivos, mas também documentos como diários de classe, cadernetas de anotações de controle e prestações de contas da escola e do professor, registros de frequências, da rotina e das práticas escolares, cartas de correspondência oficial e pessoal, cadernos escolares contendo lições e anotações, para trabalhar com cultura material, imagem e representação.

Ainda na busca nas edições do evento, encontramos o trabalho “As revistas ilustradas infantis como fontes de pesquisa na história da educação: o exemplo do impresso feminino Cirandinha (1951-1958)”, na edição IX do CBHE, de 2017. Nesse texto as pesquisadoras Luciana Borges Patroclo e Sabrinne Cordeiro Barbosa da Silva (2017) utilizaram um impresso

como fonte e objeto de estudo no campo da história da educação, mesmo tratamento dado ao jornal *Dia a Dia* neste percurso de pesquisa.

Outra fonte usada no estado da arte deste trabalho foi a Revista Brasileira de Educação (RBE), publicada em fluxo contínuo pela ANPEd desde 1995. Contando com 25 volumes, o periódico traz artigos inéditos e dossiês que abordam temas associados à educação. A partir da leitura dos títulos e resumos das publicações dos últimos cinco anos temos poucos trabalhos relacionados ao tema de nossa pesquisa, dentre os quais três merecem ser citados.

No volume 22, datado de 2017, temos um estudo das representações no contexto da imprensa pedagógica, especificamente os livros didáticos, no trabalho “A infância representada nos livros escolares: tipos de textos e estereótipos sociais”, de Teresa Conceição Mendes Castro, Rui Ramos e Manuel Nascimento Lima. No volume subsequente de número 23, de 2018, com o título “Sete teses sobre o texto escolar como artefato cultural”, de Luis Ajagan Lester (México) e de Carlos Muñoz Labrana (Chile), a pesquisa vai ao encontro do novo entendimento quanto ao tratamento do texto escolar como um artefato pertencente a cultura material escolar. O volume 24, de 2019, não apresenta nenhum trabalho que permeie a linha de estudo do nosso trabalho. Mais adiante, e por derradeiro, temos o volume 25, do ano de 2020, no qual temos o trabalho “A criança anormal e as propostas de educação escolar na imprensa mineira”, de Raquel Martins de Assis, Cristina Rodrigues de Oliveira e Erika Lourenço, que usam dos impressos como fonte de pesquisa.

Durante este caminho de pesquisa relativa aos trabalhos que possam trazer contribuições, ou ao menos mostrar abordagens aos temas que se relacionam a este estudo, ficou constatada uma ausência, um silêncio significativo acerca do objeto desta pesquisa. Mesmo encontrando alguns trabalhos que guardam sutis intercessões quanto ao tema ou à metodologia empregada neste estudo, ficou clara uma lacuna com relação ao jornal *Dia a Dia*. Não tive notícias quanto ao seu uso como fonte ou objeto de estudos acadêmicos. Apesar da crescente abordagem dos impressos escolares nos últimos anos, parece ser este o primeiro estudo que trata do jornal escolar da Escola da Ponte.

Esta pesquisa se estrutura em três capítulos nos quais busco apresentar as faces do jornal *Dia a Dia* e o contexto escolar do objeto a ser analisado. Nesse sentido, temos a seguinte organização dos capítulos do presente estudo: “A Escola da Ponte em movimento”; “Jornal *Dia a Dia*: materialidade e circulação” e “O jornal *Dia a Dia*: o elo entre cultura e práticas escolares da Escola da Ponte”.

No capítulo a seguir, é feita uma apresentação da Escola da Ponte, espaço escolar escolhido para o estudo, trazendo seus dados históricos e traços do seu método de ensino que a diferencia das demais escolas. Busca-se entender qual a ambientação existente na Ponte que enseja a criação do jornal escolar, suas práticas e cultura escolares. Sendo de grande relevância para este trabalho, dedicamos uma seção a cada um desses elementos do cotidiano escolar. A primeira delas, nomeada “As práticas escolares: rituais, culturas e modos de agir”, aborda o conceito e a visão teórica debatidas com relação às práticas escolares atualmente. Com a base no cotidiano escolar, e entendendo as práticas como ações pertencentes a um movimento maior pertencente a uma cultura escolar, chegamos à segunda seção, intitulada “Cultura escolar, cultura material escolar”, na qual recuperamos a conceitualização do jornal, localizamos o jornal neste meio, e discutimos o conceito de cultura material escolar e seu crescente uso nas pesquisas em história da educação.

Entendendo a importância de conhecer os caminhos percorridos pelas fontes do estudo, no capítulo 3 trabalhamos a categoria imprensa escolar, na qual insere-se o *Jornal Dia a Dia*. Ao longo do capítulo, levantamos um panorama histórico desse elemento produzido para e/ou pela escola e seus pares. Inicialmente, apresentamos “O jornal como objeto social”, pela necessidade de empreender um esforço singular de pesquisa à conceituação de jornal e seu papel social, dada a especificidade do trabalho que toma como objeto um jornal dentro do universo dos jornais escolares. Em “A imprensa escolar como fonte de pesquisa”, investigamos os precedentes históricos do tema e expomos sua utilização no âmbito da história da educação vista a conjuntura atual das pesquisas neste campo de estudo.

Na segunda parte do capítulo, descrevemos os primeiros passos do jornal da Escola da Ponte. Elaboramos no subitem “Momentos iniciais do jornal da Ponte” em defesa da inclusão das primeiras edições do jornal na análise deste trabalho mesmo sem possuírem a nomenclatura *Dia a Dia*, vista a relevância destes periódicos para a trajetória completa do objeto deste estudo.

Nesses dois primeiros capítulos analíticos, muitos artífices foram os responsáveis pela construção da narrativa. Nesse sentido, utilizando a metáfora da construção/arquitetura, lancei luzes sobre a planta do edifício, na qual prossegui estabelecendo as regras convenientes a essa empreitada. Para sustentar o edifício, a pesquisa com os jornais da Escola da Ponte foi fundamental aos meus objetivos e esse *corpus* documental robusto é objeto de análise do capítulo 4.

Cada análise do jornal *Dia a Dia* é proposta tomando por referência a reflexão acerca das práticas escolares desenvolvidas na Escola da Ponte e a cultura escolar propagada naquele

ambiente pelo aporte material do *Dia a Dia*. Para tanto, na seção “A ponte e a travessia” traçamos metas e pontuamos as informações desenvolvidas no trabalho. Vale dizer que outras poderão ser achadas ou mesmo algumas pontuadas poderão deixar de estar nos resultados por não serem vislumbradas quando do trabalho empírico; tudo isso faz parte do processo. Por fim, a seção “O dia a dia na Ponte: o indício, a pista e o rastro”, inspirado no pensamento do historiador Carlo Ginzburg como fundamental para o trabalho de coleta de dados historiográficos por um método interpretativo focado nos indícios presentes nos documentos históricos, método que foi perseguido durante o desenvolvimento das coletas feitas na leitura dos jornais *Dia a Dia*. Na derradeira seção, utilizando uma divisão a partir do aspecto de nomeação do jornal da Escola da Ponte, são apontadas as “Marcas encontradas”. A dedicação empregada neste momento do texto foi atinente a pontuar de forma clara as principais rupturas e continuidades que emergiram durante as diversas investidas pelos rastros encontrados nos jornais, relativos às categorias eleitas para a análise do presente trabalho.

2 A ESCOLA DA PONTE EM MOVIMENTO

Tomar Portugal como campo de observação. Muitos serão os desafios enfrentados e perguntas a serem investigadas. Para o que interessa na presente investigação, indagamos: o que os historiadores portugueses nos contam da educação nos tempos de organização e implementação do projeto Fazer a Ponte? Que concepções de educação são defendidas pelo professor português José Pacheco⁴, idealizador do projeto? Quais seriam as críticas de Pacheco ao sistema de ensino português dos anos de 1970? Em qual contexto de políticas educacionais o projeto estava inserido?

Para responder essas questões da forma mais adequada possível, nos aproximamos do trabalho de pesquisadores da história da educação daquele país. O objetivo de tal ação não é realizar um inventário desse campo de conhecimento nem das diferentes abordagens e opções teóricas que marcam presença quando da operação historiográfica, pois seria da ordem do impossível caracterizar um campo de conhecimento tão diversificado, tanto em termos da própria constituição da educação em Portugal, um país milenar, quanto aos objetos eleitos para serem investigados como, instituições educativas, formas escolares, sujeitos submetidos à experiência educativa em diferentes tempos e espaços históricos, dentre outras temáticas. Dito isso, essa aproximação se deve, única e exclusivamente, ao desejo de compreender o sentido e os efeitos do conhecimento construído por meio dos passos seguidos até que o jornal da Escola da Ponte venha a público. Por outras palavras, a Escola Básica da Ponte está entre um estágio de conhecimento para outro e essa travessia é feita a partir da escola, como veremos no capítulo 4.

Segundo Justino Magalhães as contribuições da história cultural colaboraram sobremaneira para que a historiografia das instituições escolares se fizesse contemplando toda sua diversidade, material e simbólica. Tomando como base temas recorrentes como “cultura escolar, arquitetura e espaços, rede escolar, públicos, manuais, materiais pedagógicos e didáticos, tempo escolar, representações da escola; memórias da escola; história dos públicos e história da profissão docente” (MAGALHÃES, 2007b, p. 26). Nessa ambiência a escola e a formação de professores foram assumindo protagonismo na história da educação portuguesa.

Segundo Felgueiras (2008) nos anos 1970 Portugal vivia o que os historiadores passaram a denominar como primavera marcelista, ou seja, foi o período do governo de Marcelo

⁴ Licenciado em Ciências da Educação e Mestre em Educação da Criança pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Caetano, que era visto como uma esperança de abertura do regime e de ténues transformações no sistema educativo: alargamento da obrigatoriedade escolar o que implicava aumento rápido do número de professores (FELGUEIRAS, 2008). A referida autora acrescenta que

A expansão do sistema obrigava a alargar o recrutamento e abria fissuras nas formas de controle ideológico e político dos professores. E, ainda que o aparelho repressivo se mantivesse intacto, as formas intermediárias de poder iam perdendo força (FELGUEIRAS, 2008, p. 483).

Parte do cenário educacional dos anos 70 em Portugal, como o apresentado por Felgueiras, teria instigado José Pacheco a elaborar os princípios pedagógicos do projeto “Fazer a Ponte” da denominada Escola da Ponte? Nesse sentido, para um melhor entendimento das práticas e cultura escolares da Escola da Ponte é importante abordar as condições que possibilitaram a emergência daquele projeto e, dessa forma, dos princípios pedagógicos que nortearam o seu funcionamento.

2.1 Fragmentos do passado: rituais, culturas e modos de agir

Desde a sua criação, a Escola da Ponte é uma instituição pública. O edifício onde funcionou durante décadas foi construído em 1932, na Vila das Aves, freguesia do conselho de Santo Tirso e recebeu este nome “graças à proximidade a uma das pontes que cruza o rio Vizela” (SILVA; RIBEIRO, 2019, p. 48).

Apesar de pertencer a uma zona semirrural, no norte do país, onde predomina tradicionalmente a indústria têxtil, a cidade não excluiu por completo características de vida e organização ligadas ao mundo rural, sendo aliás notória na região a situação profissional de pluriatividade, caracterizada pelo desempenho de trabalho fabril e a manutenção de algumas atividades ligadas à exploração agrícola, mesmo que seja só de subsistência (ARAÚJO, 1999, p. 52).

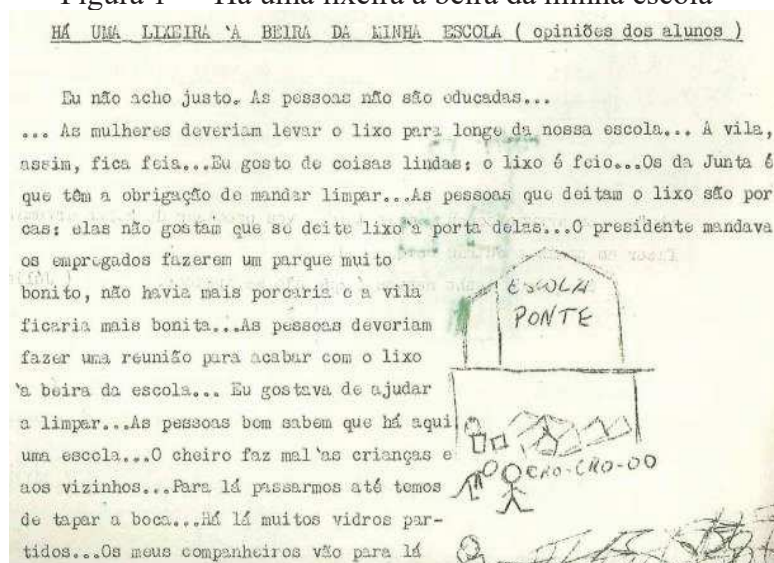
Não podemos perder de vista que qualquer escola está inserida em um contexto social e a Escola da Ponte esteve inserida, nas quatro décadas que sucederam a sua inauguração, em um cenário que contribuiu para o estado de caos que a instituição vivenciou na metade da década de setenta. De acordo com o levantamento histórico de Deolinda Araújo (1999), o contexto do “início da década de setenta acarreta uma crise na indústria têxtil, que deu origem ao encerramento de muitas unidades fabris e, a uma consequente instabilidade profissional e social dos habitantes da região” (ARAÚJO, 1999, p. 44).

Reportando-se ao tempo específico da criação e implementação do projeto Fazer a Ponte no contexto institucional desta, Deolinda Araújo (1999) afirma que

Em 1976, o edifício da escola estava completamente degradado: os buracos no soalho representavam um perigo para alunos e professores, os alunos levavam de casa o banco para se sentarem; a inexistência de casas de banho era inadmissível; o lixo que se amontoava junto da escola era mais uma preocupação em termos de saúde pública; o espaço do recreio era tudo menos apropriado para que as crianças o pudessem usar e as diversas instâncias de tutela manifestavam uma total indiferença (ARAÚJO, 1999, p. 77).

Foi neste mesmo ano que José Pacheco passou a integrar o quadro docente da instituição e deu início ao seu projeto, mas essa implementação não pôs fim imediato aos problemas sociais enfrentados por aquela comunidade. A exemplo disso temos o fato de a comunidade escolar sofrer com a quantidade de lixo acumulado próximo à escola, conforme podemos verificar nas imagens de textos retirados das edições do jornal da escola de novembro de 1977 e fevereiro de 1980.

Figura 1 – “Há uma lixeira à beira da minha escola”⁵



Fonte: Jornal da Ponte, edição de novembro de 1977.

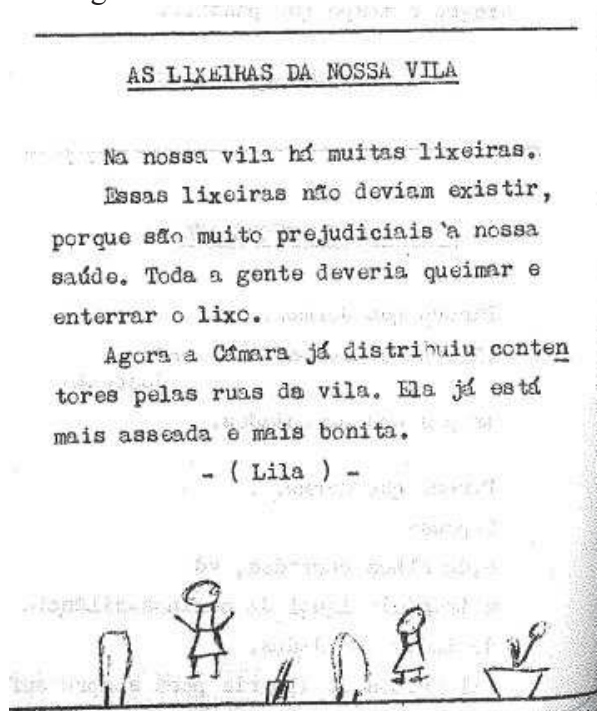
⁵ HÁ UMA LIXEIRA À BEIRA DA MINHA ESCOLA (opiniões dos alunos)

Eu não acho justo. As pessoas não são educadas...

... As mulheres deveriam levar o lixo para longe da nossa escola ... A vila, assim, fica feia... Eu gosto de coisas lindas; o lixo é feio... Os da Junta é que têm a obrigação de mandar limpar... As pessoas que deitam o lixo são porcas; elas não gostam que se deite o lixo à porta delas... O presidente mandava os empregados fazerem um parque muito bonito, não havia mais porcaria e a vila ficaria mais bonita... As pessoas deveriam fazer uma reunião para acabar com o lixo à beira da escola... Eu gostava de ajudar a limpar... As pessoas bem sabem que há aqui uma escola... O cheiro faz mal às crianças e aos vizinhos... Para lá passarmos até temos de tapar a boca... Há lá muitos vidros partidos... Os meus companheiros vão para lá.

De acordo com o texto do aluno apresentado na Figura 1, em 1977 os próprios moradores dos arredores da escola acumulavam lixo e o estudante propõe a criação de reunião e pontua a responsabilidade dos órgãos públicos para uma fiscalização e uma ação eficaz contra esse problema.

Figura 2 – “As lixeiras da nossa vila”⁶



Fonte: Jornal da Ponte, edição de fevereiro de 1980.

Na edição de fevereiro de 1980 uma aluna evidencia a mudança com relação ao lixo. Conforme está no texto da Figura 2, neste segundo momento, lixeiras, distribuídas pelo Poder Público fazem parte do cenário da vila. Neste sentido, temos que a mudança relativa ao lixo, fato que incomodava toda a comunidade escolar e vizinhos da escola, ocorreu de forma gradativa, assim como várias outras conquistas dos alunos, professores e pais da Escola da Ponte.

Vale dizer que o momento de implementação do projeto Fazer a Ponte coincide com a construção de escolas de área aberta em Portugal, também chamadas de P3, numa tentativa de

⁶ AS LIXEIRAS DA NOSSA VILA

Na nossa vila há muitas lixeiras. Essas lixeiras não deviam existir, porque são muito prejudiciais à nossa saúde. Toda a gente deveria queimar e enterrar o lixo. Agora a Câmara já distribuiu contentores pelas ruas da vila. Elas já está mais asseada e mais bonita. - (Lila) -

introduzir uma concepção diferente de organização do espaço escolar. Desse esforço, a Escola da Ponte é um raro exemplo de contínua busca por essa essência (SILVA; RIBEIRO, 2019, p. 485).

Conforme consta no mapa preenchido pela Direção-Geral do Ensino Básico Português, em 1985 o país chegou ao número de 371 escolas construídas no modelo aberto. Ou seja, o contexto político educacional no qual o projeto Fazer a Ponte estava inserido era coerente com o que buscavam aqueles professores para a escola aqui em estudo. Podemos entender, então, que eles faziam parte de um movimento maior, do qual a Ponte era metonímia. No entanto, nas demais experiências, a estrutura física das escolas não foi bem aceita e, de acordo com Martinho (2011), esse modelo

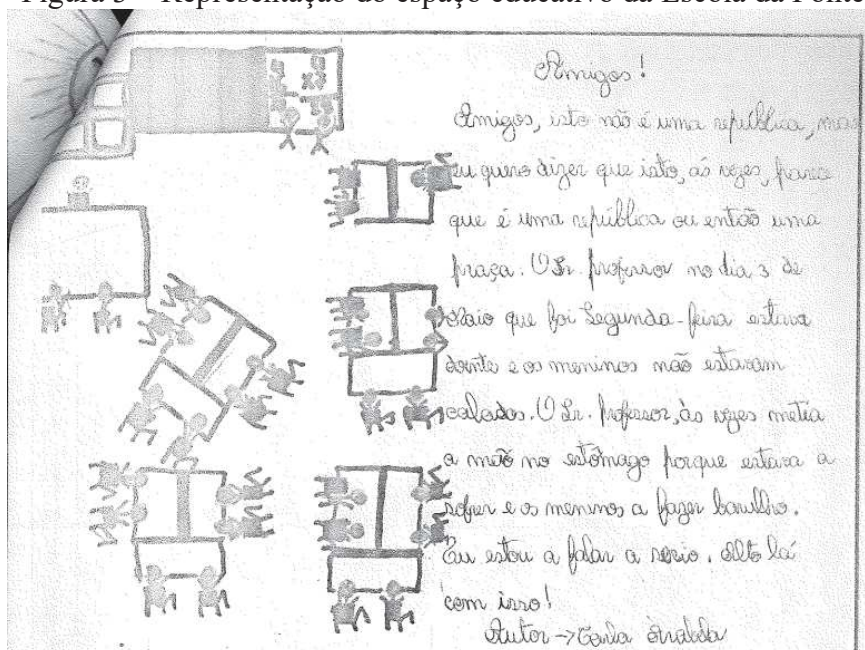
provocou resistência às ‘novas’ abordagens de ensino que o espaço em área aberta permitia. Houve queixas em relação ao nível de ruído e, além disso os professores não tiveram uma formação adequada que lhes permitisse trabalhar neste ‘novo’ ambiente (p. 226).

A continuidade desse modelo na Ponte pode ser explicada por ter sido sua introdução de maneira diversa das demais escolas que experimentaram ser abertas. Enquanto na maioria dos casos as escolas nasciam abertas – estruturas pedagógicas e estruturas físicas – a Escola da Ponte era uma escola fechada em sua origem, mas uma composição de forças da comunidade escolar fez com que a escola fosse transposta para o modelo aberto, em 1984.

Vale dizer que o projeto Fazer a Ponte data de 1976 e foi desenvolvido nos primeiros anos com o objetivo de apresentar aos alunos e familiares as possibilidades existentes no modelo aberto. O jornal da Escola da Ponte foi relevante sobremaneira neste momento, pois foi através dele que a escola, além de expor suas ideias e objetivos, buscava criar uma relação de parceria com todos ligados ao projeto, questão pontuada e exemplificada um pouco mais a frente neste estudo. Portanto, durante os três primeiros anos o projeto voltou-se ao objetivo de criar e fortalecer um vínculo entre as pessoas que permeavam a escola e o projeto de “Fazer a Ponte”. Passada esta fase, foi necessário buscar investimento público, uma vez que apenas a intencionalidade dos pais da Ponte não traria o investimento, indispensável para a implementação integral do projeto já iniciado. Essa movimentação foi essencial, pois era necessário um investimento público maior do que a escola já recebia do Estado para sua manutenção, de modo a possibilitar mudanças na estrutura física e a sua transposição ao modelo aberto. De acordo com o levantamento de Silva e Ribeiro (2019), foram os próprios professores da Ponte que solicitaram ao Ministério da Educação a intervenção no edifício escolar, em 1979,

embora a resposta não tenha sido imediata e, só em 1984, depois de realizadas obras na escola, é que se deu o início do trabalho em área aberta (p. 488).

Figura 3 – Representação do espaço educativo da Escola da Ponte



Fonte: Jornal da Ponte, edição de junho de 1982.

Podemos perceber que o posicionamento do corpo docente nesta transição do projeto pedagógico da escola foi fundamental, bem como para a adequação da Ponte à proposta pedagógica enquanto escola em área aberta. Conforme podemos verificar na Figura 3, retirada da edição de junho de 1982 do jornal escolar, o ambiente de aprendizagem da escola já era aberto em sua essência e os alunos, mesmo antes das obras para abertura do espaço físico que aconteceu em 1984, eram divididos em equipes sentavam-se em grupos. Portanto, vale dizer que a abertura física das instalações da Escola da Ponte ocorreu, neste caso específico, como uma adequação ao trabalho pedagógico que já estava sendo desenvolvido com este caráter de abertura.

No entanto, como revela a mesma Figura 3, os próprios alunos estranhavam a nova proposta pedagógica, como podemos conferir nas palavras da aluna Carla Arabela em edição do jornal da Escola da Ponte de maio de 1982:

Amigos!

Amigos, isto não é uma república, mas eu quero dizer que isto, às vezes, parece uma república ou então uma praça. O Sr. Professor no dia 3 de maio, que foi segunda-feira, estava doente e os meninos não estavam calçados. O Sr.

Professor, às vezes metia a mão no estômago porque estava a sofrer e os meninos a fazer barulho. Eu estou a falar a sério. Alto lá com isso!⁷

Se, por um lado, a reorganização física da escola foi fundamental para dar consistência ao desenvolvimento do Projeto Fazer a Ponte, por outro, tratava-se de uma experiência pedagógica nova para o corpo docente que também precisava se ambientar naquele espaço modificado por meio de outros ritos pedagógicos e, assim, compreender os fins e os meios aos quais a Escola da Ponte se propunha alinhar a partir do projeto como o relato da aluna.

A riqueza histórica percebida na leitura do material dos jornais trouxeram muitas outras reflexões, como o uso da palavra república pela aluna, em um sentido pejorativo e relacionado à bagunça e alvoroço causado por seus amigos da Ponte. Outro traço cultural é evidenciado com o pronome relativo de tratamento “Sr.” antes de professor demonstrando o seu respeito ao profissional, mas também a relação culturalmente difundida à época de maior distanciamento entre professores e alunos.

Retomando as origens da instituição, em 1976, notamos que a modificação das funções pedagógicas da Escola da Ponte partiu das inquietações do professor português José Pacheco e de mais duas professoras, que juntos elaboraram um projeto para transformar a Escola da Ponte, uma instituição pública, que objetiva oferecer a educação básica a partir de práticas educativas distintas da tradição da escola moderna. O modelo tradicional de escola problematizado por José Pacheco é aquele cujo rito das práticas institucionais é observável por meio das seguintes evidências: crianças em fila, organização do espaço em classes seriadas, disciplinas contidas na grade curricular e distribuídas em diferentes horários, relação professor-estudante em sala de aula, carteiras enfileiradas, registros da prática docente em quadro negro.

Estaria a proposta de escola elaborada por José Pacheco mais próxima do que denominamos escolas novas? Nessas escolas, a espontaneidade, o jogo e o trabalho foram elementos educativos sempre presentes, e por essa razão Manacorda (2010, p. 365) as denominou como sendo “escolas ativas”, visto que são baseadas no autogoverno e na cooperação, um ambiente que procura respeitar e estimular ao máximo a personalidade da criança. Nesse sentido, a descoberta da psicologia como fator de repensar o papel da escola e o seu perfil educativo associado à psiquê infantil em relação à adulta teria sido condição essencial para a implementação das “escolas novas”⁸.

⁷ Transcrição do texto presente na Figura 3.

⁸ Diferentes análises já foram feitas sobre as escolas novas. Cito a título de exemplo os estudos de Monarcha (2009) e Lourenço Filho (2002).

Contudo, não estamos afirmando que a Escola da Ponte possuiria características da “escola nova”, até porque, segundo Carlota Boto (2014, p. 110), é necessário considerar que além dos elementos de apropriação, há também a transposição de significados:

tudo o que se transpõe não chega da mesma forma ao lugar de destino. Ao ser transposto, um novo lugar se instituiu, um novo tempo se inaugurou, um novo conjunto de significados foi produzido, porque, no ato de ser transposto, o conhecimento foi reinventado (BOTO, 2014, p. 110).

Dessa forma, precisamos investigar quais os ritos da Escola da Ponte⁹. Pacheco, ao longo de anos como docência de escolas públicas lusas, acumulou o desejo de organizar uma escola que atendesse às suas expectativas de implementação de uma educação integral¹⁰. A concepção de educação integral defendida por José Pacheco é aquela que compreende o “indivíduo em sua integralidade, ao mesmo tempo em que se oferece uma presença de qualidade, íntegra e motivada pelo respeito”. E prossegue o educador português: “a pessoa está ali, e, portanto, tem o direito de ser quem é” (PACHECO, 2017).

A relação entre seu anseio de fazer diferente e seu entendimento quanto à educação integral culminou na criação do Projeto Fazer a Ponte. Esse projeto defende, segundo o Contrato de Autonomia da escola, “a promoção da autonomia e da consciência cívica dos estudantes, privilegiando o seu progressivo envolvimento nas tarefas e na responsabilidade de gestão da escola” (PACHECO; PACHECO, 2013, p. 2).

O fato de uma escola ter um Contrato de Autonomia se mostra algo singular na história da educação. Portanto, devemos reservar espaço para traçar o percurso atravessado pela escola até a materialização deste documento. A partir do levantamento histórico de Silva e Ribeiro (2019) os integrantes do Projeto Fazer a Ponte, sejam eles do corpo docente e discente da escola, sempre estiveram à frente das discussões a fim de culminar nessa criação. E o início desse processo ocorreu com

a introdução do §3º do artigo 45, na lei de Bases do Sistema Educativo, de 1986, relativo à administração e gestão dos estabelecimentos de educação e ensino, que diz que “na administração e gestão dos estabelecimentos de educação e ensino devem prevalecer critérios de natureza pedagógica e científica sobre critérios de natureza administrativa”. Partindo desta premissa inscrita na lei, colaboraram na elaboração do Decreto-Lei 43/89, de 3 de fevereiro de 1989, que estabelece o regime jurídico da autonomia das escolas

⁹ Há no Brasil experiência pedagógica que se aproxima da proposta da Escola da Ponte. Trata-se do Projeto Âncora. Essa experiência educativa foi objeto de exame dos estudos de Quevedo (2014).

¹⁰ Inúmeros trabalhos já trataram do conceito de educação integral, dentre os quais cito, Spencer (1888), Souza (1998).

oficiais dos 2º e 3º ciclos do ensino básico e do ensino secundário que, por sua vez, desembocou na lei da autonomia, de 2 de novembro de 1996 (Decreto-Lei nº 207/96), que “reclama o reforço da autonomia dos estabelecimentos de educação e de ensino, materializada na construção participada do seu próprio projeto de intervenção educativa e no reforço da sua integração nos respectivos territórios educativos” (Decreto-Lei nº 207, 1996). (SILVA; RIBEIRO, 2019, p. 489).

Apesar dessa enumeração de mudanças legais relacionadas aos objetivos educacionais presentes no projeto Fazer a Ponte, demonstrando uma linearidade de conquistas, vale dizer que tais modificações legais foram produto de esforço e embates com a administração pública de toda a comunidade escolar da Ponte durante décadas.

Ainda relacionado ao tema do Contrato de Autonomia e do aporte jurídico que ensejou a sua criação podemos destacar dois pontos. O primeiro é uma característica apontada como crítica ao projeto da escola, pois “é esse o enquadramento jurídico que permite à Escola da Ponte selecionar os docentes em função do seu projeto pedagógico, autonomia que decorre entre 1996 e 2001, com a colocação de professores em regime de destacamento” (SILVA; RIBEIRO, 2019, p. 489). Nesse sentido, em decorrência da conquista da autonomia de gestão, existe a possibilidade da escolha dos profissionais que irão atuar na Escola da Ponte, a qual é uma escola pública, vale o destaque.

De acordo com Celso Vasconcellos (2006), existem educadores portugueses que são contra essa possibilidade de escolha de professores pela Escola da Ponte: “A pergunta que fazem é: se isto passasse a acontecer em todas as escolas, como ficaria enquanto categoria dos professores? Além disto, argumenta-se que existe o risco de se escolher equivocadamente. É uma crítica a um aspecto do projeto” (VASCONCELLOS, 2006, p. 8).

Outro relevante ponto a ser colocado é a imposição feita pelo poder público de confecção de uma avaliação externa como condição para a criação do Contrato de Autonomia e tal condição pode ser observada na própria redação do documento. Assim, temos que

apesar do reconhecimento público, expresso das mais variadas formas, ao longo de mais de um quarto de século, da qualidade de Projeto Educativo e da coerência das práticas que dele decorrem, a administração educativa só em 2004 procurou estabilizar a situação desta escola, reconhecendo-lhe formalmente um estatuto que delimitou as fronteiras da autonomia que se reivindicava, as quais, na prática, já vinha assumindo e que, em diversos aspectos, estavam muito para além das que o próprio Decreto-Lei nº 115-A / 1998 consagrava.

O reconhecimento desse estatuto implicou, como condição prévia, a realização de uma Avaliação Externa da Escola que claramente habilitasse a administração a formular um juízo sobre a pertinência de celebração com a

escola de um Contrato de Autonomia que respeitasse, acolhesse e até aprofundasse a autonomia que, na prática, esta escola há muito vinha a defender, assumindo e desenvolvendo, na esteira, de resto, do regime consagrado no Decreto-Lei nº 43 / 1989, de 3 de fevereiro (PORTUGAL, 2013, p. 4).

Conforme podemos verificar nos apontamentos históricos de Silva e Ribeiro (2019), foi em março de 2003 que Mariana Torres Cascais, à época secretária de Estado da Educação, instituiu, após pressão da comunidade educacional da Ponte, a Comissão de Avaliação Externa (CAE) a partir de um acordo com a Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. A avaliação externa ocorreu de forma minuciosa e contava com diferentes dispositivos, os quais listamos a seguir:

- Análise documental, quer de documentos internos elaborados pelo coordenador do Projeto “Fazer a Ponte”, ou pela equipa docente da EBI das Aves / S. Tomé de Negrelos, quer de estudos nomeadamente dissertações de mestrado e outros trabalhos de natureza académica, suscetíveis de fornecerem elementos de informação sobre o desenvolvimento do referido projeto, bem como da documentação disponibilizada pela Secretaria de Estado da Educação e pela Direção Regional de Educação do Norte (DREN);
- Reuniões com a DREN, bem como com os órgãos de gestão da EBI das Aves / S. Tomé de Negrelos;
- Observação das atividades desenvolvidas na EBI das Aves / S. Tomé de Negrelos no decurso da visita que viria a efetuar-se nos dias 28, 29 e 30 de maio [de 2003];
- Consultas dos resultados das provas nacionais de aferição do Ensino Básico realizadas pelos alunos do 1º Ciclo nas disciplinas de Língua Portuguesa e de Matemática em 2000 e em 2001 de modo a comparar as médias aos níveis regional e nacional;
- Análise do percurso escolar dos alunos que frequentaram a ex-Escola da Ponte nº 1 e que, entre 1991 e 2001, prosseguiram estudos na EB2/3 das Aves (Relatório apresentado a S. Ex.^a a Secretária de Estado da Educação pela Comissão de Avaliação Externa do Projeto “Fazer a Ponte, 2003”) (SILVA; RIBEIRO, 2019, p. 490-491).

Durante a avaliação externa, a comissão colocou em seu relatório a possibilidade de ampliação do oferecimento adicionando o 3º ciclo (relativas aos 7º, 8º e 9º Anos) da Educação Básica portuguesa à escolaridade já oferecida pela Escola da Ponte, quais sejam, 1º ciclo (1º, 2º, 3º e 4º anos), oferecido desde a criação da escola, e 2º ciclo (5º e 6º anos), implementado apenas em 2001, momento que coincide com os 25 anos do projeto Fazer a Ponte. Para esta ampliação do 3º ciclo, porém, segundo o mesmo documento, seria necessária uma ampliação das instalações, bem como a conquista de equipamentos laboratoriais que permitissem o aprendizado por experimentação dos discentes do referido ciclo. No entanto, o Ministério da

Educação se olvidou da recomendação e não autorizou as obras, impedindo o alargamento para o 3º ciclo do Ensino Básico por parte da Escola da Ponte.

De acordo com Silva e Ribeiro (2019, p. 492-493), no Contrato de Autonomia a escola se comprometeu a planejar a estrutura que possibilitaria a ampliação dos ciclos oferecidos pela instituição e, em 2008, tornou-se público o projeto do complexo escolar, chamado de Agrupamento de escolas D. Afonso de Henriques, do qual a Escola da Ponte faz parte. A partir disso, o projeto foi executado e o 3º ciclo passou a ser oferecido no ano letivo de 2012/2013. No ano letivo posterior, ou seja, 2013/2014 a instituição passou a oferecer também suas práticas relativas à Educação Infantil. Durante 36 anos, a Escola da Ponte funcionou com sede na Vila das Aves e, em 2012, passou a atuar em São Tomé de Negrelos, dividindo o espaço físico com a Escola Básica de São Tomé de Negrelos. Conforme lemos na edição do Dia a Dia de novembro de 2012 (Figura 4) a mudança ocorreu com resistência.

Figura 4 – “Com a casa às costas”¹¹

Com a casa às costas

A Escola da Ponte mudou-se de Vila das Aves para S. Tomé de Negrelos.

Esta questão foi debatida, durante vários anos, em diversas reuniões de Pais e Encarregados de Educação.

Depois de muitas dessas reuniões, até às tantas da manhã, ficou decidido que não viríamos para as novas instalações. No entanto, a DREN (Direção Regional de Educação do Norte) exigiu que os orientadores educativos e restantes funcionários começassem o ano letivo no edifício de S. Tomé de Negrelos. Como não queríamos que o projeto acabasse, aceitamos a proposta, desde que a DREN cumprisse as exigências feitas pelos pais, no sentido de salvaguardar a essência do projeto “Fazer a Ponte”.

Ouvimos a palavra de alguns alunos que manifestaram as suas opiniões:

Tomás Silva - “Na minha opinião, a mudança foi boa, mas deviam ter a noção dos materiais que a escola ia precisar (murais, internet). Em relação aos intervalos coletivos, temos sentido alguns problemas em partilhar o campo.”

José Pedro - “Por um lado, foi boa a mudança, porque não tínhamos condições em Vila das Aves: chovia dentro do espaço. Por outro lado, foi mau, porque anda a criar muitos conflitos com os alunos da outra escola.”

Carolina Machado - “Foi uma mudança positiva, pois os alunos sentem-se confortáveis e o ambiente é diferente. Eu gosto!”

Marina Abreu - “A mudança foi boa. Temos melhores condições. No entanto, as pessoas pensam que o projeto pode acabar, mas apenas mudamos de edifício. A Escola é feita pelas pessoas”.

*Joana Monteiro, Juliana Pereira e Martin Martins
(Aprofundamento e Iniciação)*

Fonte: Jornal da Escola, edição de novembro de 2012.

¹¹ Com a casa às costas

A Escola da Ponte mudou-se de Vila das Aves para S. Tomé de Negrelos.

Esta questão foi debatida, durante vários anos, em diversas reuniões de Pais e Encarregados de Educação.

Depois de muitas dessas reuniões, até às tantas da manhã, ficou decidido que não viríamos para as novas instalações. No entanto, a DREN (Direção Regional de Educação do Norte) exigiu que os orientadores educativos e restantes funcionários começassem o ano letivo no edifício de S. Tomé de Negrelos. Como não queríamos que o projeto acabasse, aceitamos a proposta, desde que a DREN cumprisse as exigências feitas pelos pais, no sentido de salvaguardar a essência do projeto “Fazer a Ponte”.

Ouvimos a palavra de alguns alunos que manifestaram as suas opiniões:

Tomás Silva – “Na minha opinião, a mudança foi boa, mas deviam ter a noção dos materiais que a escola ia precisar (murais, internet). Em relação aos intervalos coletivos, temos sentido alguns problemas em partilhar o campo.”

José Pedro – “Por um lado, foi boa a mudança, porque não tínhamos condições em Vila das Aves: chovia dentro do espaço. Por outro lado, foi mau, porque anda a criar muitos conflitos com os alunos da outra escola.”

Carolina Machado – “Foi uma mudança positiva, pois os alunos sentem-se confortáveis e o ambiente é diferente. Eu gosto!”

A Figura 4 apresenta as reações dos alunos diante da obrigatória mudança de espaço físico. Quanto ao aspecto de estrutura física, os comentários demonstram ter sido positiva a mudança, visto que o prédio antigo da escola, como disse José Pedro tinha estrutura precária e chovia dentro da escola. No entanto, o estudante Tomás fala sobre a falta de planejamento da mudança, já que materiais importantes para o desenvolvimento do projeto Fazer a Ponte, como murais e internet, não estavam realocados logo que foi feita a mudança da escola. Além disso, os comentários evidenciam, mais de uma vez, a resistência no aspecto comportamental, de socialização dos alunos da Ponte com os alunos que já pertenciam à escola de S. Tomé de Negrelos.

Voltando ao documento intitulado “Contrato de Autonomia”, vale mencionar que no próprio Contrato temos que a avaliação externa foi ponto forte realçando o desempenho da Escola da Ponte. Podemos citar como relevante para o presente trabalho a parte que enfoca “a diversidade e otimização dos circuitos de informação e de comunicação interna, com impactos positivos na organização interna da Escola e na imagem que projeta para o exterior” (PORTUGAL, 2013, p. 7) Vale o destaque, uma vez que o jornal desenvolvido pela escola é um dos meios de comunicação utilizados pela Ponte.

Apesar de não estar explícito o nome do jornal da escola, sabemos que ele é um importante instrumento que pertence ao circuito de informação das instituições escolares. Portanto, ficou reconhecido que a Ponte possui um saldo positivo, de acordo com a avaliação externa, com relação aos meios de comunicação que emprega.

Dessa forma, entendemos que a imprensa escolar e o jornal institucional revelam-se centrais na Escola da Ponte inclusive no Contrato de Autonomia, no qual a instituição de ensino deixa clara a importância do jornal *Dia a Dia* na divulgação do trabalho realizado pela escola, conforme pode ser verificado no trecho extraído do documento:

[...] **Objetivo12:** Divulgar de forma mais sistemática o trabalho realizado pelos diferentes elementos da Comunidade Educativa.

Estratégias: reforço da utilização dos diferentes murais, nomeadamente os de mais fácil acesso a todos os elementos da Comunidade Educativa, como forma de comunicação e exposição de trabalhos; publicação mensal do jornal *Dia a Dia* e sua divulgação entre a Comunidade Educativa em formato papel e digital; reforço da presença da Escola, através da divulgação de pequenas

Marina Abreu – “A mudança foi boa. Temos melhores condições. No entanto, as pessoas pensam que o projeto pode acabar, mas apenas mudamos de edifício. A escola é feita pelas pessoas”.

Joana Monteiro, Juliana Pereira e Martim Martins
(Aprofundamento e Iniciação)

notícias, do jornal e de trabalhos, na internet de forma geral e nas redes sociais de forma particular; aceitação de visitas à Escola e de estágios a desenvolver na Escola; participação em colóquios/conferências.

Calendarização: a vigência do presente Contrato (PORTUGAL, 2013, p. 11, grifos nossos).

Conforme consta no documento, a publicação dos periódicos tem como objetivo divulgar o trabalho realizado pela escola, bem como de trabalhos criados pelos alunos, demonstrando uma intencionalidade de cooperação de toda a comunidade escolar para que o jornal seja mensal. A menção explícita do jornal *Dia a Dia* em um documento oficial evidencia tanto os usos internos quanto as expectativas de uso externos daquele produto. Em suma, a nomeação da publicação, a apresentação dos objetivos do jornal, bem como a exposição da periodicidade almejada pela instituição no Contrato de Autonomia demonstram a intencionalidade da Ponte para com o seu jornal.

Autonomia e consciência cívica, valores tão presentes nas linhas do Contrato de Autonomia da Ponte, faziam parte também dos vinte e um valores na Educação que, segundo José Pacheco (2012), seriam fundamentais na preparação do aluno para o exercício da cidadania. Na aceção do professor, a escola deve trabalhar e contribuir para que o aluno os internalize em si, quais sejam: autonomia; beleza; coerência; desapego; esperança; felicidade; gratidão; honestidade; indignação; justiça; meio ambiente; não violência; prudência; qualidade de vida; responsabilidade; tolerância; atitude e verdade.

Segundo Pacheco (2012) a elaboração dos vinte e um valores a serem trabalhados nas escolas não era a proposição de um tratado de conduta, mas uma vivência concreta que pode ser experienciada na escola. Na estruturação e reinvenção da Escola da Ponte Pacheco diz que:

Não partimos de problemas, mas daquilo que nós éramos para aquilo que queríamos ser, porque nós éramos o problema... Bem cedo, compreendemos que, se reelaborássemos a nossa cultura pessoal e profissional, também estaria em nós a solução, porque um professor não ensina aquilo que diz; o professor transmite aquilo que é (PACHECO, 2012, p. 11).

Além da consciência cívica, outra característica marcante da Escola da Ponte está na relação da instituição com a comunidade escolar, pois, de acordo com o mesmo documento, nela há um “estrito envolvimento da comunidade educativa na tomada de decisões, nomeadamente, na organização da escola e nos processos de aprendizagens” (PORTUGAL, 2013, p. 2), demonstrando assim seu respeito à democraticidade de todos ligados à escola.

Importante pontuar que o início dessa relação entre a Escola da Ponte (professores e colaboradores da escola) e os pais dos alunos foi desafiadora. Durante a implementação do projeto houve insistência por parte da escola para que uma relação de apoio e abertura fosse criada com os pais. Em um primeiro momento, não havia interesse por parte dos responsáveis dos alunos de integrarem o projeto e de se inteirarem acerca do que acontecia dentro dos muros da escola. Um sinal desse incentivo pode ser observado na primeira edição do jornal da Escola da Ponte com uma manifestação do desejo de estreitar a relação escola-família. Na edição inaugural, de novembro de 1977, temos: “Há um grupo de pais interessados em fazer arranjos com a escola. O trabalho começará em breve. Vamos ajudá-los?” (JORNAL DA ESCOLA DA PONTE, 1977, p. 2).

Na mesma direção, a edição de janeiro de 1978 (Figura 5) apresenta o convite que a escola dirige aos pais para participarem ativamente das atividades escolares informando a abertura de um espaço no jornal da escola para os pais que desejarem publicar. Essa relação escola-família gerou a criação da Comissão de Pais do Núcleo da Ponte, no final do ano de 1979. Apesar dos anos, ainda hoje podemos visualizar uma união de pais com iguais valores, chamada de Associação de Pais. Mesmo não sendo algo específico da Ponte, visto que existem milhares de associações de pais ao redor do mundo, nesta os pais interessados somam esforços para a continuidade do projeto Fazer a Ponte.

Figura 5 – “Escola deve ser uma comunidade”¹²

A ESCOLA deve ser uma comunidade; pais, alunos e professores .
deverão constituir um todo; todas as pessoas de boa vontade se
poderão juntar a nós.

A ESCOLA só será aquilo que quisermos que ela seja. Boa ou má,
ela é sempre o reflexo do trabalho e do interesse de todos.

Esta ÚLTIMA PÁGINA estará aberta a quantos quiserem participar.

Hoje, falam os professores;
Hoje, falam os alunos :
(amanhã, falarão os pais ?)

Fonte: Jornal da Ponte, edição de janeiro de 1978.

¹² A ESCOLA deve ser uma comunidade: pais, alunos e professores deverão constituir um todo, todas as pessoas de boa vontade se poderão juntar a nós.

A ESCOLA só será aquilo que quisermos que ela seja. Boa ou má, ela é sempre o reflexo do trabalho e do interesse de todos.

Esta ÚLTIMA PÁGINA estará aberta a quantos quiserem participar.

Hoje, falam os professores;

Hoje, falam os alunos:

(amanhã, falarão os pais?)

É necessário, ainda, detalhar de que forma acontece o envolvimento dos responsáveis que integram a Associação de Pais da Ponte. De acordo com Andréa Villela Mafra da Silva (2006),

Atualmente, em Portugal, a Associação de Pais da Escola da Ponte é uma referência ao nível nacional. Os pais assumem o compromisso de participar de reuniões periódicas para discutir os projetos da escola, os planos e a forma como se vive a escola no dia a dia. A associação de pais é um parceiro indispensável ao funcionamento da escola. A colaboração dos pais não se restringe somente às atividades promovidas pela associação; mas sim a todas as atividades da escola. São responsáveis pelo funcionamento da cantina, pela realização de atividades de férias para os alunos e pela compra de equipamentos essenciais ao desenvolvimento do Projeto Fazer a Ponte. Desta forma, a associação de pais ocupa um lugar de destaque nas decisões da escola (p. 23-24).

A associação de pais da Escola da Ponte merece tal destaque por ter sido, juntamente com o corpo docente, um elemento de relevância durante a implementação e para a continuidade do projeto. É imprescindível destacar que este envolvimento das famílias dos alunos no cotidiano escolar já encontra previsão nas páginas do projeto “Fazer a Ponte”, e que a instituição enfrentou dificuldades para consolidar a relação democrática descrita acima.

Podemos ter contato com esse entendimento no trabalho de Ana Lúcia Werneck Veiga (2018), no qual ela analisou as escolas “transformadoras” no Brasil e em Portugal e dentre elas a Escola da Ponte. Em seu texto a autora apresenta o quadro avaliativo feito por José Pacheco na ocasião dos 25 anos da implementação do projeto “Fazer a Ponte”. Sua leitura nos esclarece acerca do pensamento de José Pacheco sobre educação e práticas educativas no período em que trabalhou na Escola da Ponte. Segundo Veiga (2018), Pacheco avalia que, entre os anos de 1976 e 1980,

o trabalho escolar estava totalmente centrado no professor e informado por manuais iguais para todos. Os professores encontravam-se física e psicologicamente isolados, cada qual na sua sala, por vezes em horários diferentes dos outros professores. A escola funcionava num velho edifício contíguo a uma lixeira. Nas paredes cresciam ervas. O quarto-de-banho, no exterior, estava em ruínas e não tinha porta. No projeto educativo havia previsão de contato com os pais; comissão de pais; parcerias; associação de pais; plenário de alunos; registros de auto-planificação e auto-avaliação dos alunos; tribunal; núcleo documental; jornal de paredes; jornal escolar; folhas de rascunho; textos inventados; visitas de estudo; ficha de informação (VEIGA, 2018, p. 158).

O texto acima elabora uma descrição do contexto vivido pelos pares da escola durante o início do trabalho desenvolvido pelos que implementaram o projeto “Fazer a Ponte”. Pelas datas apontadas por José Pacheco, professor que ocupou relevante papel no projeto, o início deste não produziu efeitos imediatos na escola e, em alguns momentos, a incerteza tomou conta, levantando dúvidas quanto a sua real efetividade no dia a dia da escola.

Nos 1980 a 1984 considerou-se não ser possível construir uma sociedade de indivíduos participantes e democráticos, enquanto a escolaridade fosse concebida como mero adestramento cognitivo. O relacionamento com os pais dos alunos era formal, individual e não-permanente. As crianças passavam as férias no abandono da rua, a sonhar com um mar inacessível. Assembleia de alunos; convocatórias; atas; relatório; manifesto; listagem de direitos e deveres; cartaz dos aniversários; registros de presenças; pedido de palavra; perdidos e achados, plano quinzenal; ficha de avaliação formativa; preciso de ajuda; registro de disponibilidade; livro da vida; acho bem e acho mal; cartaz da correspondência; viveiro do bicho-seda; trabalho cooperativo em equipe de professores (VEIGA, 2018, p. 158).

A leitura até aqui nos mostra que o balanço feito por Pacheco tratou de apontar as dificuldades que ganharam relevância, pelo ponto de vista do referido educador, e foram enfrentadas a cada fase do projeto durante seus primeiros 25 anos. Seja na implementação ou manutenção do projeto, obstáculos diferentes ganharam destaque. Conforme já dito neste trabalho, é a partir de 1984 que o espaço físico da escola é aberto e a escola passa a ter um embrionário reconhecimento no âmbito do trabalho desenvolvido pela instituição.

Entre 1984 a 1991 as crianças que chegavam à escola com uma cultura diferente eram desfavorecidas pelo não reconhecimento da sua experiência sociocultural. Requeriam grande investimento no domínio afetivo e emocional. A colocação das crianças ditas com necessidades educativas especiais junto das normais era insuficiente para que não interiorizassem incapacidades e não se vissem negativamente como alunos e como pessoas. Reuniões de sábado; trabalho cooperativo em grupo heterogêneo de alunos; grelha de objetivos; caixa dos segredos; plano diário; capa de arquivo dos trabalhos; registro de pesquisa; jogos educativos; mural de avisos e recomendações; terrário; gestão dos “cacifos” (escaninhos); clube dos leitores; trabalho com liberdade e categoria; aula direta estabelecida pelos professores (VEIGA, 2018, p. 158).

Sendo assim, percebemos que o destaque crescente da pedagogia desenvolvida pelo projeto “Fazer a Ponte” no ambiente ao entorno da escola atraiu um público de alunos com necessidades educativas especiais (NEE), trazendo novas discussões aos processos educativos relativos a estas crianças e a sua inclusão em grupos heterogêneos de alunos no âmbito da Ponte.

E entre 1991 a 1996 falava-se de dificuldades de aprendizagem. Por que não falar também de dificuldades de ensino? E como poderíamos reforçar uma cultura de cooperação? Caderno de recados; atendimento diário e tutorado; debate; ler para os outros; novidades; música ambiente; discussão de um assunto; aula direta solicitada pelos alunos; bibliografias, mapa das responsabilidades; clube dos limpinhos (VEIGA, 2018, p. 158).

Nos anos 2000, segundo Veiga (2018) houve reformas na Escola da Ponte, mas os valores ou preceitos norteadores desde a sua fundação, como solidariedade, autonomia e responsabilidade se mantiveram como pilares de sua proposta político-pedagógica. Nos 25 anos do projeto, há evidências de que essa instituição escolar, por meio de seus agentes sociais, estaria vivendo uma espécie de travessia – entre um estágio de conhecimento para repensar outro.

Nos anos de 1996 a 2001 os iniciadores do projeto aproximavam-se da reforma. Seria necessário assegurar a continuidade e alargamento do projeto. Seria necessário criar uma nova equipe de professores e instituir uma fase de auto-avaliação e de transição. Agrupamento de escolas; nova equipe de projeto; responsabilidades de grupo; conselho de eco-escolas; comissão de ajuda; trabalho de pares (professores); rede de escolas; troca de professores entre escolas da rede; rede de escolas ENIS; rede de computadores; internet; correio eletrônico; páginas na WEB; dispositivos de autoavaliação (VEIGA, 2018, p. 158).

Foi próxima a este tempo a saída de José Pacheco das atividades cotidianas da Ponte, no ano de 2004. De acordo com o próprio Pacheco, o seu afastamento (físico) do projeto Fazer a Ponte coincide com o tempo no qual houve um maior reconhecimento do trabalho desenvolvido na Ponte culminando na criação do Contrato de Autonomia. Conforme o professor explica, seu afastamento ocorreu por dois motivos: para “que uma nova equipa da Escola da Ponte continuasse o projeto sem a intromissão de um velho professor e encontrar no Sul [do Brasil] a obra de Agostinho da Silva e educadores disponíveis para se melhorar, melhorando a educação das crianças e jovens” (PACHECO, 2018, *online*).

Com uma estrutura organizacional que foge de alguns ritos do que poderíamos denominar como sendo tradicionais, desde o espaço, o tempo e o modo de aprendizagem, a Ponte busca um maior envolvimento dos participantes do processo ensino-aprendizagem. Faz isso, dando maior ênfase aos sentimentos de democraticidade e cidadania, quando os estudantes são convidados a fazerem parte da tomada de decisões, bem como se envolverem nas mais diversas tarefas de organização e gestão escolar.

Na Ponte não existe um professor para cada turma, não há uma divisão de alunos por faixa etária ou anos de escolaridade. Os grupos não são homogêneos, os graus de dificuldade e os níveis de desenvolvimento são distintos e refazem-se quando novos grupos surgem. Os grupos mudam o tempo todo em função das aprendizagens e dos planos de ação que tem como apoio os professores (HONAISSER, 2016, p. 21).

No modelo proposto pelos documentos oficiais da instituição que pontuam o desenvolvido do projeto Fazer a Ponte, percebemos que, no padrão descrito, não cabe a prática de professores da maneira que concebemos tradicionalmente com aulas expositivas e pouco interativas. Isso leva a entender a indicação de orientadores que se tornam tutores dos grupos dos projetos, os quais são divididos de acordo com os níveis das competências acadêmicas, comportamentais e das preferências dos estudantes.

Nesse ponto fazemos uma reflexão mais profunda quanto aos elementos visualizados na Escola da Ponte. Cabe, portanto, um olhar metódico sobre as práticas apresentadas e o formato pedagógico do modelo que constitui o projeto da instituição para gerar, então, um esforço de desconstruir o que nos é apresentado como inovador. Para tanto, pontuamos a seguir os elementos que guardam relação com as chamadas escolas tradicionais.

O primeiro deles é a existência de um currículo alinhado ao nacional. O argumento da escola é de que, apesar da sua existência os caminhos percorridos pelos alunos da Ponte para o total conhecimento dos conceitos enumerados no programa possuem uma maleabilidade, podendo os planos de estudos ser modificados dependendo das dúvidas que forem surgindo durante caminho percorrido. Conforme o texto de Celso dos S. Vasconcellos (2006), intitulado Reflexões sobre a Escola da Ponte, temos que

o programa lá, embora não nuclear, é vivo e operante. Tal fato, aliás, é explicitado pelo próprio José Pacheco e por outros educadores que conhecem a Ponte. No caso do prof. Pacheco, fica muito claro que ele não fala disto com orgulho, uma vez que seu sonho também é chegar um dia em que não se coloque mais esta questão de um programa a cumprir. Todavia, pelos estudos e diálogos que estabeleci, a presença do programa tem sido uma marca da Ponte.

Os objetivos, advindos do Currículo Nacional (apenas traduzidos numa linguagem mais acessível), estão expostos em todos os murais da escola, por áreas. No *Plano da Quinzena*, um dos itens a ser preenchido pelo aluno é “Quais as áreas/ objectivos que me podem ajudar na realização do projecto?” Em Sezim (7º, 8º e 9º anos), por exemplo, na área de Língua Portuguesa estão registrados nada mais nada menos do que 235 objetivos, entre os quais *reconhecer aférese; síncope; apócope; prótese; epêntese; paragoge; assimilação; vocalização; sonorização; palatalização; crase; sinérese*, que não são, a meu ver, objetivos propriamente emancipatórios (p. 6-7).

Outro ponto pertencente aos elementos das escolas ditas tradicionais também presente no chão da Ponte é a avaliação. Embora se apresente com um texto longo a descrição de Vasconcellos acerca do processo avaliativo na Escola da Ponte possui relevância ao passo que define quais as faces avaliativas fazem parte do projeto “Fazer a Ponte”.

Na Ponte, a avaliação não se destaca, não chama a atenção, muito embora esteja absolutamente presente. Nos principais dispositivos pedagógicos ali desenvolvidos ou aplicados, a avaliação está presente.

Por exemplo: a *Assembleia* da escola (toda sexta-feira, à tarde) tem sua origem na avaliação que os alunos fazem do seu cotidiano, expressa, por sua vez, nos dispositivos do *Acho bem* e do *Acho mal* (cartazes que ficam nos murais e os alunos vão registrando). Na *Reunião de professores* (quartas-feiras, à tarde), os professores avaliam com afincado o Projeto e buscam formas de melhorias. No *Debate* todos os dias os alunos, entre outras coisas, avaliam o dia de trabalho. Os portfólios também fazem parte da paisagem cotidiana da sala de aula; eles utilizam destas pastas A-Z, com sacos plásticos, onde ficam os planos quinzenais e as principais atividades que cada aluno desenvolve.

A observação é uma prática constante de avaliação por parte dos professores, sobretudo em termos de valores e atitudes (sem estabelecer ruptura com a avaliação de conhecimentos). Como não existe observação neutra, ela é pautada na matriz axiológica da Ponte: solidariedade, responsabilidade e autonomia.

A auto-avaliação é um dos pontos fortes da avaliação na Escola da Ponte, estando também presente em vários dispositivos: *Eu preciso de ajuda* (aluno, depois de ter buscado sozinho e com os colegas de grupo, não sanou as dúvidas e sinaliza para o professor e demais colegas); *Eu já sei* (aluno, tendo convicção de seu aprendizado de determinado objetivo, sinaliza para o professor que está pronto para ter uma avaliação mais formal – que também existe na Ponte, mas que é algo muito tranquilo pois não serve para classificar, e sim para qualificar). Merece destaque o *Plano da Quinzena*; a primeira parte é propriamente o plano a ser desenvolvido na quinzena (atividades coletivas da escola, do projeto do grupo e individual); a segunda parte começa com uma exigente auto-avaliação: *O que aprendi nesta quinzena? O que mais gostei de aprender nesta quinzena? Outros aspectos que ainda gostava de aprofundar neste projecto; Mas ainda não aprendi a... Por quê? Outros Projectos que gostaria de desenvolver.* Na última folha vem ainda as *Informações do Professor Tutor*, as *Observações do Pai/Mãe/Encarregado de Educação* e as *Observações do Aluno* (VASCONCELLOS, 2006, p. 7-8).

Organizada a partir de uma lógica de projetos em equipes, essa prática pedagógica se estrutura a partir das interações de cada membro. São partilhados o mesmo tempo e espaço por crianças e adolescentes que formam grupos heterogêneos. Podemos ver uma divisão em três núcleos (iniciação, consolidação e aprofundamento), que são distintos dos ciclos oficiais da Educação Básica portuguesa, já mencionados neste texto. A discussão aqui é identificar se existe uma anulação completa da gradação escolar no cotidiano da Ponte, pois a instituição não

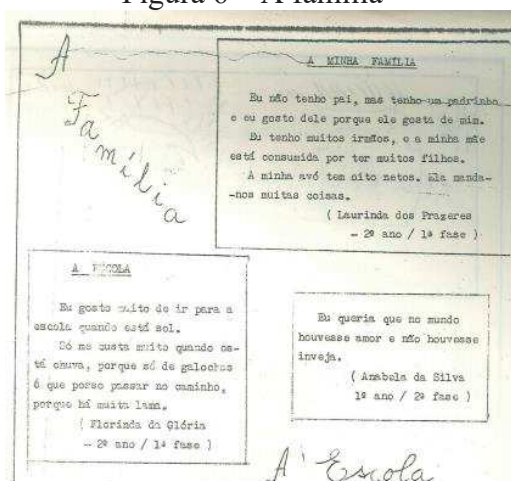
utiliza a divisão oficial, mas uma nova foi criada pela instituição durante o desenvolvimento do projeto. Portanto, há uma gradação, uma vez que existe um percurso entre os núcleos. Sendo a iniciação o primeiro, passando pela consolidação e encontra fim no aprofundamento. De acordo com o documento oficial da escola chamado Regulamento Interno temos que

3. No núcleo de Iniciação, as crianças adquirirão as atitudes e competências básicas que lhes permitem integrar-se de uma forma equilibrada na comunidade escolar e trabalhar em autonomia, no quadro de uma gestão responsável de tempos, espaços e aprendizagens. A sua transição para o Núcleo de Consolidação ocorrerá quando possuírem o perfil definido no Anexo I do presente Regulamento.

4. No Núcleo de Consolidação, os alunos consolidarão as competências básicas adquiridas no Núcleo de Iniciação e procurarão atingir o perfil definido no Anexo II do presente Regulamento, podendo ainda ser envolvidos, com assentimento dos respectivos Encarregados de Educação, em projetos de extensão e enriquecimentos curriculares, bem como de pré-profissionalização. § único – Salvo em circunstâncias excepcionais, devidamente reconhecidas e avaliadas pelo Conselho de Projeto, nenhuma criança poderá, no âmbito do Projeto, transitar do Núcleo de Iniciação para o Núcleo de Consolidação sem atingir o perfil definido no Anexo I.

5. No Núcleo de Aprofundamento, os alunos desenvolverão as competências definidas no Anexo III do presente Regulamento e simultaneamente desenvolverão as competências definidas para o final do Ensino Básico, podendo ainda ser envolvidos, como o assentimento dos respectivos Encarregados de Educação, em projetos complementares de extensão e enriquecimento curriculares, bem como de pré-profissionalização (PORTUGAL, [2003?], p. 3).

Figura 6 – A família¹³



¹³ A Família

A MINHA FAMÍLIA

Eu não tenho pai, mas tenho um padrinho e eu gosto dele porque ele gosta de mim.

Eu tenho muitos irmãos, e a minha mãe está consumida por ter muitos filhos.

A minha avó tem oito netos. Ela manda-nos muitas coisas.

(Laurinda dos Prazeres – 2º ano / 1ª fase)

Fonte: Jornal da Ponte, edição de dezembro de 1979.

Conforme vemos nas assinaturas dos textos do jornal da Ponte (Figura 6), desde o início do projeto existia a gradação em ano, porém essa gradação deu lugar à gradação por núcleos, como mostra a edição de maio de 2010 (Figura 7). Portanto, algumas características do modelo do projeto Fazer a Ponte expressam continuidade com a escola tradicional, visto que de alguma forma os alunos são divididos a partir de uma lógica de níveis distintos de conhecimento com uma conseqüente progressão com a comprovada apreensão dos conteúdos ou habilidades.

Figura 7 – Núcleo dos alunos¹⁴



Na segunda parte da visita, depois de lancharmos, fomos finalmente visitar o sítio onde observámos os vestígios das casas dos romanos, vimos a muralha que os romanos construíram para se proteger dos ataques de inimigos.

Daniel e Rui, Consolidação

sor Paulo Topa, em 3º lugar com 5 pontos e meio. Eu fiquei em 30º com 3 pontos. O vencedor foi Nuno Messeder Ferreira, com 6 pontos.

Baltazar Lomba, Consolidação,

ções para jogar. No total ganhei 6 jogos e empatei. Azar de ter feito 7 jogos, não foi cansativo. Eu fui Campeão Nacional Sub-8.

André Costa, Consolidação.

Pontex

No dia 18 de Maio realizou-se 1º Torneio de Xadrez da Associação de Moradores de Massarelos. O Pontex esteve representado por três elementos: O professor Paulo Topa, o Paulo Miguel e o Júlio Silva. O professor Paulo Topa, como

é habitual, ficou em primeiro do Pontex. O Júlio ficou em segundo nos sub-10 com os mesmos pontos do primeiro e o Paulo Miguel, com dois pontos, foi o terceiro elemento do Pontex..

Júlio Silva, Iniciação

Fonte: Jornal da Ponte, edição de maio de 2010.

À ESCOLA

Eu gosto muito de ir para a escola quando está sol.

Só me custa muito quando está chuva, porque só de galocho é que posso passar no caminho, porque há muita lama.

(Florinda da Glória – 2º ano / 1ª fase)

Eu queria que no mundo houvesse amor e não houvesse inveja.

(Anabela da Silva 1º ano / 2ª fase)

À Escola

¹⁴ [...] Na segunda parte da visita, depois de lancharmos, fomos finalmente visitar o sítio onde observámos os vestígios das casas dos romanos, vimos a muralha que os romanos construíram para se proteger dos ataques de inimigos. - Daniel e Rui, Consolidação

[...] sor Paulo Topa, em 3º lugar com 5 pontos e meio. Eu fiquei em 30º com 3 pontos. O vencedor foi Nuno Messeder Ferreira, com 6 pontos. - Baltazar Lomba, Consolidação.

[...] ções para jogar. No total ganhei 6 jogos e empatei. Azar de ter feito 7 jogos, não foi cansativo. Eu fui Campeão Nacional Sub-8. - André Costa, Consolidação.

Pontex

No dia 18 de maio realizou-se 1º Torneio de Xadrez da Associação de Moradores de Massarelos.

O Pontex esteve representado por três elementos: O professor Paulo Topa, o Paulo Miguel e o Júlio Silva.

O professor Paulo Topa, como é habitual, ficou em primeiro do Pontex.

O Júlio ficou em segundo nos sub-10 com os mesmos pontos do primeiro e o Paulo Miguel, com dois pontos, foi o terceiro elemento do Pontex... - Júlio Silva, Iniciação.

É na leitura atenta das páginas do jornal que temos a possibilidade de entendermos as ações educativas que ambientam a criação dos trabalhos expostos no jornal da escola. Nesse sentido, faz-se necessário investigarmos o cotidiano escolar e mapear seus desdobramentos historiográficos, pois o jornal é um dos elementos do cotidiano e possui um papel relevante na (re)afirmação da cultura escolar. Tendo em vista a importância dessa temática ao presente estudo, a próxima seção será dedicada a essa discussão.

2.2 Cultura escolar, cultura material escolar

As últimas três décadas de estudos relacionados às formas culturais da escola, de acordo com Carlota Boto (2012), voltaram-se ao estudo do cotidiano escolar. Para essa autora as “práticas educativas são coisas que remetem a ‘fazeres ordinários’” (BOTO, 2012, p. 147), os quais descreveremos a seguir pois buscamos a partir deles encontrar espaço para a reflexão deste estudo, uma vez que o jornal é um fragmento das práticas cotidianas da Escola da Ponte.

Para tanto é necessário falar das práticas escolares e mobilizar as reflexões de Michel de Certeau (1998), um teórico da vida em sociedade que se dedicou a estudar os cotidianos. Para ele, o cotidiano é lugar de invenção, criação e antidisciplina. A relevância de seu trabalho está em colocar holofote no dia a dia dos homens e mulheres comuns. Neste sentido, segundo Oliveira (2005):

Michel de Certeau estuda essa produção cotidiana de saberes e de formas de sobrevivência dos grupos sociais subalternizados buscando evidenciar os processos pelos quais os ‘participantes da vida cotidiana’ burlam e usam de modo ‘não-autorizado’ as regras e produtos que os poderosos lhes impõem. É com esses grupos subalternizados que vamos identificar nossos educadores e educadoras que estão nas escolas, sendo criticados e desvalorizados tanto pela maior parte dos acadêmicos e pesquisadores quanto pelas chamadas autoridades educacionais’. Criando ‘maneiras de fazer’ (caminhar, ler, produzir, falar), ‘maneiras de utilizar’, tecendo redes de ações reais, que não são e não poderiam ser meras repetições de uma ordem social/de uma proposta curricular ou de formação preestabelecidas e explicativas no abstrato, os educadores e educadoras que estão nas escolas tecem redes de práticas pedagógicas que, através de ‘usos e táticas’ de participantes que são, inserem na estrutura social/curricular criatividade e pluralidade, modificadores das regras e das relações entre o poder instituído e a vida dos que a ele estão, supostamente, submetidos (OLIVEIRA, 2005, p. 44-45).

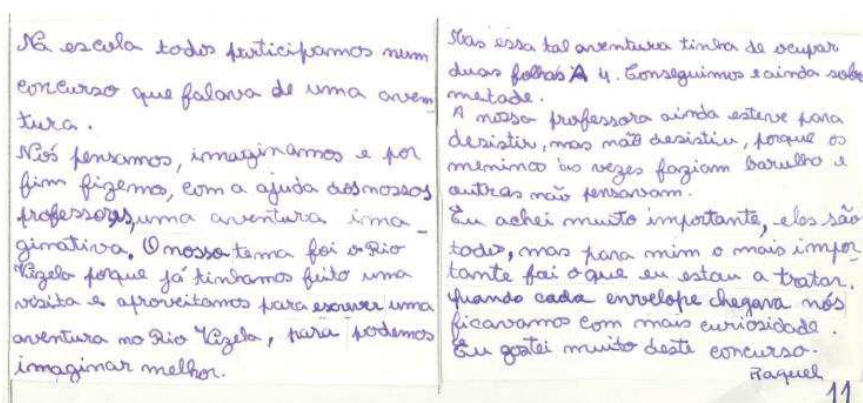
Tal como descreve Oliveira (2005), Certeau olha para esses lugares que durante tanto tempo foram colocados como não cotidianos, deixando claras as operações de poder que selecionam quais fazeres cotidianos possuem maior relevância. Seu olhar deu nova angulação

ao processo de enxergar a prática, dando visibilidade ao praticante da ação, o qual pode também criar usos e significações distintas daquelas que lhe são postas ou impostas.

Para entendermos as práticas escolares da Escola da Ponte precisamos, então, atentar-nos aos cotidianos escolares da Ponte. Nesse sentido, os cotidianos escolares apontam as dimensões dos contextos que abarcam a vida nessa escola, suas dinâmicas criadoras de conhecimentos e modos de existência, pois, conforme Certeau (1998), é no cotidiano que as práticas são vivenciadas.

Boto (2012) trabalha também com a ideia de investigar a prática educativa em sua singularidade, as quais, segundo ela, “devem ser compreendidas como vestígios ou traços de sua época” (p. 146). Assevera que devemos ter cautela ao universalizarmos algo que possa ser pontual ou sem qualquer relação com alguma metanarrativa, visto que práticas culturais “constituíriam, de alguma maneira, os sinais que dão a ver a cultura” (BOTO, 2012, p. 142). Podemos entender, portanto, que as práticas vistas e entendidas em suas singularidades podem nos levar a entender o todo, mas não existe uma relação de determinismo aqui. Esta é a questão. Durante a leitura dos jornais, em alguns momentos, somos transpostos ao momento da prática escolar realizada pelo grupo de estudo. Vejamos, como um exemplo a Figura 8, a qual nos traz uma prática escolar da Escola da Ponte.

Figura 8 – Redação para um concurso¹⁵



Fonte: Jornal da Ponte, edição de janeiro de 1991.

¹⁵ Na escola todos participamos num concurso que falava de uma aventura.

Nós pensamos, imaginamos e por fim fizemos, com a ajuda dos nossos professores, uma aventura imaginativa. O nosso tema foi o Rio Vizela porque já tínhamos feito uma visita e aproveitamos para escrever uma aventura no Rio Vizela, para podermos imaginar melhor.

Mas essa tal aventura tinha de ocupar duas folhas A4. Conseguimos e ainda sobrou metade.

A nossa professora ainda esteve para desistir, mas não desistiu, porque os meninos às vezes faziam barulho e outras não pensavam.

Eu achei muito importante, elas são todos, mas para mim o mais importante foi o que eu estou a tratar. Quando cada envelope chegava nós ficávamos com mais curiosidade. Eu gostei muito deste concurso. - Raquel

Na Figura 8, temos a descrição de uma prática escolar por uma aluna da Ponte. Em seu texto, ela relata como foi a criação de um texto para um determinado concurso, citando detalhes de como barulhos feitos por seus colegas quase inviabilizaram a conclusão deste, situação tão comum em qualquer escola. Ler este texto nos traz toda a ambientação desta prática, tão corriqueira nas escolas e na memória escolar de quem o lê.

Outro ponto de grande relevância que as práticas nos levam a perceber são as representações. Carlota Boto (2012) utiliza em seu texto as proposições de Roger Chartier para entendermos que prática é, na verdade, uma ação realizada no mundo social. O autor trabalha com essa dupla referência: práticas e representações. Segundo o teórico, representações seriam “esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro torna-se inteligível e o espaço ser decifrado” (CHARTIER, 1990 apud BOTO, 2012, p. 145).

Nesse sentido temos que as interações no mundo social acontecem a partir de categorias já estabilizadas socialmente, facilmente aceitas com um sentido universal. Portanto, as representações são coletivas, porém determinadas por um grupo interessado. Elas influenciam diretamente as práticas cotidianas (sociais, escolares e políticas) e acham campo fecundo onde há tensão e disputa (BOTO, 2012, p. 145-146).

Um exemplo desse processo é a utilização da palavra professor nas edições dos jornais da escola. Apesar de os documentos oficiais da escola trazerem os termos orientadores educativos e tutor para designar os profissionais que trabalham diretamente com os alunos na vivência do projeto Fazer a Ponte, tal nomenclatura aparece em poucas edições analisadas do jornal. Nesse sentido, temos o Artigo 11 do Regulamento Interno da Ponte, o qual nos informa o que seria a tutoria no contexto da Ponte.

O acompanhamento permanente e individualizado do percurso curricular de cada aluno caberá a um Tutor escolhidos pelos alunos, designados para o efeito pelo coordenador de Núcleo de entre os Orientadores Educativos dos respectivo Núcleo.

[...]

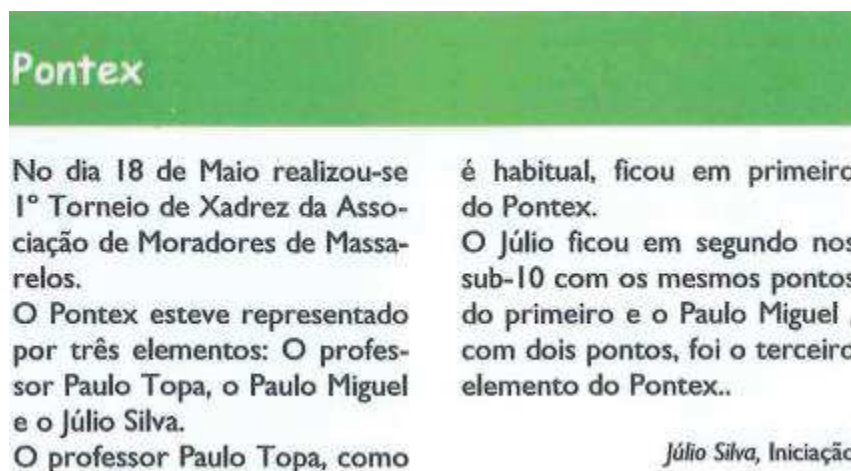
Incumbe ao Tutor, para além de outras tarefas que lhe venham a ser atribuídas pelo Conselho de Gestão, ouvindo sempre o Conselho de Projeto:

- a. Providenciar no sentido de regular a atualização do dossier individual dos alunos tutorados, especialmente, dos respectivos registos de avaliação;
- b. Acompanhar e orientar, individualmente, o percurso educativo e os processos de aprendizagem dos alunos tutorados;
- c. Manter os Encarregados de Educação permanentemente informados sobre o percurso educativo e os processos de aprendizagem dos alunos tutorados;

- d. Articular com os Encarregados de Educação e com os demais Orientadores Educativos as respostas a dar pela Escola aos problemas e às necessidades específicas de aprendizagem dos alunos tutorados;
- e. Comunicar com os Encarregados de Educação no sentido destes conhecerem o grau de assiduidade/pontualidade do seu educando;
- f. Estabelecer nas situações de ausência justificada às atividades escolares, em articulação com os restantes Orientadores Educativos do Núcleo (PORTUGUAL, [2003?], p. 3-4).

Conforme vemos no recorte do jornal (Figura 9), os alunos usam o termo professores ao falarem dos orientadores educacionais e tutores. Vale dizer que a palavra professor possui uma carga de representação social e, portanto, é uma representação social presente no jornal da Escola da Ponte. Durante a leitura dos jornais percebemos que apenas os textos produzidos por algum dos profissionais da escola trazem o termo orientador educacional, enquanto os alunos seguem escrevendo com grande frequência a palavra professor¹⁶.

Figura 9 – Uso da palavra professor como equivalente a orientador educacional e tutor da Escola da Ponte¹⁷



Fonte: Jornal da Ponte, edição de maio de 2010.

¹⁶ Para um estudo aprofundado sobre a constituição histórica da profissão docente construída dentro da profissão, consultar António Nóvoa (2009).

¹⁷ Pontex

No dia 18 de Maio realizou-se 1º Torneio de Xadrez da Associação de Moradores de Massarelos. O Pontex esteve representado por três elementos: O professor Paulo Topa, o Paulo Miguel e o Júlio Silva. O professor Paulo Topa, como é habitual, ficou em primeiro do Pontex. O Júlio ficou em segundo nos sub-10 com os mesmos pontos do primeiro e o Paulo Miguel, com dois pontos, foi o terceiro elemento do Pontex... - Júlio Silva, Iniciação.

A relação existente entre práticas e representações é um processo em constante movimento de afirmação e transformação na sociedade, uma vez que o alinhamento das condutas e escolhas do indivíduo à representação social relacionada a ele justifica as suas atitudes e legitima o projeto reformador presente nas representações. É necessário lembrar que as representações são mutáveis e se relacionam intimamente aos paradigmas culturais e que as práticas são o elemento chave que tanto influenciam quanto modificam representações.

Apenas com o olhar focado no interior, na prática, conseguimos entender como acontecem as disputas entre normas e práticas, pois é no cotidiano concreto que a cultura e a prática se constituem. Sendo assim, temos o entendimento de Diana Gonçalves Vidal que afirma ser no

funcionamento interno, na operacionalização das práticas escolares, no intercâmbio com a sociedade e a história, no entendimento de que os saberes técnicos e as reformas educativas são, eles também constituídos no jogo das representações concorrentes sobre o que é a escola e como deve atuar (VIDAL, 2005, p. 16).

As vivências ordinárias escolares da Ponte, presentes nas narrativas do jornal, conforme já dito, vão nos trazer elementos da cultura escolar na qual os atores sociais dessa escola estão inseridos, além, claro, de delinear a cultura material escolar da Escola da Ponte. Neste ínterim, torna-se fulcral pontuarmos tais conceitos e os teóricos que nortearão esta parte do estudo. Dessa forma, partimos do conceito de cultura escolar, entendida como

aspectos institucionalizados que caracterizam a escola como organização, o que inclui práticas e condutas, modos de vista, hábitos e ritos, história cotidiana do fazer escolar, objetos materiais, função uso, distribuição no espaço, materialidade física, simbologia, introdução, transformação, desaparecimento e modos de pensar, assim como significados e ideias compartilhadas (FRAGO, 1994, p. 5).

Utilizando-se de Michel de Certeau e Dominique Julià em seus estudos sobre a cultura escolar nos grupos escolares em Minas Gerais entre 1891 e 1918, o autor Irlen Antônio Gonçalves (2006) defende que

pensar o cotidiano da escola e tomá-lo na sua condição de espaço e tempo privilegiado de produção da cultura escolar, que envolve as crenças, valores, modos de vida e de atuar dos atores que nela se inserem, é tomá-lo como uma realidade complexa (p. 152).

Portanto, devemos condicionar o nosso olhar a observar as mais diversas ações existentes nas relações cotidianas, vista a sua complexidade. Trazendo Certeau ao seu trabalho, Gonçalves prioriza as ações e os usos das pessoas que produzem as práticas sociais como um espaço de criação e transformação social. Pois para ele

ganham sentido essas maneiras de fazer e produzir as ocasiões quando os praticantes são vistos para além de consumidores, como produtores, não repetidores da ordem social preestabelecida, mas como modificadores das regras e das relações de poder (CERTEAU, 2000 apud GONÇALVES, 2006, p. 152).

Entender que os conflitos resultantes de um ambiente de prática não podem ser relacionados linearmente às regras as quais são conexas nos guia ao entendimento quanto a esse enredo abstruso da realidade social. O importante, a partir disso, é olhar para os traços particulares das ações praticadas pelos participantes no cotidiano, não apenas pela

repetição e reprodução das imposições, mas mediante usos diferenciados dos produtos impostos, fazendo a partir desses usos, lances de acordo com as ocasiões que definem os modos e as operações que fazem parte da complexidade das realidades concretas (CERTEAU, 2000 apud GONÇALVES, 2006, p. 158).

Percebendo a complexidade da realidade e as diversas formas de disputa no campo das práticas e na construção da cultura escolar o autor retoma, neste caminho, o teórico Dominique Julià (2001 apud GONÇALVES 2006), dizendo que a

cultura implica, como indicado por Julià (2001, p. 10), em considerar as ‘relações conflituosas ou pacíficas que ela mantém, a cada período da história, com o conjunto das outras culturas que lhes são contemporâneas’. Outrossim, implica também considerar que é nessa realidade conflituosa que é possível ‘captar melhor o funcionamento real das finalidades atribuídas à escola’ (Julià, 2001, p. 19), o que irá remeter, necessariamente, para a relação entre normas e práticas (GONÇALVES, 2006, p. 153).

No que tange à cultura material escolar temos, na mesma medida, um estudo ainda latente, que gera frutos em trabalhos residentes no campo da história da educação. Pensamos, assim, nos objetos que durante tanto tempo estiveram à margem dos estudos, sem qualquer papel na reconstrução histórica dos fazeres e saberes escolares e, no entanto, trazem a grande riqueza que ainda temos para utilizar em estudos em educação.

De acordo com os estudos de Rosa Fátima de Souza (2007, p. 170) os “objetos tem entrado em cena nem sempre como foco principal da análise, mas como um componente da

interpretação voltada para o estudo das representações e das práticas escolares”. Ou seja, em um procedimento bastante alinhado ao presente trabalho. A autora traz ainda uma definição de cultura material escolar:

A expressão cultura material escolar passou a ser utilizada na área da História da Educação nos últimos anos, influenciada pelos estudos em cultura escolar, pela renovação na área pela Nova História Cultural e pela preocupação crescente dos historiadores em relação à preservação de fontes de pesquisa e de memória educacional em arquivos escolares, museus e centros de documentação. Ao recortar o universo da cultura material especificado um domínio próprio, isto é, o dos artefatos e contextos materiais relacionados à educação escolarizada, a expressão não apenas amplia o seu significado reinserindo as edificações, o mobiliário, os materiais didáticos, os recursos audiovisuais, e até mesmo as chamadas novas tecnologias do ensino, como também remete à intrínseca relação que os objetos guardam com a produção de sentidos e com a problemática da produção e reprodução social (SOUZA, 2007, p. 170).

Para Rosa “é preciso estar atento para o fato de que muitos artefatos são produzidos para uso escolar e apropriados fora dos muros da escola [...]; da mesma forma que objetos de usos sociais diversos adentram o universo escolar adquirindo novas significações” (SOUZA, 2007, p. 177). O jornal, objeto a ser analisado neste trabalho, está nesse segundo grupo e, ainda de acordo com a autora, “o que define um objeto como escolar depende da intencionalidade e do uso em determinadas situações e condições históricas” (SOUZA, 2007, p. 177).

A autora ainda explica de onde vem essa questão de significações dos objetos. O teórico Jean Baudrillard, com uma abordagem semiótica, voltou seus estudos para o sistema dos objetos, definido como: a relação das pessoas com os objetos, as condutas e as relações humanas resultantes dessa relação. O autor queria entender “como os objetos são vividos, que estruturas mentais se misturam às estruturas funcionais e as contradizem, sobre que sistema cultural, infra ou transcultural, é fundada a sua cotidianidade vivida” (BAUDRILLAD, 2002 apud SOUZA, 2007, p. 168).

Como recupera Souza (2007), Baudrillard “partia, pois, do princípio de que o sistema dos objetos deveria ser estudado cientificamente sendo considerado como resultado da interferência de um sistema de práticas sobre um sistema de técnicas” (p. 168). Nesse sentido temos a questão das práticas escolares influenciando diretamente a construção da cultura escolar a despeito das normas estabelecidas, demonstrando a ideia de resistência pelas práticas de Chartier, apresentada no item anterior.

Ainda sobre a cultura material escolar entendida com relação aos objetos temos que: “os artefatos são produtos do trabalho humano e apresentam duas facetas: eles têm uma função primária (uma utilidade prática) e exercem funções secundárias, isto é, simbólicas” (SOUZA, 2007, p. 169). Portanto, neste estudo busco compreender a função do jornal *Dia a Dia* em seu sentido primário de utilidade para aquela determinada comunidade escolar, bem como estabelecer sua função secundária, ou seja, sua função simbólica, para a Escola da Ponte.

Voltando ao texto de Gonçalves (2006) nos encaminhamos para a finalização deste item enfatizando que “a cultura escolar que se produziu com essas várias participações foi se sedimentando ao longo da constituição da escola, no conjunto das ideias, dos princípios, das normas e das práticas” (p. 187). Visto isso, percebemos que a cultura escolar é criada e/ou reafirmada a partir das mais diversas participações dos atores sociais e suas interações com os objetos que possuem utilidade e significações, sendo nosso objeto de pesquisa fundamental o jornal. Traçar seus usos e significações será fundamental e nos possibilitará conhecermos melhor o movimento de emergência da imprensa estudantil no mundo.

3 JORNAL *DIA A DIA*: MATERIALIDADE E CIRCULAÇÃO

“Esta história começa no rés do chão, com passos [...]. Os jogos dos passos moldam espaços e tecem os lugares.”

Michel de Certeau (1998, p. 176),

Na primeira parte deste capítulo discutiremos o jornal enquanto objeto social, visto que ocorreu a produção de um novo sentido atribuído à essa tecnologia de comunicação escrita ao ser considerado como um dispositivo pertencente à cultura escolar. Esse movimento é o que sustenta, motiva e justifica o investimento na presente pesquisa. No segundo momento delinaremos as razões pelas quais a imprensa pedagógica, incluindo a produzida por professores e estudantes, tem sido eleita como fonte e objeto de pesquisas sob os mais variados enfoques e abordagens.

Logo passamos a apresentar características específicas do jornal da Escola da Ponte, o qual é o objeto principal do presente estudo. Abordando os elementos históricos, seus formatos e nomes que precederam o jornal *Dia a Dia* tal como foi visto em sua primeira edição, buscamos entender melhor o caminho feito de acordo com as transformações no decurso do tempo.

3.1 O jornal como objeto social

Previamente, é importante contextualizarmos o jornal como um objeto pertencente ao materialismo cultural. Dentro do universo teórico dos estudos culturais e históricos podemos destacar o teórico Raymond Willians, o qual se dedicou ao materialismo cultural e o concebeu como alternativa à metáfora base/superestrutura, pensando a “cultura como produto e produção de um modo de vida determinado, e não como reflexo de uma base socioeconômica” (CEVASCO, 2001, p. 138). Os estudiosos dessa área, assim como Willians, tinham vinculações históricas com a luta social e cultural da classe operária. Objetivavam combater as concepções elitistas de educação e buscavam ativamente difundir a definição de uma cultura comum, que fosse ampla o suficiente para abranger a cultura popular ou a cultura mediada pelos meios de comunicação de massa.

O jornal, por ser um instrumento pertencente aos meios de comunicação de massa, apresenta-se como um relevante meio de difusão da cultura, e no materialismo cultural a cultura é entendida como lugar de luta contra a hegemonia. Nesse sentido, qualquer informação difundida deve ser vista como pertencente a uma conjectura social maior. O ato de vislumbrar

uma intencionalidade na veiculação de informações e/ou padrões culturais passa a ser crucial, de acordo com essa teoria.

Sendo assim, uma pesquisa que se utiliza de um objeto social deve observá-lo como parte de um contexto maior que está sempre em movimento. Em alguns momentos este contexto é a luta contra a hegemonia e em outros a luta é por ela. O jornal, neste sentido, é visto como constituído por cultura, mas também espaço de reforço da cultura estabelecida como padrão ou até mesmo espaço para inaugurar uma nova proposta cultural, que seria a quebra de paradigma.

Essa possível mudança que traz a ideia de movimento para a teoria do materialismo cultural evoca o zelo necessário para a pesquisa dos elementos com qualquer objeto social: a sua especificidade temporal. Ou seja, o pesquisador que observa um objeto social deve considerar que tudo ali apresentado representa o sentido daquela cultura naquele determinado período.

Sobre esse aspecto, vale destacarmos que o jornal *Dia a Dia*, aporte documental para esta pesquisa, conta com exemplares de mais de quatro décadas. Portanto, uma mudança de visão quanto ao próprio objeto estudado é, mais do que natural, necessária para a manutenção da sua existência. Os tempos são outros, então o jornal também se tornou outro. Essas mudanças gráficas e editoriais do jornal em comento serão abordadas um pouco mais a frente neste estudo.

Figura 10 – O objeto social - jornal¹⁸



¹⁸ O Jornal

O jornal nasceu há pouco,
nasceu agora.

Fonte: Jornal da Ponte, edição de maio de 2010.

A Figura 10 é um trecho da edição de maio de 2010, na qual temos um texto da professora Sônia, falando sobre o objeto jornal como social. Nitidamente não existe uma fala com referência ao *Dia a Dia*, visto que tratou de um periódico diário. Ao que parece, portanto, o texto faz referência ao jornal num sentido genérico, tal como estamos tratando até o momento neste capítulo.

O jornal como objeto social ganhou novo espaço quando utilizado no meio escolar, privilegiando os discursos do cotidiano deste âmbito. Porém, na historiografia atual ainda não sabemos ao certo qual foi o primeiro jornal escolar do mundo. No Brasil, o que temos são registros da segunda metade do século XIX, como foi o caso de O Guarani (1897), no qual Monteiro Lobato fez suas primeiras tentativas literárias como relata Leonardo Arroyo (1968, p. 136).

As referências que temos hoje indicam que a imprensa escolar ganhou força na Bélgica, na Escola Decroly, com o *Courrier de l'École*, no início do século XX. A historiografia demonstra também a concordância de que Celéstin Freinet, pedagogo francês, com seus trabalhos a partir de 1924, ampliou a divulgação e utilização do jornal escolar como texto livre, “considerado um método pedagógico e um elemento ativo de uma nova pedagogia” (FREINET, 1974, p. 11).

Para ele, o jornal escolar seria um dos maiores elementos de uma pedagogia aberta sobre o mundo e sobre a vida, suscetível de dar um sentido novo à cultura em que a escola, em todos os seus graus, vai assentar-se e preparar a eclosão (FREINET, 1957, p. 62-65). A relevância de Freinet para o tema deve-se ao tratamento inovador que ele deu ao jornal no âmbito escolar em seu tempo. Seu olhar para com as produções dos discentes respeitava o texto como algo que

Nasceu na máquina de escrever,
 nasceu na caneta,
 na fotografia,
 na composição,
 na gravura,
 nasceu na revisão,
 na impressão,
 nasceu no grito da ardina,
 que vende o mundo,
 em retalho de notícias.
 Fenômeno de papel
 que nasce e
 morre de 24 em 24 horas. - Sônia

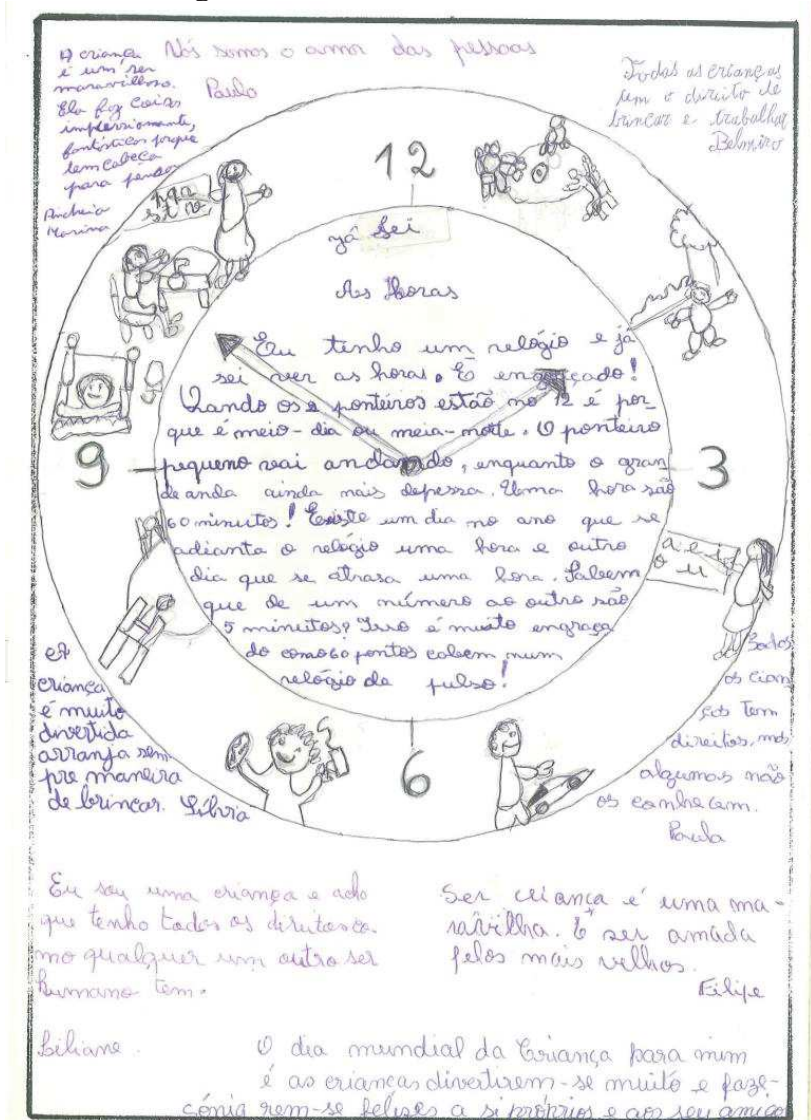
dizia mais do que estava dito, e seus preceitos utilizados como projetos escolares podem ser vistos na prática ainda hoje.

Em seu trabalho, ele almejava mostrar aos profissionais da educação como poderia ser o uso do jornal escolar. Visto como ferramenta educacional, ele buscava fazer com que educadores comprassem essa ideia abordando as possíveis vantagens do trabalho com este instrumento. Nas palavras de Freinet (1957), o jornal escolar

apresenta vantagens pedagógicas (uma pedagogia que prepara para a vida; afasta o horror do ensino metódico da língua, pelo método natural, sem redações formais, sem exigências gramaticais, obtém-se uma expressão natural e viva em que os exames habituais sancionam o valor, uma ortografia natural, um desejo e a necessidade de escrever e ler, de experimentar e calcular que são as bases de uma formação cultural; uma escola que trabalha com o jornal escolar visa a modernização; o jornal é um arquivo vivo da classe, dos seus momentos memoráveis; tem uma obra para mostrar, uma intercomunicação com o bairro e a cidade; reflete a classe de alunos, o trabalho bem feito e as aquisições de conhecimentos; desperta a curiosidade e o interesse); vantagens psicológicas: (textos reveladores do ponto de vista da vida subsequente e da vida social das crianças: a complexificação íntima da criança; normalização do meio em que vive a criança; disciplina nova: disciplina do trabalho; expressão livre, necessidade de exteriorização da criança; liberação psíquica; trabalho produtivo; uma pedagogia do sucesso); e vantagens sociais (trabalho em equipe, cooperação; meio de ligação com a família; iniciação à vida cívica e à compreensão internacional). No texto livre é comum as crianças contarem os acontecimentos da sua vida, de sua cidade ou bairro, as aventuras de férias ou as saídas de domingo. Dessa forma, nós podemos conhecer a criança em seu meio, na sua vida, os caminhos profundos dos seus interesses, a realidade do mundo que vibra ao seu redor (p. 62-65).

E com essa listagem o pedagogo francês buscou convencer o máximo de educadores para que incorporassem os jornais escolares em suas práticas. A enumeração acima explicitada possui relevância para o presente estudo, visto que podemos perceber algumas características listadas por Freinet (1957) durante a leitura das edições do jornal da Escola da Ponte.

Em uma página do jornal *Dia a Dia*, edição de maio/junho de 1990 (Figura 11), vemos o que Freinet (1957) chamaria de texto livre, com recados de crianças externalizando sua visão acerca dos Direitos das Crianças em todas as bordas da página, mas destacamos a imagem e o texto centrais, que trazem o registro de um conhecimento adquirido durante uma prática pedagógica da escola. Observamos, ainda, que a criança desenha suas atividades de acordo com os seus tempos, demonstrando entendimento do que lhe foi ensinado.

Figura 11 – Texto e desenho de aluno¹⁹

Fonte: Jornal da Ponte, edição de maio/junho de 1990.

De fato, Freinet não conheceu o jornal da Escola da Ponte, mas muitos dos apontamentos dele podem ser vistos nos jornais da Ponte, principalmente nas primeiras duas décadas de edições do acervo. Apesar dos diversos momentos vividos por este periódico podemos entender que as indicações de Freinet podem ter influenciado na criação deste impresso pela forma com que ele se apresentou ao mundo e da forma que perseverou em ser durante seu momento inicial.

¹⁹ Já sei
As Horas

Eu tenho um relógio e já sei ver as horas. É engraçado! Quando os ponteiros estão no 12 é porque é meio-dia ou meia-noite. O ponteiro pequeno vai andando, enquanto o grande anda ainda mais depressa. Uma hora são 60 minutos! Existe um dia no ano que se adianta o relógio uma hora e outro dia que se atrasa uma hora. Sabem que de um número ao outro são 5 minutos? Isso é muito engraçado como 60 pontos cabem num relógio de pulso!

Como todo teórico tem também sua inspiração, Freinet respeitava muito a visão de Ovide Decroly com relação aos jornais escolares, colocando-o como precedente de seu trabalho. Por outro lado, ele não retirava o valor de suas próprias contribuições na criação de jornais escolares bem como na sua divulgação. Nesse sentido ele disse que “não surpreenderá ninguém que saiba tudo o que devemos ao Dr. Decroly, que foi, sob muitos aspectos, o nosso inspirador” (FREINET, 1974, p. 10). E disparava seu pensamento:

Além desse precedente – que até agora continuou sendo o único – não temos conhecimento, quer na França quer no estrangeiro, de nenhuma experiência semelhante ao jornal escolar, tal como o realizamos. Não há motivo, de resto, para se ficar surpreendido com este facto; um Jornal Escolar do tipo Freinet pressupõe: - Quanto ao conteúdo, o texto livre; - Quanto a técnica de impressão, a impressão escolar ou o limógrafo. Ora fomos nós que pusemos em prática e divulgamos um e outros (FREINET, 1974, p. 10).

Para Freinet, apesar do seu respeito às origens da imprensa escolar seu principal foco era a real utilização dos periódicos de uma maneira efetiva. Por isso, falou que o “que conta, antes do mais, para a escola, para as crianças e para os professores, não é o aspecto histórico das técnicas e métodos, mas sim a sua adequação às necessidades pedagógicas” (FREINET, 1974, p. 10).

Acerca da adequação do jornal escolar ao ambiente no qual ele é desenvolvido recuperamos um trecho da edição de maio de 2010 (Figura 12), no qual percebemos o aspecto democrático e participativo dos estudantes da Escola da Ponte, uma vez que durante a Assembleia da escola, com a participação de alunos e professores, foi colocada em pauta o jornal da escola explicitando tanto os aspectos positivos quanto os negativos de sua organização naquele momento.

Figura 12 – Democraticidade vivenciada na Escola da Ponte²⁰

<i>Jornal</i>	
<p>Aspectos Negativos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Continua e existir pouca participação dos alunos com materiais para publicar; - Ainda existem alunos que não conhecem o <i>blog</i> do Jornal e os que conhecem não comentam as entradas; - Os jornais não saíram nos dias previstos; - Devido a problemas de <i>e-mail</i> algumas pessoas não receberam a edição de Fevereiro. <p>Aspectos positivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Muitos alunos manifestam curiosidade e vontade de receber o jornal; - Cerca de 300 pessoas recebem o jornal; - Tivemos a participação de visitas em duas edições; - Vamos iniciar um intercâmbio 	<p>com um jornal escolar do Brasil;</p> <p>Os alunos tiveram a oportunidade de desenvolver as seguintes actividades: dinamizar o <i>Blog</i> do Jornal; recolher endereços de e-mail, colaborando com a Responsabilidade “Visitas na Ponte”; pedir notícias e trabalhos; seleccionar os aniversariantes e colocar as datas por ordem cronológica; montar o jornal com recurso ao programa <i>Publisher</i>; realizar reportagens fotográficas de alguns eventos; realizar entrevistas; verificar o <i>e-mail</i>; seleccionar passatempos; recolher as notícias nos diversos dispositivos (pasta T e caixas); pedir notícias; e contribuir com materiais para publicar (textos, reportagens...).</p>

Fonte: Jornal da Ponte, edição de maio de 2010.

Partilhando do entendimento de Freinet de respeito à historicidade daqueles que elegemos para falar e de que o mais relevante seria coerência pedagógica nos usos de jornais e revistas escolares, passemos agora para um olhar quanto à utilização da imprensa escolar nos estudos relacionados à História da Educação.

3.2 A imprensa escolar como fonte de pesquisa

²⁰ Jornal

Aspectos Negativos:

- Continua e existir pouca participação dos alunos com materiais para publicar;
- Ainda existem alunos que não conhecem o *blog* do Jornal e os que conhecem não comentam as entradas;
- Os jornais não saíram nos dias previstos;

Devido a problemas de e-mail algumas pessoas não receberam a edição de fevereiro.

Aspectos positivos:

- Muitos alunos manifestam curiosidade e vontade de receber o jornal;
- Cerca de 300 pessoas recebem o jornal;
- Tivemos a participação de visitas em duas edições;
- Vamos iniciar um intercâmbio com um jornal escolar do Brasil;

Os alunos tiveram a oportunidade de desenvolver as seguintes actividades: dinamizar o *Blog* do Jornal; recolher endereços de e-mail, colaborando com a Responsabilidade “Visitas na Ponte”; pedir notícias e trabalhos; seleccionar os aniversariantes e colocar as datas por ordem cronológica; montar o jornal com recurso ao programa *Publisher*; realizar reportagens fotográficas de alguns eventos; realizar entrevistas; verificar o e-mail; seleccionar passatempos; recolher as notícias nos diversos dispositivos (pasta T e caixas); pedir notícias; e contribuir com materiais para publicar (textos, reportagens...).

Na historiografia dedicada aos estudos da imprensa geral e da imprensa pedagógica, observamos uma produção bem diversificada e importante para o desenvolvimento das investigações na área. Parte desse movimento historiográfico deve-se, principalmente, à renovação do campo da História e da História da Educação, especialmente nos últimos 20 anos.

No campo da História, esse movimento, embora não seja muito recente, pois esteve presente desde a Escola dos Annales (BURKE, 1992), contribuiu sobremaneira para que a História da Educação trilhasse um caminho semelhante. Já em 1993, Nunes e Carvalho ressaltavam a importância de investigar a emergência de novos objetos e novas abordagens, propondo a reflexão sobre a contribuição da História Cultural para a Historiografia da Educação. Para as autoras “colocar em discussão a própria postura e os problemas que valorizamos na prática da pesquisa” (NUNES; CARVALHO, 1993, p. 9) era e continua sendo condição *sine qua non* para rever velhas questões e dessa forma constituir novos horizontes, problemas e abordagens.

Sobre as abordagens, as autoras examinaram as possibilidades de trabalhar a história da educação por meio da História Cultural. Nessa perspectiva, as reflexões de Chartier (1990) tem contribuído para estudos da história dos objetos na sua materialidade, da história das práticas nas suas diferenças, dentre outras. Portanto, nas décadas seguintes observou-se uma renovação do campo da História e da História da Educação e, por extensão, o deslocamento das fontes mais utilizadas pelos pesquisadores como, leis, pareceres, preceitos, doutrinas etc., para o estudo investigativo das práticas escolares nas suas variadas formas. Dessa forma, cresceu o interesse pelo modo que os sujeitos se apropriam dos modelos que lhes eram/são impostos (NUNES; CARVALHO, 1993).

A consolidação desse movimento é possível de ser observada a partir da organização da comunidade de historiadores da educação em sociedades mais diversas, como o exemplo da Sociedade Brasileira de História de Educação, fundada em 1999. Desde então, nos congressos bienais organizados por essa sociedade científica, emergiu uma produção diversificada, afirmando um leque de tendências que promovem um detalhamento historiográfico da educação, importante para o desenvolvimento das pesquisas nesta área. Em tal espaço de debates é possível ter acesso a trabalhos de iniciação científica, monografias, dissertações e teses e à produção acadêmica de um conjunto de especialistas, representando os Programas de Graduação e Pós-Graduação das diferentes Universidades e Centros educacionais espalhados pelo Brasil (GONDRA, 2005). Dessa forma, historiadores da educação, por intermédio das mais

diferentes entradas, têm estabelecido interlocução com a História Cultural, produzindo reflexões sobre práticas educativas, saberes educacionais e cultura escolar.

É nesse cenário que o jornal da Escola da Ponte emerge como objeto e fonte do presente estudo, sob a compreensão de que a investigação das práticas discursivas deve ser localizada no espaço no qual elas foram forjadas. Outro pensador que orienta essa pesquisa é Le Goff (1996, p. 538), na defesa que ele faz de que o documento, como instrumento de poder, jamais é objetivo, inócuo ou primário. As fontes documentais não têm autonomia para produzir representações desvinculadas dos processos sociais, políticos e culturais que as geraram, e muito menos, das experiências dos sujeitos.

Estudos feitos a partir de impressos escolares como fontes de pesquisa no campo da história da educação representam um relevante meio de constituição e expressão da cultura escolar. Sua relevância está no fato de eles revelarem pontos dos processos escolares que antes eram ignorados. Nesse sentido, “nos mostram maneiras de produzir e difundir discursos” (MAGALDI; XAVIER, 2008).

Por isso dizemos que os impressos de alunos e professores são documentos importantes para analisar práticas e cultura escolares. Podemos por meio deles entender melhor as políticas das organizações, as preocupações sociais, as ideologias daqueles determinados pares que escrevem e daqueles aos quais são direcionados os impressos. Neste sentido, temos que

Jornais, boletins, revistas, magazines – feitas por professores para professores, feitas para alunos por seus pares ou professores, feitas pelo Estado ou outras instituições como sindicatos, partidos políticos, associações de classes, igrejas – contêm e oferecem muitas perspectivas para a compreensão da história da educação e do ensino. Sua análise possibilita avaliar a política das organizações, as preocupações sociais, os antagonismos e filiações ideológicas, além das práticas educativas e escolares. A imprensa é um corpus documental de vastas dimensões, pois se constitui em um testemunho vivo dos métodos e concepções pedagógicas de uma época e da ideologia moral, política e social de um grupo profissional. É um excelente observatório, uma fotografia da ideologia que preside. Nessa perspectiva, é um guia prático de cotidiano educacional e escolar, permitindo ao pesquisador estudar o pensamento pedagógico de um determinado setor ou de um grupo social a partir da análise do discurso veiculado e da ressonância dos temas debatidos, dentro e fora do universo escolar (CATANI, BASTOS, 1997, p. 49).

Vemos, portanto, que os impressos são objetos capazes de oferecer, com grande riqueza, uma visão sobre o cotidiano escolar, sendo instrumento produzido neste cotidiano. Mas devemos nos atentar também para as formas de usos desses impressos como fontes de pesquisa. Nesse âmbito, trazemos novamente o teórico Roger Chartier para que o trabalho de observação

e análise não perca seu sentido: “os textos não estão fora dos materiais de que são veículos. Contra a abstração dos textos, é preciso lembrar que as formas que permitem sua leitura, sua audição ou sua visão participam profundamente da construção de seus significados” (CHARTIER, 2002, p. 61-62).

Segundo Chartier (1992), texto, suporte e leitura formam o tripé de análise essencial para uma história da leitura e da escrita. O texto torna-se objeto da sua materialização, ou seja, quando transportado a um suporte. Para o suporte existir, como base material do escrito, é necessário a presença do texto. Ambos são criados e pensados para serem manuscritos, transportados, colecionados, vistos e lidos, por fim, sujeitos a várias utilizações, assim como a participação na construção de práticas culturais. Um se torna dependente do outro para continuar a existir.

Michel de Certeau (1982) trabalha na mesma linha e defende que a particularidade do lugar é a marca indelével na operação historiográfica. São as escolhas do historiador que ligam as ideias aos lugares, numa operação marcada por três fases: a escolha das fontes, procedimentos de análise e escrita da história (CERTEAU, 1982). São itinerários de pertinência que não devem ocultar o fato de que, ainda assim são operações que envolvem escolhas. Explicitar as escolhas realizadas é uma forma de indicar as possibilidades e os limites desse texto.

Podemos dizer, então, que o jornal impõe desafios metodológicos ao historiador. O principal deles, apontado por Tânia Regina de Luca (2006), incide em evitar a armadilha de recortar palavras, imagens ou textos inteiros desvinculados de uma determinada realidade e um determinado contexto histórico. Também devemos nos atentar para não observar as narrativas apenas na dispersão sem relacioná-las ao conjunto de discursos que as enunciam e legitimam. Por isso temos que o jornal é produto de uma seleção que narra de uma determinada forma aquilo que se elegeu como digno de chegar até seu público (LUCA, 2006).

Partindo dessa consideração, o esforço aqui empreendido é o de observar o *Dia a Dia* a partir da sua materialidade, ou seja, na sua condição de jornal escolar, produto de um trabalho coletivo de um contexto histórico, articulado a determinado grupo e interesses. São esses indícios que permitirão a construção da terceira fase da operação historiográfica: a escrita. Ela é ato que nos leva a uma possível representação do passado, uma vez que já não conseguimos recuperá-lo ou saber exatamente como realmente ele foi, pois

Compreender e explicar a realidade histórica de uma instituição é integrá-la de forma interactiva no quadro mais amplo do sistema educativo, nos

contextos e nas circunstâncias históricas, implicando-a na evolução de uma comunidade e de uma região, seu território, seus públicos e zonas de influência (MAGALHÃES, 2007a, p. 69).

Nessa perspectiva situa-se o presente estudo, que pretende ser um olhar atento aos escritos de alunos do ensino primário da Escola da Ponte, publicados no jornal *Dia a Dia*. Buscamos entender a adequação temporal dos discursos veiculados, que expressam práticas curriculares do cotidiano escolar e suas influências nos modos como os estudantes pensavam, agiam e se expressavam nos espaços de construção de suas identidades e memórias.

A possibilidade de materializar a pesquisa com os jornais produzidos por alunos e professores da Escola da Ponte só foi possível devido à tecnologia, dada a disponibilidade dessa documentação na rede mundial de computadores. Aliás, é importante salientar que a questão dos “arquivos virtuais” tem sido objeto de reflexão desde pelo menos o ano de 2000. As preocupações dos historiadores da educação estão expressas em reflexões organizadas, por exemplo, em seminários. O trabalho de Clarice Nunes (2000) é um exemplo desse movimento e foi concebido quando a autora foi consultora da organização da Biblioteca Virtual de Anísio Teixeira. Naquela ocasião ela chamava a atenção para o fato de que documentos inéditos tinham sido disponibilizados que de outra forma o público em geral não teria acesso. Destacava ainda as vantagens da informatização: velocidade da informação; ampliação da produtividade e nesse sentido maior disponibilidade das informações produzidas.

Mais recentemente, Marta Carvalho (2013) numa publicação na Revista Mexicana de La Educación escreveu sobre a questão da preservação do patrimônio escolar. Nessa reflexão a autora afirma que a reconfiguração da investigação da História da Educação no Brasil responde a novas formas de pensar os significados da escola nas últimas cinco décadas. Atualmente há novas perguntas e perspectivas para explicar e compreender a especificidade da instituição escolar contemplando, por exemplo, discussões acerca da cultura escolar como objeto histórico. Nessa configuração, uma multiplicidade de novos atores são parte desse cenário, como as ações mais cotidianas de alunos e professores.

Portanto, cabe indagar acerca de um conjunto de elementos que funcionam para pensar as práticas escolares da Escola da Ponte. Nesse sentido, a vontade de conhecer as práticas da Escola da Ponte bem como sua cultura escolar fazem deste estudo uma observação singular dessa escola tão conhecida nos bancos acadêmicos, por tomar o ângulo de seus jornais. Conforme já dito, os jornais nos trazem indícios das práticas a partir de narrativas do cotidiano,

porém é necessário entender que os jornais escolares possuem uma relação intrínseca com a memória escolar.

A autora Clarice Nunes (2003) trabalha em seu texto “Memória e história da educação: entre práticas e representações” nesta perspectiva, enxergando a escola como lugar de produção de memória social e destacando a especificidade das memórias como fontes históricas para se pesquisar a escola. E para observar essa memória dita escolar pressupõem-se a existência de uma vasta cadeia de aportes materiais, pois a escola é lugar de memória social e é também constituída da união de documentos relacionados as funções desenvolvidas nesse espaço. Podemos apontar como exemplos, então, os dossiês dos alunos, os livros de matrículas, a correspondência, as circulares, os livros de ponto e advertência, os diários de classe, as atas de diretoria e congregações, os estatutos, os regimentos, as plantas dos prédios escolares, os álbuns fotográficos, as publicações (NUNES, 2003, p. 18).

A autora discorre acerca da utilização desses documentos de memória como fontes em estudos no campo da história da educação explicando sua pertinência na análise das relações sociais tão fecundas dentro dos espaços escolares. Conforme o trecho de seu texto abaixo destacado.

A história da educação começa onde a memória da escola termina. Medida pelas relações sociais que a constituem e pelas interpretações que daí emergem, as memórias são narrativas produtoras de significados que promovem a fusão interior da intenção com as palavras. O contexto interno das memórias, assim como gêneros narrativos existem como padrões nas quais experimentamos e explicamos toda espécie de ocorrências. Esse trabalho interno se articula com a sua transmissão dentro de um contexto. Quando o contexto muda as memórias tendem a perder-se ou a constituir-se como história (NUNES, 2003, p. 19).

Em um contínuo movimento entre passado/memória e presente/prática, a articulação do material produzido gera um aglomerado de documentos, atitudes, sentimentos e fatos repleto de significações sociais. Para Nunes (2003), o olhar sobre o material produzido como sendo apenas uma somatória de papéis traz a perda de significado de um corpo documental de grande valor histórico, sendo deixado de lado o direito à memória que acompanha o direito à cidade e à cidadania.

Desse modo, o que temos com as narrativas das vivências escolares em forma de memórias são testemunhos sobre os modos de educação familiar, escolar e ambiental de determinadas gerações ou certos grupos sociais, que nos traz aspectos concretos de vivências do trabalho e cultura escolar. De acordo com a experiência pessoal da autora,

as memórias como fonte de pesquisa histórica em educação constituem a ponta de um *iceberg* que vamos gradativamente desnudando. Quando seguimos as pegadas do que se disse sobre a escola estamos trabalhando com memórias agarradas a um contexto de infância que se remete a uma doxa urbana mutável, recortada pelas lembranças envolvidas na escrita, na escuta, no momento e nos costumes. As memórias dos alunos e dos professores, dos poetas e dos cronistas da cidade compõem de maneira anamórfica, isto é, formas sempre em mudança, o que chamaríamos de “realidade” da escola e os sentimentos e as opiniões que sobre ela se forjaram. É nessa imbricação que chegam até nós múltiplas percepções do espaço escolar, percepções que se reenviam incessantemente umas às outras e que enlaçam também imagens do espaço urbano, constituindo um estoque de informações criticamente trabalháveis (NUNES, 2003, p. 21-22).

Uma preocupação de Nunes durante o seu percurso discursivo está na perda de grande parte desse material ligado à memória escolar, visto que é corriqueira a destruição dos acervos pelas próprias escolas, quando não reconhecida a sua relevância histórica. Ela indica, como forma de conservação, a utilização desse material nas aulas curriculares como fontes de pesquisa para estudos ligados a história e geografia, contribuindo para um estudo significativo.

Figura 13 – Pesquisas²¹

Pesquisas

Nós fazemos pesquisas para aprendermos os nossos objectivos e os nossos temas de estudo do meio.

Pesquisa é procurar em livros, jornais , revistas , etc., o que queremos saber.

(Ana Cláudia)

Fonte: Jornal da Ponte, outubro de 2000.

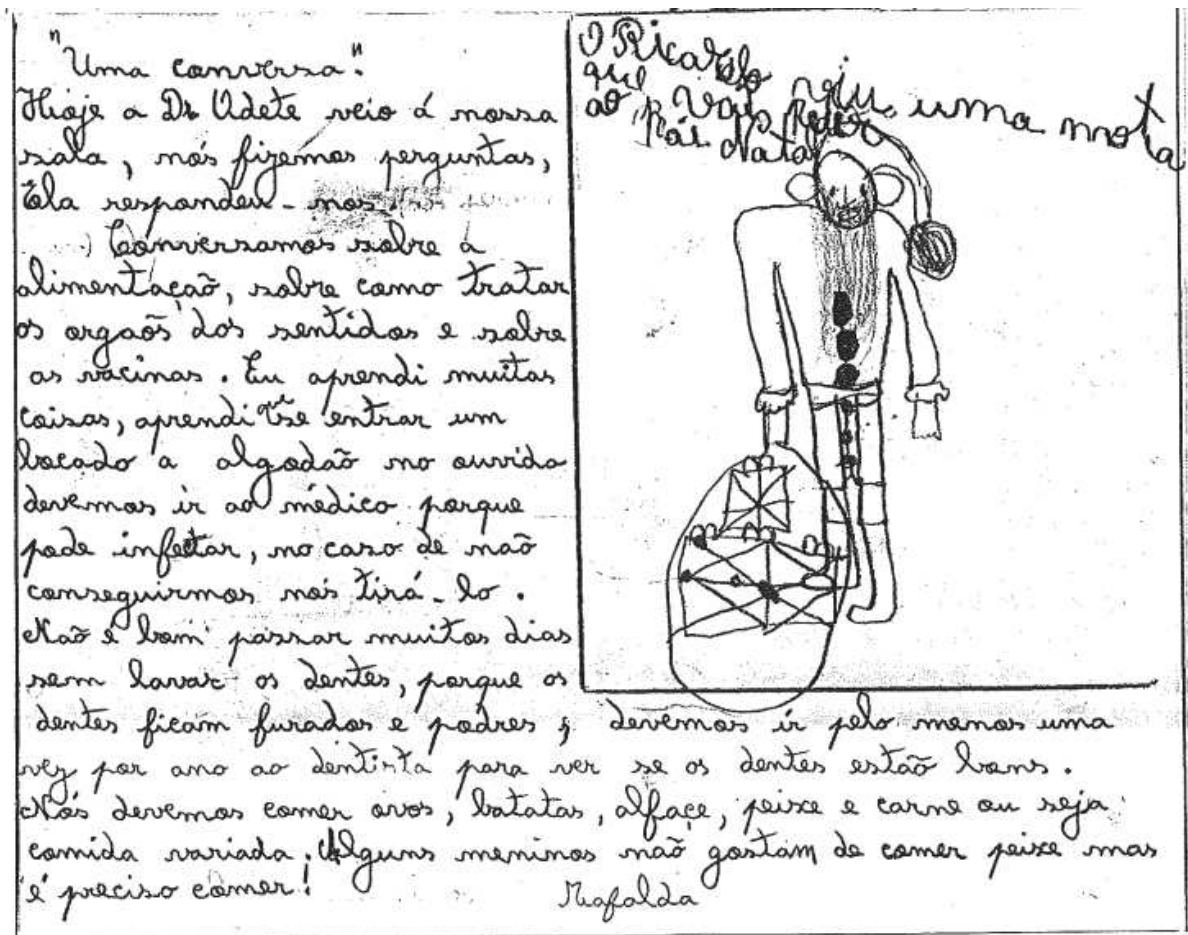
Como apresenta a Figura 13, na edição de outubro de 2000, a aluna Ana Cláudia indica quais são as fontes de pesquisa utilizadas pelos alunos da Ponte durante as aulas. Percebemos a presença de jornais nesta enumeração, porém não temos a certeza se os jornais da escola estão inclusos nesse repertório. Entretanto, quanto a ser um veículo de reunião e transmissão de

²¹ Pesquisas

Nós fazemos pesquisas para atendermos os nossos objectivos e os nossos temas de estudo do meio. Pesquisa é procurar em livros, jornais, revistas etc., o que queremos saber. - (Ana Cláudia)

memória coletiva não há dúvidas. Na edição de dezembro de 1992 (Figura 14), temos o relato da aluna Mafalda lembrando da visita da Dr.^a Odete à sua turma, durante a qual ocorreram muitos ensinamentos.

Figura 14 – Texto jornal como memória coletiva²²



Fonte: Jornal da Ponte, edição de dezembro de 1992.

Igualmente a este, temos vários outros relatos de práticas pedagógicas, visitas à escola, passeios, eventos etc., evidenciando a criação de uma memória escolar relativa às vivências dos alunos e professores da Escola da Ponte conservada através dos textos do jornal da escola.

²² "Uma conversa"

Hoje a Dr. Odete veio à nossa sala, nós fizemos perguntas, Ela respondeu-nos.

Conversamos sobre a alimentação, sobre como tratar os órgãos dos sentidos e sobre as vacinas. Eu aprendi muitas coisas, aprendi que se entrar um bocado a algodão no ouvido devemos ir ao médico porque pode infectar, no caso de não conseguirmos nós tirá-lo.

Não é bom passar muitos dias sem lavar os dentes, porque os dentes ficam furados e podres, devemos ir pelo menos uma vez por ano ao dentista para ver se os dentes estão bons.

Nós devemos comer ovos, batatas, alface, peixe e carne ou seja comida variada. Alguns meninos não gostam de comer peixe mas é preciso comer! - Mafalda

Torcendo pela manutenção dos arquivos escolares com a premissa de se guardar um aporte documental para futuras pesquisas que poderão tornar possível a reconstituição de aspectos basilares dos processos educativos de outras épocas históricas, passamos a entender melhor os momentos históricos do jornal *Dia a Dia*.

3.2.1 Momentos iniciais do jornal escolar da Ponte

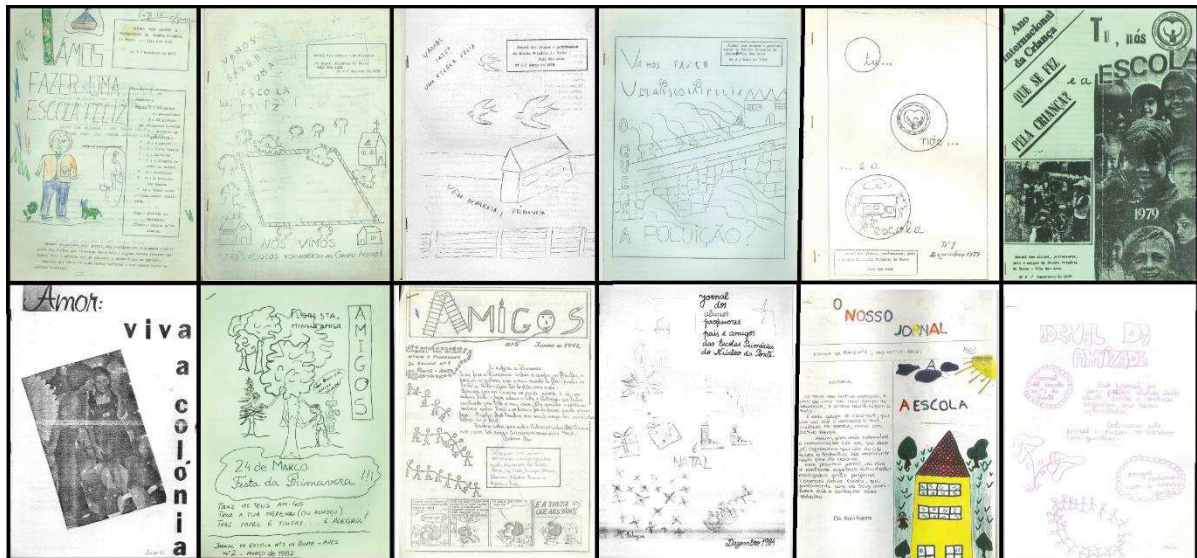
Neste subitem, antes das observações do jornal da Escola da Ponte, cabe expor uma característica basilar deste jornal que sofreu grande modificação com o tempo: o nome do jornal. Este fato é relevante, visto que o nome do jornal faz parte do título deste trabalho. Por isso, entendemos como necessário expor que em nosso movimento de pesquisa, a princípio, cogitamos a possibilidade de recortar as edições não nomeadas como *Dia a Dia* da análise. Contudo, em seguida fizemos outra opção a qual explicaremos na reflexão a seguir.

Quando nascemos, recebemos um nome, o qual poderia já estar escolhido ou foi escolhido logo após o nascimento. O nome é um elemento de individualização da pessoa na sociedade. Ele é uma etiqueta que carregaremos por toda a nossa vida. No entanto, objetos podem mudar de nome com o passar dos anos, possuir nomes diversos em uma mesma língua ou talvez, no seu primeiro momento de existência outros fatores foram colocados como mais relevantes, como seus objetivos e forma, em detrimento de um nome único. Enfim, todo objeto tem uma história e o processo de construção das suas mais diversas características é de grande importância para entendermos o seu estágio final.

O momento de transição de nomes do jornal da Escola da Ponte durou mais de uma década e cortá-lo deste trabalho tiraria uma riqueza histórica de acontecimentos que reverberaram de dentro e fora das salas de aula e chegaram nas páginas do jornal da escola. Foram nessas edições que o projeto Fazer a Ponte mostrou à comunidade ao redor da escola seus preceitos e aspirações quanto ao seu projeto escolar, buscou aliados – financeiros, filosóficos e pedagógicos, desabafou nos momentos difíceis, nos quais as críticas ao projeto demonstravam prevalecer, foi criada a associação de pais da escola, e a escola tornou-se aberta fisicamente.

Nas mais de uma centena de edições do acervo, as doze primeiras, foram nomeadas das mais diversas formas, como veremos a seguir, o que nos remete a um momento de construção identitária daquele espaço institucional da escola, conforme podemos verificar na montagem das capas da Figura 15.

Figura 15 – Doze primeiras capas do Jornal da Ponte



Fonte: Elaborada pela autora.

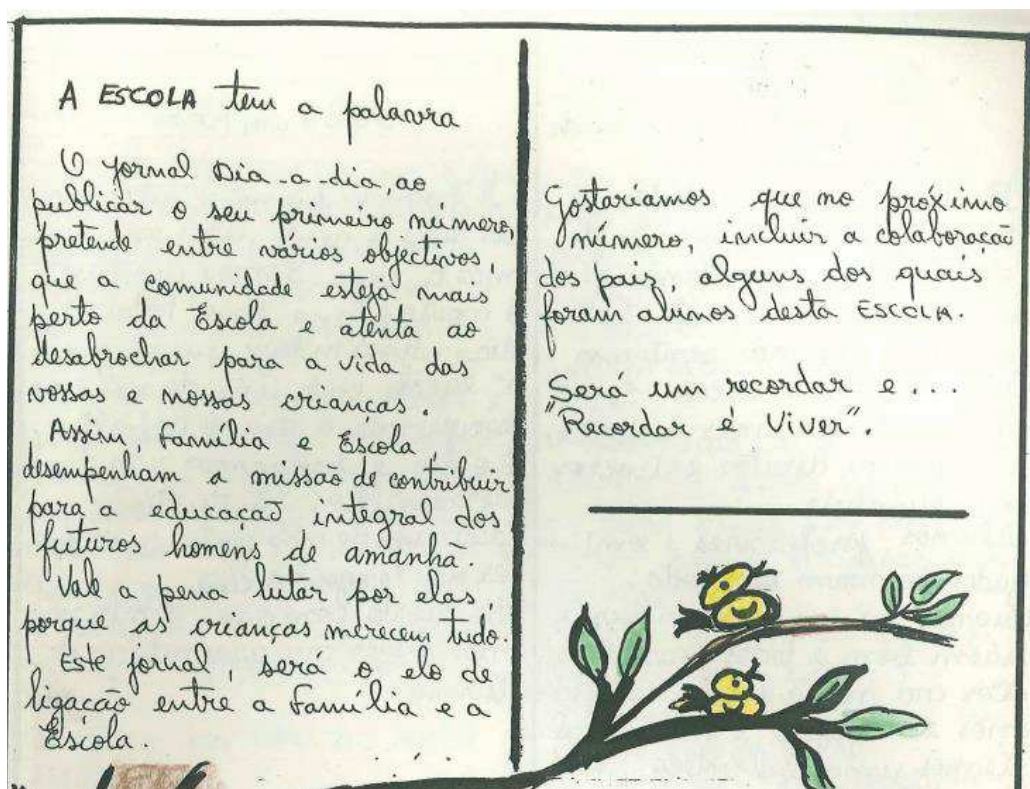
Com a primeira edição do jornal da escola em novembro de 1977, o título escolhido foi “Vamos fazer uma escola feliz”, o qual traz uma aspiração da instituição ou um convite aos leitores como se esperasse uma mobilização em prol deste objetivo, a julgar pelos textos que chamavam as pessoas a integrarem o projeto, tendo criado um ensaio do que se apresentaria nas suas páginas durante décadas. Em muitas edições o convite de participação é repetido, das mais variadas formas.

Conforme percebemos na Figura 15, apenas as três primeiras edições do acervo trazem este título, indicando que o jornal passou por uma década sem uma nomenclatura fechada. Acredito que não era essa a prioridade da instituição, uma vez que este foi um momento crucial para a escola, pois, passada a implementação do projeto, a instituição lutava pelas obras para abertura de seu espaço físico e pela busca de reconhecimento pelo poder público e de seus próprios profissionais.

Com uma apresentação artesanal, visto sua confecção integralmente à mão, seus primeiros exemplares eram reproduzidos por um mimeógrafo pelo que observo durante a leitura dos jornais. Esse modo de reprodução trouxe à tona lembranças da minha própria infância, quando, sem alcançar a altura da mesa, sentia o cheiro de álcool ganhar toda a sala ao aguardar a minha mãe concluir as cópias dos deveres da escola na qual trabalhava. Vejo minhas próprias memórias encharcaram o momento de leitura dos jornais e fiquei imaginando o momento da criação dos jornais da Ponte.

O quão necessário não era para aquela instituição a veiculação dos seus jornais, principalmente nesses primeiros treze anos do projeto Fazer a Ponte? Apesar da falta de um nome único era um desejo de suplantar as dificuldades e críticas que fez os jornais não deixar de existir. Nas edições posteriores vemos um misto de confecção manual juntamente com recortes que criavam o formato artesanal do jornal da Ponte. Na década de 90, quando o jornal já possui o nome *Dia a Dia*, é verificado um salto tecnológico, e a publicação que era inteiramente manuscrita ou com recortes passa a mesclar datilografia e recortes para uma completa digitação da parte escrita do jornal.

Figura 16 – Editorial da primeira edição do jornal nomeado *Dia a Dia* ²³



Fonte: Jornal de Ponte, edição de 1990.

²³ A ESCOLA tem a palavra

O jornal Dia-a-dia, ao publicar o seu primeiro número, pretende entre vários objetivos, que a comunidade esteja mais perto da Escola e atenta ao desabrochar para a vida das vossas e nossas crianças.

Assim, Família e Escola, desempenham a missão de contribuir para a educação integral dos futuros homens de amanhã.

Vale a pena lutar por elas, porque as crianças merecem tudo.

Este jornal, será o elo de ligação entre a Família e a Escola.

Gostaríamos que no próximo número, incluir a colaboração dos pais, alguns dos quais foram alunos desta ESCOLA.

Será um recordar e ...

"Recordar é viver".

A edição de janeiro de 1990, inaugural da nomenclatura *Dia a Dia*, traz um editorial, no qual a escola pontua a sua intencionalidade de aproximação com as famílias dos alunos, pedindo a participação dos pais nas edições posteriores a esta. No entanto, pondero que os jornais anteriores a este foram relevantes sobremaneira para que esta edição chegasse a este momento com as características editoriais e gráficas que apresenta aos leitores do jornal. Estas e outras observações serão indicadas no próximo capítulo durante exposição das categorias de análise elegidas por esta pesquisa.

4 O JORNAL *DIA A DIA*: O ELO ENTRE CULTURA E PRÁTICAS ESCOLARES DA ESCOLA DA PONTE

De maneira geral, a imprensa escolar nos traz uma possível observação de valores, costumes e discursos que permeiam as relações da comunidade escolar, conforme já dito neste estudo. Com o jornal *Dia a Dia* não é diferente. Este jornal se consolida como um elo e revela vestígios da apropriação da cultura escolar da Escola da Ponte. Sendo cultura escolar tudo que permeia o contexto educacional (práticas, discursos, interesses), temos as práticas como elemento essencial tanto para a modificação quanto para a perpetuação da cultura escolar no cenário em que se encontra.

Para entendermos melhor a relação do *Dia a Dia* com a escola buscamos os indícios do tratamento que ganha o jornal analisado dentro e fora do espaço escolar da Ponte. Para tanto, descrevemos nossa experiência ao acessar o site oficial²⁴ da instituição. Nele há cinco nichos principais: Início, no qual são apresentados comunicados institucionais e notícias da escola; O projeto, que evidencia elementos do modelo educacional adotado pela escola e elenca os documentos oficiais (não disponíveis); Jornais, página reservada para a divulgação das publicações do jornal escolar *Dia a Dia* (não disponíveis); Visite-nos, espaço dedicado ao aconchego de visitantes que buscam conhecer a Ponte e encontra-se atualizada, uma vez que informam que as visitas estão temporariamente suspensas devido à COVID-19; e Contactos, na qual temos todos os contatos institucionais e endereços da escola, a qual também está atualizada e indica uma necessária marcação de horários para que as medidas de segurança sejam tomadas, em decorrência da COVID-19.

Torna-se importante dizer que dentre todas as produções criadas no contexto escolar da Ponte, os jornais foram eleitos como merecedores de um espaço especial, recebendo uma página própria para a exposição de todas as suas edições.

Quando acessamos a página reservada aos jornais percebemos por lá a existência de 50 exemplares, porém, pelo acervo de jornais deste estudo tivemos notícia de mais de 110 publicações. Por observação preliminar, percebemos que o jornal oscilou entre momentos de muita frequência, chegando a oito publicações em um mesmo ano e outros com apenas uma edição, sendo o último exemplar citado no site o de 2017. Um obstáculo encontrado no começo desta pesquisa foi a coleta de fontes, uma vez que em junho de 2018 conseguimos coletar oito

²⁴ O site da escola pode ser acessado em <http://www.escoladaponte.pt/>

exemplares do jornal *Dia a Dia* no site oficial da Ponte, mas atualmente nenhuma edição encontra-se disponível. A pesquisa desenvolvida, portanto, só foi possível pois tive a alegria de conseguir, por intermédio do contato da minha orientadora com um professor da Escola da Ponte, várias edições do jornal, totalizando 114 exemplares para análise.

Com seu jornal inaugural datado de novembro de 1977, percebemos que no início do projeto Fazer a Ponte, implementado em 1976, houve uma atenção quanto à utilização de impressos escolares ou talvez uma intencionalidade de mostrar a vivência do cotidiano dos alunos que participaram desde o início do projeto Fazer a Ponte. Vale ressaltar que nessa instituição a comunidade discente representa um dos melhores propagadores da cultura escolar através de seus jornais, fazendo reverberar para além dos muros da escola o que acontece no seu interior.

Portanto, o jornal neste estudo é visto como o elo entre a cultura e as práticas da Ponte, já que o jornal percorreu um caminho de ações para a sua elaboração. Vale a reflexão de que, na sua construção, foram eleitas práticas a serem divulgadas, foram criadas seções, foram escolhidas fontes de notícias e selecionados escritores como porta-vozes da escola. Além disso, vias de circulação foram definidas. Nesse sentido, percebemos muitas decisões preparativas e uma intenção que permeou cada escolha. O caminho dessa construção passa a ter maior relevância que a própria chegada.

4.1 A ponte e a travessia

“A ponte pende "com leveza e força" sobre o rio. A ponte não apenas liga margens previamente existentes. É somente na travessia da ponte que as margens surgem como margens. A ponte as deixa repousar de maneira própria uma frente a outra. Pela ponte, um lado se separa do outro.”

Martin Heidegger (2002, p. 132).

A expressão travessia da Ponte é um jogo de palavras pelo qual procuro compreender o sentido e os efeitos do conhecimento construído por meio dos passos seguidos até que o *Dia a Dia* venha a público. Por outras palavras a ponte entre um estágio de conhecimento para outro – uma travessia cuja ponte é a escola²⁵.

Nesta escola o ponto de partida do conhecimento deixado para trás não é mais tangível dando espaço a novos conhecimentos que levarão à outra margem, como o constatado por

²⁵ Objetivo do segundo capítulo.

Pacheco (2012 apud VEIGA, 2018, p. 158) ao referir-se às práticas educacionais da Ponte nos anos 80. Segundo o educador não seria possível construir uma sociedade de indivíduos participantes e democráticos, enquanto a escolaridade fosse concebida como mero adestramento cognitivo. Nesse sentido, a cada ponto de partida passa a existir nova chegada e o que mais nos interessa aqui é a travessia, ou seja, a construção da escola e do que ela apresenta ao mundo. Haveria um lado desconhecido que esperava para ser visitado tanto por alunos da Ponte quanto por docentes que atuavam como mestres artesãos²⁶ na orientação e confecção do *Dia a Dia*?

Em contrapartida à ideia de artesanato temos o que seria um trabalho profissional, detalhe que merece nossa atenção. Em sua obra *O que é história do conhecimento?*, Peter Burke (2016) trabalha com o tema profissionalização, que segundo ele seria um processo de “estabelecimento de órgãos que criam as regras que regem a admissão a um determinado tipo de ocupação, organizam treinamentos, mantêm padrões coletivos, dentre outras atividades” (p. 60). De acordo com o autor esse processo ocorre ao mesmo tempo que um outro que desenvolve uma língua própria que cria uma identidade para o grupo que a utiliza, mas também exclui aqueles que estão fora dele. Isso dificulta uma conversa entre detentores daquele conhecimento profissional e leigos (BURKE, 2016, p. 61).

Ao fazermos a leitura do *Dia a Dia*, principalmente nas edições das primeiras décadas do jornal, percebemos um diminuto *ethos* profissional, como aponta Burke (2016). Por isso, temos que, se pensarmos na origem e significação da palavra artesanato no sentido de não industrializado, feito com esmero e apresentado de forma rústica, vislumbramos um jornal num contexto com poucos indícios de profissionalização.

Essa configuração traz à tona minha lembrança da primeira leitura que fiz das edições do jornal *Dia a Dia*. Desta primeira leitura elaborei três categorias emergentes: Padrões gráficos, diagramação e outros elementos físicos; Conteúdo e Circulação. As três categorias serão usadas como guias de investigação e subdivididas em aspectos particulares da publicação (Quadros 1, 2 e 3).

²⁶ A referência ao mestre artesão é inspirada em Rugiu (1998).

Quadro 1 – Categorias de análise: padrões gráficos, diagramação e outros elementos físicos

CATEGORIAS
i. Artesanato
ii. <i>Ethos</i> profissional
iii. Tipos de papel
iv. Impressão
v. Diagramação simples e complexa
vi. Marca do jornal
vii. Custos
viii. Anúncios
ix. Imagens

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 2 – Categorias de análise: conteúdos

CATEGORIAS
i. Escolhas editoriais (Autores/escritores porta vozes da Escola da Ponte)
ii. Colaboradores
iii. Seções/editoriais
iv. Notícias/matérias
v. Acontecimentos escolares
vi. Exposição de trabalhos
vii. Matérias improváveis

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 3 – Categorias de análise: circulação

CATEGORIAS
i. Periodicidade
ii. Dentro do espaço escolar/ Fora do espaço escolar

Fonte: Elaborado pela autora.

No processo de pesquisa surgiu a indagação: o *Dia a Dia*, que é parte da cultura escolar da Escola da Ponte, ilumina outros indícios de apropriação da cultura escolar? Quais as regularidades discursivas? Quais as rupturas? Os enunciados e suas funções?

4.1.1 Padrões gráficos, diagramação e outros elementos físicos

4.1.1.1 Artesanato

A observação do jornal da Escola da Ponte faz notável o caráter bastante artesanal do trabalho, principalmente se recortarmos as duas primeiras décadas desse jornal, pois os procedimentos de sua confecção refletem na sua apresentação. Com textos escritos à mão e à máquina de escrever, reproduzidos pela técnica de estêncil²⁷, percebemos que a característica artesanal é recorrente e muito relacionada as técnicas de reprodução existentes à época. Não que fosse, essa forma artesanal de se apresentar, consequência intencional dos profissionais relacionados a essa prática, mas por serem as técnicas até então existentes e possíveis para a criação do jornal no meio escolar.

Inicialmente, as ilustrações eram feitas à mão e coloridas com o que parecem ser canetas hidrográficas ou lápis de cor. Pela técnica utilizada parece que os próprios alunos eram os ilustradores e eram eles que coloriam os desenhos que fazem parte do jornal. Mesmo em meados da década de 90, quando o *Dia a Dia* se tornou um espaço dividido entre textos digitados com textos à mão, fotografias e desenhos das crianças, ainda assim percebemos uma forma artesanal de criação do jornal da Escola da Ponte.

Vale dizer que esse modelo composição do jornal da Escola da Ponte propicia uma maior interação na feitura da edição tornando-a quase uma obra de arte dos pares relacionados a sua criação. Percebemos que algumas são desenhadas à mão, o que traz o entendimento de que cada um dos jornais de algumas edições traz desenhos distintos, por não serem totalmente feitos por cópia de estêncil. Seriam algumas dessas edições únicas?

Esta indagação faz lembrar o texto de Walter Benjamin (1987), “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”²⁸, pois, com o passar dos anos e com a introdução de

²⁷ O termo estêncil, que provém do termo inglês “stencil”, é definido pelo dicionário Michaelis como sendo folha de papel revestido de tinta que, quando umedecida com álcool, transfere para o papel em branco os desenhos ou textos nela gravados, obtendo-se assim cópias (ESTÊNCIL, 2021, *online*).

²⁸ Ao abordar a questão das massas, Benjamin (1987) afirma que é por meio da reprodutibilidade técnica que a obra de arte se torna um fenômeno de massa, podendo ser vista e ouvida em qualquer espaço e a qualquer tempo por um número ilimitado de pessoas.

mecanismos mais modernos de reprodutibilidade, o jornal da Escola da Ponte sofre considerável mudança em seu aspecto artesanal, influenciando diretamente no seu modo de apresentação e circulação. Apesar de ter sido uma mudança morosa, ao longo de anos, é durante a leitura de todas as edições do acervo deste estudo, que notamos a mudança na apresentação do jornal da Ponte fortemente relacionada à incorporação de tecnologias na confecção do jornal.

Pela amplitude temporal do acervo é possível observar essa evolução técnica na produção das edições e uma ruptura com o aspecto artesanal inicialmente observado para se tornar um jornal produto de seu tempo. Com o passar de quatro décadas, o *Dia a Dia*, inicialmente produzido e reproduzido na Escola da Ponte, converteu-se, nas últimas edições analisadas, datada de 2017, em um material impresso com pouca reverberação da característica artesanal em sua configuração, sendo utilizado até mesmo os serviços gráficos externos à escola, conforme informação nos textos dos próprios jornais.

4.1.1.2 *Ethos profissional*

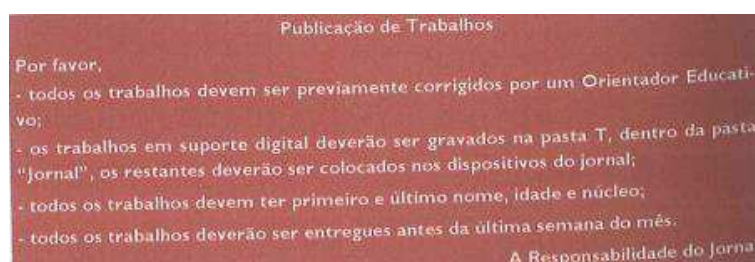
Conforme já dito anteriormente o *ethos* profissional a ser investigado durante a leitura das edições traz uma reflexão quanto aos elementos que guardam relação com as características observadas no jornal como objeto social, comercializado em bancas. Essa configuração é elaborada pela diagramação, linguagem e conteúdo que integra cada publicação. A partir desse ponto de vista temos alguns elementos já primeira publicação, como capa, editorial, expediente e a divisão dos textos em blocos. Portanto, os jornais da Escola da Ponte foram criados para remeterem a ideia de um jornal da escola.

É clara a referência dos jornais comuns para a sua criação de distribuição, mesmo que fosse uma característica apresentada de maneira singela e de técnica rudimentar. Da mesma forma que a característica artesanal, fica difícil definir quando houve uma ruptura para uma visão mais clara de um *ethos profissional* nas edições do jornal, pois a incorporação dos detalhes de um jornal profissional foi acontecendo aos poucos e à medida que um outro olhar sobre o jornal era lançado. Nesse ponto vale mencionar os profissionais estreitamente relacionados a criação do jornal, pois algumas seções, antes sem títulos, foram ganhando nomes e espaços fixos, que duraram várias edições ou apenas um ano letivo.

Portanto, no aspecto do *ethos profissional*, percebemos uma crescente, visto que muitas características relativas aos jornais profissionais foram ganhando mais força no jornal com o passar dos anos. A exemplo disso temos que os textos apresentados nas primeiras edições eram

majoritariamente escritos à mão pelos alunos diretamente no papel do jornal, mas com o passar dos anos criaram um crivo ortográfico e de conteúdo pelos professores da Escola da Ponte. Apesar de não ser a finalidade da nossa pesquisa criar marcos ou momentos divisores de águas, acredito ser relevante para este estudo o texto da Figura 17, visto que expõe o procedimento adotado pela equipe responsável pelo jornal.

Figura 17 – Procedimentos do jornal



Fonte: Jornal da Ponte, Edição de novembro de 2008

Nesse fragmento da figura 17 lemos:

Por favor

- Todos os trabalhos devem ser previamente corrigidos por um Orientador Educacional;
- Os trabalhos em suporte digital deverão ser gravados na pasta T, dentro da pasta "jornal", os restantes deverão ser colocados nos dispositivos do jornal;
- Todos os trabalhos devem ter primeiro e último nome, idade e núcleo;
- Todos os trabalhos deverão ser entregues antes da última semana do mês.

A responsabilidade do jornal.²⁹

Até mesmo a existência de uma equipe responsável pela publicação dos jornais demonstra a mudança ocorrida no aspecto de um *ethos* profissional mais evidente no jornal. Nesse sentido temos uma lista de quesitos para a participação dos alunos nas edições do *Dia a Dia*. Na passagem percebemos que a equipe da escola responsável está prezando pelo formato do jornal, e fica evidente uma forma de edição dos textos, fato que apenas ganhou força ao longo dos anos da existência da publicação.

É mister que a relação existente entre essas duas características, o artesanato e o *ethos* profissional, sejam apontadas. Tal relação é peculiar, uma vez que se apresentam como elementos inversamente proporcionais, pois à medida que a característica artesanal diminuía nas páginas do jornal da Ponte, o *ethos* profissional aumentava a sua abrangência no mesmo

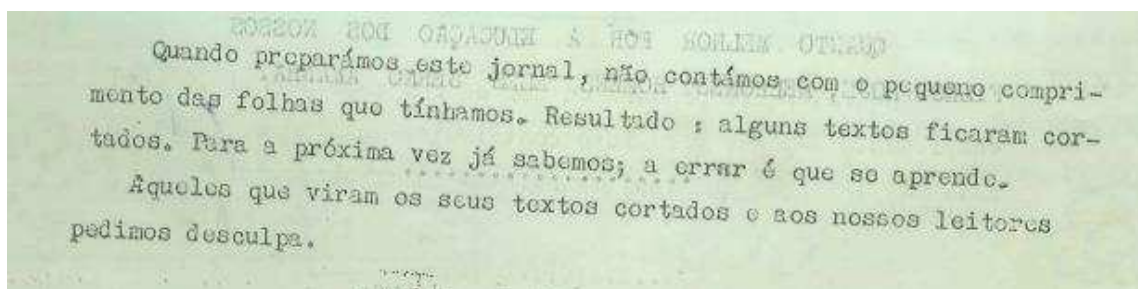
²⁹ Transcrição da Figura 17.

jornal. Nenhuma dessas características perdem totalmente sua influência ou partem de uma inexistência, por isso podemos dizer que suas influências aumentam e diminuem conforme o passar dos anos, seja pelas mudanças internas da escola ou da sociedade que a circunda.

4.1.1.3 Tipos de papel

Este aspecto físico repercute tanto no quesito de presença do elemento de artesanato quanto na mínima existência de um *ethos* profissional, já que no primeiro momento do jornal o tamanho do papel é um aspecto de dificuldade para a impressão. A Figura 18, fragmento da primeira edição do jornal, mostra um erro com relação ao tamanho do papel utilizado. Pelo que parece, o stencil utilizado era tamanho ofício e as folhas que seriam impressas eram tamanho A4, o que gerou perda de parte do conteúdo, vista a diferença de tamanho entre as folhas.

Figura 18 – Erro na impressão do jornal³⁰



Fonte: Jornal da Ponte, edição de novembro de 1977.

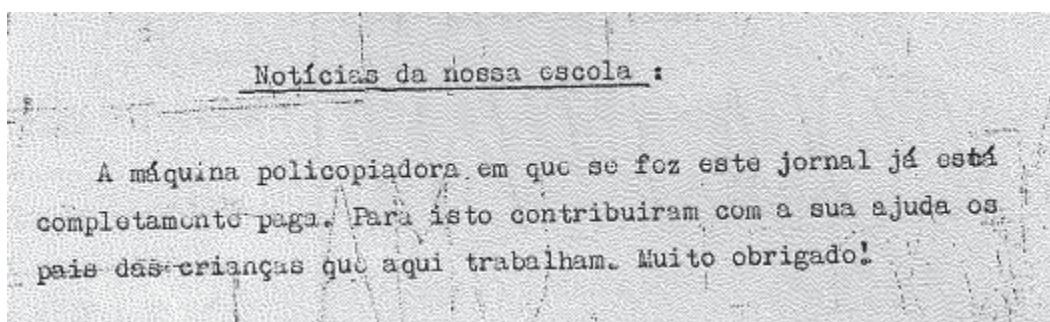
Durante a análise dos jornais não há outras dificuldades com relação ao tamanho e tipos de papel, sendo adotado continuamente o sulfite. Mais comum em escolas e uso doméstico, foi o utilizado para a impressão dos jornais da Escola da Ponte durante grande parte da sua história, se não na sua totalidade. Mesmo com a mudança para uma impressão profissional do jornal, feita por gráfica, não fica clara uma mudança do papel empregado na sua impressão. Mesmo que tenha ocorrido uma mudança não conseguimos percebê-la através das cópias digitalizadas do acervo.

³⁰ Quando preparámos este jornal, não contámos com o pequeno comprimento das folhas que tínhamos. Resultado: alguns textos ficaram cortados. Para a próxima vez já sabemos; a errar é que se aprende. Àqueles que viram os seus textos cortados e aos nossos leitores pedimos desculpa.

4.1.1.4 Impressão

A primeira edição do jornal persevera em fornecer elementos para este estudo, por isso, continuo a trazer parcelas deste jornal. No editorial (Figura 19), a equipe escolar expressa sua gratidão, expondo-nos a técnica utilizada para a impressão (stencil) assim como a de reprodução, que seria a polícopiadora. De acordo com o texto, foi a união dos pais que trabalhavam na escola aquela época que foi comprada a máquina responsável pela reprodução dos jornais.

Figura 19 – Aquisição da polícopiadora³¹



Fonte: Jornal da Ponte, edição de novembro de 1977.

Vale o destaque de que em algumas edições do acervo, de momentos variados dentro das quatro décadas analisadas, não foi verificado nenhum resquício da técnica de stencil ou de fotocopiadora, deixando uma indicação de serem publicações feitas inteiramente a mão. Ou seja, cada jornal distribuído destas edições foi individualmente criado pela escrita manual por parte de professores e alunos da escola. Seria esta mudança verificável por um problema com a máquina de reprodução da escola? Ou ocorreu alguma intencionalidade pedagógica para a cópia de textos do jornal? Por não haver qualquer indicação relativa a este elemento especificamente deste período não podemos definir o porquê da existência dessas edições com reprodução manual.

A exemplo disso temos as edições do início da década de 80. Não há utilização da técnica de reprodução por stencil, deixando sinalizada a possibilidade de uma criação manual das cópias do jornal. Tal fato que ocorreu também com a edição de abril de 2009, a qual foi

³¹ Notícias da nossa escola:

A máquina polícopiadora em que se fez este jornal já está completamente paga. Para isto contribuíram com a sua ajuda os pais das crianças que aqui trabalham. Muito obrigado!

feita grande parte com escritos à mão. No entanto, há de se destacar que nesta época a reprodução já ocorria por fotocopiadora, portanto pelo que temos a original foi feita à mão e as cópias foram produzidas por uma máquina. Já nas edições do início da década de 80, o original e as réplicas precisavam ser à mão. Não sabemos a causa deste segundo momento manual do jornal, mas pelo que parece a edição foi sim criada desta forma. Mesmo sem respostas quanto a estes momentos de criação manuscrita, é importante indicar a sua existência pois, principalmente ao final dos anos 2000 é algo que se demonstra distinto de tudo que estava sendo apresentado pela escola à época.

A impressão é, portanto, um aspecto que mudou com o passar dos anos, visto que a introdução de novas técnicas reverberou na maneira de reprodução dos jornais da Ponte. Em resumo, o jornal iniciou com a reprodução por uma policopiadora, chegando a um momento de reprodução por fotocopiadora, passando por momentos pontuais de reprodução manual. Vale dizer que na leitura detida dos textos do jornal percebemos quem a partir dos primeiros anos após 2000, a impressão passou a ser por uma gráfica, visto que no texto de uma mãe na edição de dezembro de 2002 fica claro que existe o trabalho de uma gráfica para a impressão do jornal *Dia a Dia*, como evidenciaremos adiante com a Figura 22.

4.1.1.5 Diagramação e projeto gráfico

Unimos a análise dos aspectos gráficos em um mesmo item, visto que ao falar de um, necessariamente, evocamos o outro, seja as formas de diagramação adotadas ou mesmo a existência de um projeto gráfico do jornal da Ponte. Nesse sentido, e tomando por base a diagramação de um jornal comum, podemos entender que, assim como nos primeiros aspectos aqui pontuados do jornal da Escola da Ponte, a diagramação também passou por estágios distintos durante as mais de quatro décadas de edições analisadas. No entanto, é necessária inicialmente uma pontuação quanto à distinção entre os conceitos relacionados aos elementos visuais do jornal.

O projeto gráfico e a diagramação (ou paginação) constituem duas etapas distintas do processo de planejamento gráfico: a diagramação consiste no ordenamento diário dos elementos nas páginas, enquanto o projeto gráfico se concentra na definição conceitual, no estabelecimento do padrão gráfico geral da publicação, que deverá ser replicado pela diagramação e no monitoramento desta. Então, dentre a ampla gama de elementos que envolvem o projeto gráfico um dos principais aspectos a ser definido é personalidade da publicação, ou seja, o padrão gráfico que deverá repetir-se a cada edição. Essa personalidade traduz-se no formato, nas cores, na tipografia e em todos demais

elementos que configuram o layout, o qual determina o modo como o leitor percebe o jornal (FROST, 2003 apud DAMASCENO, 2013, p. 11).

Desde a primeira edição, o jornal da Escola da Ponte buscou utilizar um modelo clássico de jornal para, justamente, trazer a ideia para o leitor de pertencer a este nicho de objeto social, além de exprimir uma sensação profissional ao trabalho, mesmo que seja mínimo. Utilizando o modelo de tabloide, no que diz respeito ao formato, traz um formato familiar ao encontrado nas bancas, seja pelas colunas ao organizar os textos, manchetes e títulos em destaque nas páginas e sempre trouxe de imagens ou ilustrações na sua composição visual. Vale dizer que o modelo escolhido pela escola possui vantagens sobre o modelo *Standard*³² principalmente no sentido da impressão, visto que as dimensões de folha necessárias são facilmente impressas em comparação ao *Standard*.

Capa, textos dispostos por blocos e separados por temas correlatos são características dos jornais de ampla circulação também apresentadas pelos jornais da Ponte. Contudo, as duas primeiras décadas das edições dos jornais são marcadas por uma diagramação simples e pela ausência de um padrão gráfico específico. Apesar de terem temas recorrentes (questão editorial) as seções do jornal não eram fixas (questão gráfica). Apenas na segunda metade das quatro décadas do acervo, uma alteração é vista com mudanças significativas, principalmente relacionadas ao trabalho gráfico voltado à diagramação das páginas, alinhando padronagem gráfica e editorial.

4.1.1.6 Marca do jornal

Criada a partir da união do nome e a forma com que ele aparece ao público leitor, esse elemento faz parte do padrão gráfico de qualquer jornal, pois garante a continuidade de estilo da publicação, visto que deve rapidamente ser identificado pelo leitor. A escolha da fonte, da cor e a localização na página dão forma a identidade editorial. Durante as quatro décadas do

³² O formato *standard* é assim chamado no Brasil e em Portugal, sendo correspondente ao *broadsheet* no restante do globo. Inicialmente, busquei as dimensões deste formato de jornal no site oficial da Associação Portuguesa de Imprensa por se tratar de um trabalho que analisou um jornal escolar luso, porém não encontrei a informação. Trago, portanto, as dimensões do formato *standard*, qual seja, 31,75 cm por 56 cm, encontrado no site da Associação Nacional de Jornais, a ANJ, que é brasileira.

jornal da Escola da Ponte, muitas foram as formas pelas quais o jornal se apresentou. Principalmente antes da edição de janeiro de 1990, quando o nome *Dia a Dia* começou a ser usado, em cada ano letivo um novo nome estampava as capas do jornal da escola e, com ele, uma nova marca era apresentada. Houve a escolha do nome que se tornou padrão, mas a marca continuou em constante modificação. Algumas formas duraram anos outros apenas algumas edições.

Momento de relevância deste elemento do jornal foi o concurso lançado na edição de novembro de 2002, no qual procurava-se um novo padrão gráfico para o jornal. O resultado veio à público na edição de abril de 2003 (Figura 20). No entanto, apesar da escola ter demonstrado uma intencionalidade de permanecer com o logotipo que ganhasse o concurso a próxima edição do acervo, de dezembro de 2003, não utilizava mais a logo criada pelo aluno Carlos Eduardo.

Figura 20 – Logotipo do Jornal *Dia a Dia* ³³



Fonte: Jornal da Ponte, edição abril de 2003

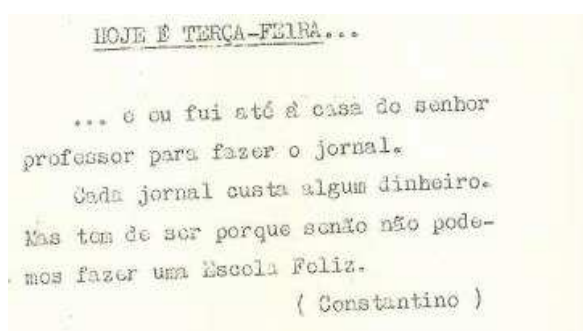
4.1.1.7 Custos

De certa maneira a publicação de um jornal impacta a escola, uma vez que sua produção demanda não apenas tempo para o desenvolvimento do conteúdo, mas também algum valor financeiro, vistos os custos da publicação. Este não foi um aspecto que recebeu atenção durante o primeiro momento de análise, porém durante a pesquisa foi levantada a possibilidade de em

³³ Carlos Eduardo
o menino vencedor do concurso / a descoberta de um novo artista
Logotipo da EBI e do jornal Dia a Dia

algum momento o jornal da Ponte ser comercializado pela escola aos leitores. E na leitura dos jornais percebemos que essa prática foi recorrente nos primeiros anos do jornal, visto o conteúdo da Figura 21, de janeiro de 1978, que apresenta o texto de um aluno afirmando que o jornal custa para que eles possam fazer uma “escola feliz”. Esse trecho indica não só que era cobrado um valor, como que este valor não se converteria apenas como pagamento pela edição, mas que custearia, talvez, algo mais. Não fica claro, no entanto, quanto era cobrado pelas publicações e mesmo se haveria um valor fechado por jornal.

Figura 21 – O jornal possui custos³⁴



Fonte: Jornal da Ponte, edição de janeiro de 1978.

Não foi possível, a partir da leitura e análise dos jornais, estabelecer ao certo até quando os jornais foram onerosos e a partir de qual edição passou a ser distribuído gratuitamente, vista a falta de informações relacionadas a este tema. No entanto, essa informação passou a ser estampada na capa do jornal em algum momento. Observadas as edições integrantes do corpus deste estudo, a primeira edição a lançar a escrita “distribuição gratuita” ao lado do logotipo do jornal é de dezembro de 2002. Em suma, não fica claro quando efetivamente o jornal se torna gratuito e se existe um próximo momento em que essa gratuidade deixa de existir com uma nova fase de cobrança de algum valor pelas edições.

4.1.1.8 Anúncios

A questão do item anterior reverbera ao pensarmos que os custos dos jornais comerciais são consideravelmente diminuídos pela venda dos seus espaços para publicidades e

³⁴ HOJE É TERÇA-FEIRA...

... e eu fui até a casa do senhor professor para fazer o jornal.

Cada jornal custa algum dinheiro. Mas tem de ser porque senão não podemos fazer uma Escola Feliz. - (Constantino)

propagandas. Percebemos que em alguns momentos esta possibilidade comercial do jornal integrou discussões na escola. Na Figura 21, da edição de 1978, já apresentada no item anterior temos a informação de que o jornal inicialmente era vendido e durante mais de década nada foi encontrado no jornal falando sobre ele ser vendido ou patrocinado de alguma maneira. Até que no ano de 2002 o fato de comercializar espaços do jornal *Dia a Dia* é levado à discussão. Não há no acervo nenhuma edição com publicidade. No entanto, durante a leitura da edição de dezembro de 2002 (Figura 22), temos que na edição comemorativa do mês anterior o jornal indicou a possibilidade de integrar às suas páginas conteúdo publicitário, fato este que gerou reação por parte de uma mãe que publicou um texto na próxima edição do jornal, em dezembro de 2002.

De acordo com Margarida Silva, a mãe que assinou o texto da edição do jornal, em dezembro de 2002, a inclusão de material publicitário poderia interferir sob muitos aspectos no comportamento e visão de mundo dos alunos da Ponte. Percebemos na leitura das edições seguintes que esse tema foi debatido na escola durante o início do ano letivo de 2002/2003 e, conforme visualizado nas demais edições do jornal *Dia a Dia*, este permaneceu gratuito até a última edição do acervo e sem qualquer menção ou inclusão de publicidades.

Figura 22 – “Publicidade no *Dia a Dia* – sim ou não?”³⁵

10

publicidade no *dia a dia* - sim ou não?

A intenção de passar a inserir publicidade no Dia a Dia, anunciada no número promocional de Novembro, não parece recolher o apoio da generalidade dos pais. Até ao momento, pelo menos, a mãe do Alex Truppel já fez saber que não concorda com a opção, considerando-a inadequada em termos educativos, explicando porquê e sugerindo uma solução alternativa para o problema da cobertura dos custos de impressão do jornal. A equipa editorial do Dia a Dia saúde e agradece a intervenção da Margarida Silva e faz votos de que a solução que ela propõe possa ser apoiada e partilhada por outros pais, o que evitaria o recurso à publicidade. Como a reflexão suscitada na mensagem que ela nos enviou (e que, com a sua autorização, reproduzimos em baixo) não pode ser ignorada, aqui deixamos um apelo a todos os membros da Fraternidade Educativa da Ponte para que dêem também a sua opinião e nos ajudem a tomar uma decisão. Dadas as circunstâncias, entendemos que não deveríamos ainda incluir publicidade no presente número do Dia a Dia.

“If you own this child at an early age, you can own this child for years to come. Companies are saying, ‘Hey, I want to own the kid younger and younger.’” — Mike Searles, former president of Kids-R-Us, a major children’s clothing store, on the business of marketing to kids.

Caríssimo Ademar e demais elementos da direcção da Escola da Ponte,

Há dias tive a oportunidade de ler o número promocional do novo jornal *Dia a Dia*. E fiquei preocupada com o que li. Sem pôr em causa todo o esforço e sucesso com que a já longa história do jornal vem entrosada, pergunto-me se a opção de começar a incorporar publicidade será a mais acertada, pelo menos da forma como ela vem anunciada. Um jornal escolar nunca será um jornal para adultos. Entre outras coisas, porque as crianças que ainda mal aprenderam a ler não se encontram preparadas para distinguir entre informação e publicidade. Ou seja, facilmente assumirão que, se está no jornal da escola que respeitam, é porque é ‘bom’. Ao incorporar publicidade a escola está implicitamente (explicitamente?) a dar a sua chancela ao que vem anunciado. E no jornal que eu li não vem anunciado nenhum código de ética, nenhum filtro que vá destringir entre a publicidade aceitável e não-aceitável (se é que alguma é de aceitar). Se o McDonalds quiser cativar os alunos para que vão comer dos seus hamburguers, vocês aceitam? Se a fábrica mais poluente do rio Ave quiser comprar espaço para convencer os seus jovens leitores de que já se estão a esforçar ao máximo, vocês aceitam? Se a Câmara ou qualquer força política usar a oportunidade para levar a cabo campanha eleitoral, vocês aceitam? Tantas perguntas que eu gostava de vos colocar.

Num momento da vida planetária em que se impõe analisar e desmontar as forças económicas que manipulam muito para além do que o poder democrático consegue controlar, em que a força do marketing/lavagem cerebral reclama cada espaço das nossas vidas, em que escolas públicas portuguesas

até já dentro das casas de banho colocam espaços publicitários, eu pergunto: qual vai ser o vosso próximo passo? Exercícios de matemática com sapatilhas Nike? Fichas de trabalho oferecidas pelo Modelo/Continente? Demonstrações para gabar aspiradores? Distribuição gratuita de tabaco? Tudo isto são pequenos passos adicionais na via que o jornal resolveu iniciar, qual caixa de Pandora. Em dando o primeiro, o seguinte já custa menos. E dentro em pouco estaremos tão anestesiados que já não vai custar nada.

Dito isto, gostava de propor algo de construtivo já que eu também sei quanto custa o papel e o trabalho da gráfica, mas ao mesmo tempo gostaria de ver valorizados o *Dia sem Compras* (14 de Dezembro) ou os anti-anúncios (...), e sobretudo uma atitude muito crítica da parte dos jovens alunos face aos interesses comerciais. Claro que haverá certamente muitas outras ideias e oportunidades para manter o *Dia a Dia* livre de anúncios, que poderão talvez ser cativadas em assembleia de pais ou através de um grupo de trabalho específico. Mas o que eu sugiro desde já (e estou, obviamente, disponível para participar) era a criação de um ‘comité de benfeitores’ constituído por pessoas individuais (e eventualmente colectivas) que assegurasse a conta da gráfica. No jornal seria apenas feita uma menção do género “A impressão deste número foi tornada possível pelo apoio do comité XY”. E, claro, sem outras retribuições em termos de exposição do cérebro das crianças a mais um qualquer logotipo ou mensagem. Não sei se a minha sugestão é viável, mas enquanto não for testada (ou outras ideias) não há, no meu entender, justificação para a inclusão de qualquer publicidade no jornal. O *Dia a Dia* pode e deve ser inovador: não para ser como os jornais dos adultos, mas para ser melhor que eles.

Saudações,

Margarida Silva mãe do Alex Truppel

polémica

dia a dia - 181 - dez.2002

³⁵ Publicidade no dia a dia – sim ou não?

A intenção de passar a inserir publicidade no *Dia a Dia*, anunciada no número promocional de Novembro, não parece recolher o apoio da generalidade dos pais. Até o momento, pelo menos, a mãe do Alex Truppel já fez saber que não concorda com a opção, considerando-a inadequada em termos educativos, explicando porquê e sugerindo uma solução alternativa para o problema da cobertura dos custos da impressão do jornal. A equipa editorial do *Dia a Dia* saúde e agradece a intervenção da Margarida Silva e faz votos de que a solução que ela propõe possa ser apoiada e partilhada por outros pais, o que evitaria o recurso à publicidade. Como a reflexão suscitada na mensagem que ela nos enviou (e que, com a sua autorização, reproduzimos em baixo) não pode ser ignorada, aqui deixamos um apelo a todos os membros da Fraternidade Educativa da Ponte para que dêem também a sua opinião e nos ajudem a tomar uma decisão. Dadas as circunstâncias, entendemos que não deveríamos ainda incluir publicidade no presente número do *Dia a Dia*.

“If you own this child at an early age, you can own this child for years to come. Companies are saying, ‘Hey, I want to own the kid younger and younger.’” — Mike Searles, former president of Kids -R-Us, a major children’s clothing store, on the business of marketing to kids.

Fonte: Jornal da Ponte, edição de dezembro de 2002.

4.1.1.9 *Imagens*

O uso de imagens nos jornais está ligado à ilustração, complementação ou substituição de um texto. Elas podem ser fotografias, ilustrações ou charges. As imagens identificadas nos jornais da Ponte inicialmente eram desenhos e ilustrações todas feitas à mão, demonstrando uma valorização das contribuições artísticas criadas pelos alunos e os limites técnicos da época. As próprias capas traziam desenhos que tinham relação com o tema abordado pela edição ou uma matéria específica que ganhou destaque no jornal.

Lembrando que inicialmente a reprodução era por policopiadora, as ilustrações manuais dominavam as páginas do jornal da escola. Com o passar dos anos, o avanço tecnológico e a introdução de novas técnicas percebemos uma alteração no aspecto das imagens utilizadas na

Caríssimo Ademar e demais elementos da direcção da Escola da Ponte.

Há dias tive a oportunidade de ler o número promocional do novo jornal Dia a Dia. E fiquei preocupada com o que li. Sem pôr em causa todo o esforço e sucesso com que a já longa história do jornal vem entrosada, pergunto-me se a opção de começar a incorporar publicidade será a mais acertada, pelo menos da forma como ela vem anunciada. Um jornal escolar nunca será um jornal para adultos. Entre outras coisas, porque as crianças que ainda mal aprenderam a ler não se encontram preparadas para distinguir entre informação e publicidade. Ou seja, facilmente assumirão que, se está no jornal da escola que respeitam, é porque é ‘bom’. Ao incorporar publicidade a escola está implicitamente (explicitamente?) a dar a sua chancela ao que vem anunciado. E no jornal que eu li não vem anunciado nenhum código de ética, nenhum filtro que vá destrinchar entre a publicidade aceitável e não-aceitável (se é que alguma é de aceitar). Se o McDonalds quiser cativar os alunos para que vão comer dos seus hamburguers, vocês aceitam? Se a fábrica mais poluente do rio Ave quiser comprar espaço para convencer os seus jovens leitores de que já se estão a esforçar ao máximo, vocês aceitam? Se a Câmara ou qualquer força política usar a oportunidade para levar a cabo campanha eleitoral, vocês aceitam? Tantas perguntas que eu gostava de vos colocar.

Num momento da vida planetária em que se impõe analisar e desmantar as forças económicas que manipulam muito para além do que o poder democrático consegue controlar, em que a força do marketing/lavagem cerebral reclama cada espaço das nossas vidas, em que escolas públicas portuguesas até já dentro das casas de banho colocam espaços publicitários, eu pergunto: qual vai ser o vosso próximo passo? Exercícios de matemática com sapatilhas Nike? Fichas de trabalho oferecidas pelo Modelo/Continente? Demonstrações para gabar aspiradores? Distribuição gratuita de tabaco? Tudo isso são pequenos passos adicionais na via que o jornal resolveu iniciar, qual caixa de Pandora. Em dando o primeiro, o seguinte já custa menos. E dentro em pouco estaremos tão anestesiados que já não vai custar nada.

Dito isto, gostava de propor algo de construtivo já que eu também sei quanto custa o papel e o trabalho da gráfica, mas ao mesmo tempo gostaria de ver valorizados o Dia sem Compras (14 de Dezembro) ou os anti-anúncios (...), e sobretudo uma atitude muito crítica da parte dos jovens alunos face aos interesses comerciais. Claro que haverá certamente muitas outras ideias e oportunidades para manter o Dia a Dia livre de anúncios, que poderão talvez ser cativadas em assembleia de pais ou através de um grupo de trabalho específico. Mas o que eu sugiro desde já (e estou, obviamente, disponível para participar) era a criação de um ‘comitê de benfeitores’ construído por pessoas individuais (e eventualmente coletivas) que assegure a conta da gráfica. No jornal seria apenas uma menção do gênero “A impressão deste número foi tornada possível pelo apoio do comitê XY”. E, claro, sem outras retribuições em termos de exposição do cérebro das crianças a mais um qualquer logotipo ou mensagem. Não sei se a minha sugestão é viável, mas enquanto não for testada (ou outras ideias) não há, no meu entender, justificação para a inclusão de qualquer publicidade no jornal. O Dia a Dia pode e deve ser inovador: não para ser como os jornais dos adultos, mas para ser melhor que eles.

Saudações, - Margarida Silva mãe do Alex Truppel

Escola da Ponte para valorizar o seu jornal. Gravuras eram recortadas de revistas ou livros da época e coladas nas edições, vista a dificuldade para a reprodução na época até que, com as fotocopiadoras, tornou-se comum o uso de imagens digitais e fotos com uma maior liberdade nas páginas do jornal da Ponte.

4.1.2 Conteúdos

Com uma leitura geral do acervo dos jornais percebemos uma manutenção em termos de conteúdo do jornal. Apesar de ter fatos noticiáveis coerentes com cada época vivida pela Escola da Ponte, as escolhas editoriais demonstram uma certa coerência com os objetivos descritos no Contrato de Autonomia da escola. Em alguns momentos tivemos dúvida se houve uma real escolha dos que trabalhavam com a criação do jornal, visto que algumas seções expunham textos dos alunos e vários trabalhos de um mesmo tema eram apresentados, demonstrando não existir trabalhos que ficassem de fora da edição.

4.1.2.1 *Escolhas editoriais: Autores/escritores porta vozes da Escola da Ponte*

Há indícios de que tenha sido no início da década de 80 um curto período de estabelecimento de uma total uniformidade editorial do jornal da Ponte. Nesse sentido, é importante citar ter sido este um momento de grande mudança para a Ponte, no aspecto físico, com a abertura do espaço da escola, e no aspecto político, com a busca de um maior engajamento do projeto Fazer a Ponte, demonstrando que o jornal nesse período tenha mudado seu perfil editorial ou até mesmo tenha sido colocado de lado por questões que não ficam claras apenas com a leitura das edições.

Adotando um conteúdo restrito de exposição de trabalhos textuais e ilustrações dos alunos, sem qualquer conteúdo factual ou mesmo opinativo de pais ou professores, essas edições foram diferentes do contexto geral do *corpus* em exame. Contudo, esse espaço expositivo de trabalhos é algo que existiu desde a primeira edição à última do acervo ao qual tivemos acesso, ou seja, o que diferenciava estas edições era não haver nada além de trabalhos criados pelos alunos.

Comparado aos aspectos físicos, as escolhas editoriais, em uma visão macro, conforme já dito, não sofreu tantas rupturas trazendo em essência os pontos principais do projeto Fazer a Ponte demonstrando ser em vários momentos espaço de divulgação das características da

escola. A permanente publicação de textos tanto de alunos, como de pais e professores que explicassem elementos característicos da Ponte em diversos momentos e não apenas no início/criação do jornal demonstra a relevância e a postura editorial de apresentar aos leitores do jornal fatos que seriam relevantes para os que lessem as páginas apresentados pela escola entendessem aquela cultura escolar e as práticas características da Escola da Ponte.

Como a comunidade poderia entender um texto que falasse sobre a assembleia ou até mesmo uma notícia que abordasse a votação da mesa de assembleia da escola se não entendesse o objetivo que esses elementos têm no cotidiano da escola? Era importante abordar tais temas e revisitá-los à medida que o público do jornal fosse renovado como forma de contextualizar novos leitores acerca do que estaria sendo apresentado pelos alunos e professores no jornal da escola.

Outro ponto relevante pertencente ao conteúdo apresentado pelo Jornal da Ponte tem a ver com o aspecto político de várias publicações ao longo dos anos. Os textos opinativos de professores, alunos e até mesmo pais, pertencentes ou não à Associação de Pais trazem ao leitor o cenário político vivenciado a cada época pela escola e seus pares. Fato é que apesar de toda escola estar adstrita ao contexto social e político no qual encontra-se inserida, a Ponte era, vale lembrar, uma escola pública que mantinha um projeto de modelo aberto que teve pouca adesão por parte de outras instituições portuguesas. Isso gerou uma resistência do Poder Público em oficializar o Contrato de Autonomia da Escola da Ponte, que aconteceu apenas em 14 de fevereiro de 2005, após vinte e nove anos da implementação do projeto Fazer a Ponte.

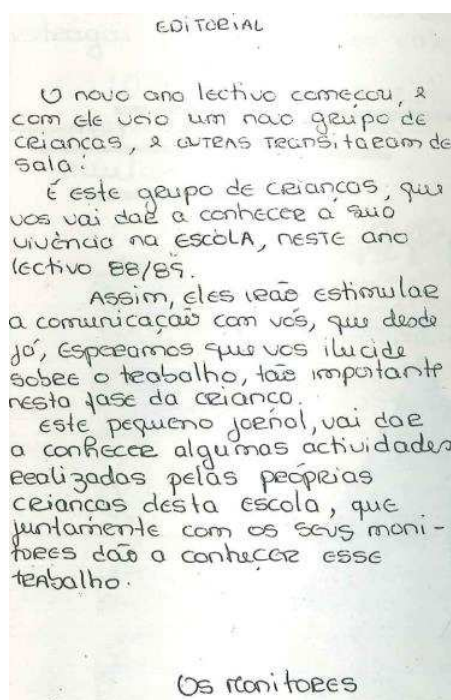
É mister que em um jornal exista um tipo específico de espaço reservado para a exibição da opinião e o posicionamento crítico daquele determinado grupo, no caso aqui tratado a opinião da Escola da Ponte. Este texto possui o nome de editorial e em grande parte das edições este espaço foi utilizado de maneira diversa do conceito proposto pela literatura do assunto. Neste sentido temos que

Do ponto de vista das teorias de gêneros de vezo bakhtiniano, pode-se assegurar, com muita tranquilidade, que os editoriais constituem um gênero de discurso. Eles possuem relativa estabilidade quanto a estilo, tema e estrutura composicional; emanam de uma esfera social de comunicação e nela se desenvolvem – o jornalismo; promovem a alternância interacional entre sujeitos historicamente situados – a empresa jornalística e o conjunto de leitores; e apresentam determinadas formas típicas de acabamento e de exauribilidade no tratamento do objeto de sentido. Acrescentaríamos também que o seu caráter genérico pode ser apreendido pelo fato de os editoriais possuírem uma autoria pré-configurada sócio-historicamente e materializada textualmente, a qual está sendo aqui denominada de autoria institucional (ALVES FILHO, 2006, p. 84).

Visto que o editorial é um texto que trata da visão editorial da publicação e em muitas edições do Jornal da Ponte este era assinado por alunos, professores do projeto Fazer a Ponte e pais de alunos, trazendo opiniões pessoais e não deixando claro ser a visão institucional acerca da conjuntura vivida pela Ponte ou até mesmo, no caso de alguns textos de alunos, nenhum posicionamento crítico é tomado.

Com o objetivo de contribuir com conteúdo deste trabalho, apresentamos a seguir um exemplo de editorial que apesar de não ser ativamente crítico vai ao encontro do conceito de editorial que seria expressão de um grupo que possa falar pela escola sobre o contexto vivido pela escola.

Figura 23 – Editorial do Jornal Dia a Dia³⁶



Fonte: Jornal da Ponte, edição de abril de 1989.

³⁶ EDITORIAL

O novo ano lectivo começou, e com ele veio um novo grupo de crianças, e outras transitaram de sala.

É este grupo de crianças, que vos vai dar a conhecer a sua vivência na ESCOLA, neste ano lectivo 88/89.

Assim, eles irão estimular a comunicação com vós, que desde já, esperamos que vós ilucide sobre o trabalho, tão importante nesta fase de criança.

Este pequeno jornal, vai dar a conhecer algumas actividades realizadas pelas próprias crianças desta escola, que juntamente com seus monitores dão a conhecer esse trabalho. - Os monitores

Os monitores assinam o texto (Figura 23) e sinalizam o início do ano letivo de 1988/1989, trazendo as expectativas do jornal para o novo ano escolar, qual seja, apresentar os trabalhos desenvolvidos pelos alunos na escola.

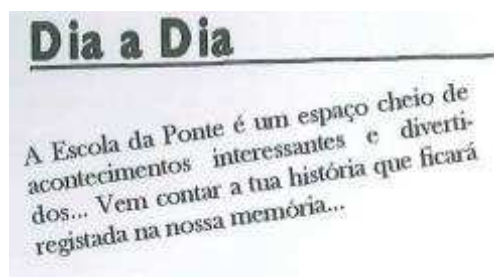
4.1.2.2 *Colaboradores*

Durante a leitura das edições percebemos que os maiores colaboradores para a criação dos textos e imagens que integram o jornal da Escola da Ponte são dos alunos e professores da escola. Mesmo que seja feito um investimento para uma participação dos pais, a qual acontece em vários momentos, essa não tem a mesma proporção que estes dois personagens já evidenciados. Os pais geralmente entram com textos opinativos e muito relacionados à Associações de Pais, demonstrando a importância desse elemento na perpetuação do projeto Fazer a Ponte.

4.1.2.3 *Seções/editorias*

Esse elemento não possui grandes momentos no jornal em análise, pois não há constância nas editorias do jornal da Escola da Ponte durante as quatro décadas de publicação. Mesmo que tenha sido criada uma seção específica para um determinado tema ou como o que se lê na Figura 24, um espaço aberto para textos de acontecimentos dos alunos, não houve qualquer perseverança dessas seções nas publicações.

Figura 24 – Espaço do jornal dedicado a acontecimento dos alunos³⁷



Fonte: Jornal da Ponte, edição de março de 2005.

³⁷ Dia a Dia

A Escola da Ponte é um espaço cheio de acontecimentos interessantes e divertidos... Vem contar a tua história que ficará registada na nossa memória...

O trecho retirado da edição de março de 2005 era uma seção dedicada ao incentivo aos alunos publicarem histórias no jornal, visto que neste mesmo período foi criada também uma seção chamada Álbum de recordações que expõe textos de edições anteriores escolhidos pelos próprios alunos desses, até então, 28 anos de jornais da escola. Conforme já dito, esta seção já não encontra continuidade nas edições de 2006, demonstrando as rupturas constantes aos temas de seções ou editoriais no jornal.

4.1.2.4 Notícias/matérias

A publicação em estudo, em seus diversos momentos, demonstrou uma predominância de notícias que valorizavam aspectos do cotidiano da escola com muitas práticas escolares noticiadas aos leitores do *Dia a Dia*. Fatos históricos e ambientais locais relacionados ao espaço em que se encontra a escola também eram encontrados nas publicações. Sendo assim, o periódico abordou temas como a história da Vila das Aves e os Rios Ave e Vizela, os quais são próximos à Escola da Ponte, bem como comentou a poluição dos ditos rios e os constantes problemas, narrados durante mais uma década de jornal, com lixo nas proximidades da escola.

Acontecimentos globais também apareciam no jornal, buscando conectar a escola ao que acontecia no mundo. Na edição de fevereiro de 1980, tratou-se do Ano Internacional da Criança, com a explicitação dos direitos da criança e a escola reforça seu posicionamento de ser este – a infância, um momento de grande importância no desenvolvimento de qualquer pessoa. Outro exemplo, neste mesmo sentido, foi a publicação na edição de janeiro/fevereiro de 1991, sobre a Guerra do Golfo, com vários textos dos próprios alunos falando sobre a guerra e seus posicionamentos contrários a ela.

Frequentemente, datas comemorativas ganhavam espaço no jornal. Era o caso das edições próximas ao mês de abril que sempre traziam o tema da Revolução dos Cravos, ou das edições de novembro que noticiavam as formas de comemoração do Magusto – festa tradicional portuguesa. Nas edições de dezembro ou nas de janeiro, costumeiramente, o Natal figurava como tema, e as estações do ano também eram sempre lembradas. Como temas peremptórios tinham espaço certo nos jornais da Ponte.

4.1.2.5 *Acontecimentos escolares*

Os acontecimentos da Escola da Ponte ganhavam destaque nas edições do jornal independente da sua proporção. Seja a participação dos alunos em um corta-mato ou a visita do presidente da república de Portugal à Ponte, o jornal noticiava e dava valor aos pequenos e aos grandes momentos vividos por seus alunos. Sabe-se que para um jornal os acontecimentos factuais possuem grande relevância e para o jornal da Ponte era importante apresentar aos seus leitores o que acontecia dentro dos muros da escola. Por isso, integravam os jornais da escola temas esporádicos e outros recorrentes no cotidiano da Escola da Ponte.

Acontecimentos que sempre ganhavam destaque nas publicações eram as eleições da mesa da assembleia da escola. Tema estritamente relacionado à cultura escolar da Ponte, tinha espaço no jornal para uma ampla explicação tanto do procedimento adotado para a eleição como para as partes envolvidas na escolha dos alunos para mesa da assembleia. A maneira democrática da votação reverberava nas páginas do jornal, e não apenas os números de votos conquistados por cada equipe eram noticiados. Havia menção às chamadas de listas, tinham cada uma delas espaço para deixar claros seus objetivos e buscar conquistar mais votos, nas edições antes da eleição. Realizada a votação, cada equipe tinha ainda espaço, mesmo perdendo a eleição, de demonstrar respeito do processo eleitoral e à equipe vencedora.

Por ser um veículo que integra a comunicação da escola, o jornal da Ponte buscava exaltar as conquistas de seus alunos e professores. Neste sentido temos os prêmios conquistados pela escola durante os anos das edições da publicação. Um exemplo de relevância deste tema são os vários galardões do prêmio Eco-escolas, conquistado sete vezes apenas no intervalo de 1998 a 2006 pela Ponte. Por ter suas práticas voltadas a um modelo de projetos, a escola investia parte das suas práticas escolares, reuniões de assembleia, à confecção e execução dos planos quinzenais e passeios organizados para o ano letivo no tema proposto pelo prêmio das Eco-escolas.

Sem dúvidas os prêmios conquistados pelo *Dia a Dia* no Concurso Nacional de Jornais Escolares não deixavam de estar no jornal e trouxeram mudanças a este além de aumentar a publicidade do jornal da Ponte. No ano de 2000, a escola ganhou o primeiro prêmio e, com ele, ganhou também incentivo para valorizar mais as suas publicações. Mudanças estruturais foram propostas a partir de 2002, quando veio o segundo prêmio. Nesse contexto, a mudança da marca do jornal foi proposta e houve a inclusão de um novo logotipo.

No ano 2003, com o 2º lugar no Concurso Nacional de Jornais Escolares, percebemos um maior propósito em aumentar a frequência de publicação dos jornais da escola. No entanto, apenas na edição de março de 2013 há a indicação que conseguiram chegar à regularidade de publicação mensal, conforme objetivo apontado no Contrato de Autonomia da Escola.

Visitas foram acontecimentos que ganharam maior regularidade à medida que o projeto Fazer a Ponte aumentava sua popularidade. Apenas em 1997, a visita de professores da Universidade de Aveiro foi noticiada no jornal *Dia a Dia*, e aos poucos esse fato tornou-se mais frequente, demonstrando fazer parte do cotidiano escolar da Ponte. Mas é claro que figuras famosas também visitaram a Ponte, como o Presidente da República de Portugal em janeiro de 1998, na época por ocasião da comemoração da Semana da Educação, e das diversas visitas do pedagogo brasileiro Rubem Alves, sendo chamado na edição de maio de 2005 de “amigo da Ponte”.

Durante as quatro décadas de edições lidas percebemos a relevância em noticiar aos leitores os acontecimentos corriqueiros da escola. Tanto práticas escolares diárias quanto observações pessoais dos alunos encontravam espaço nas páginas da publicação. Além disso, aparecem nas edições a divulgação de campeonatos de xadrez, das apresentações de teatro, das colônias de férias e tantos outros temas comuns à comunidade escolar da Ponte.

4.1.2.6 *Exposição de trabalhos*

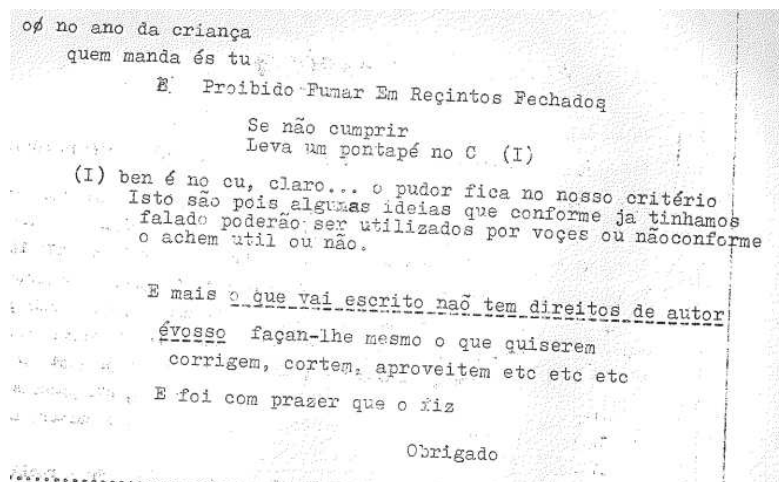
Como já mencionado, esse foi o elemento de conteúdo que não faltou em nenhuma edição do acervo examinado. Pois o jornal da Escola da Ponte foi antes de qualquer característica espaço de divulgação dos trabalhos dos alunos. Mesmo que, com o passar dos anos, a edição dos textos tenha eliminado erros ortográficos e limitado a publicação de textos sem prévia revisão, esse aspecto expositor manteve-se constante nas páginas do *Dia a Dia*.

4.1.2.7 *Matérias improváveis*

Na busca de elementos que trouxessem respostas às perguntas deste estudo muitas descobertas receberam espaço nesta pesquisa. No entanto, algumas notícias e textos publicados no jornal *Dia a Dia* foram surpreendentes por abordarem temas ou estrutura peculiares. Nesse sentido, trazemos dois exemplos, sendo o primeiro o texto a seguir que, sem assinatura, faz uso

do termo “cu” no conteúdo do jornal (Figura 25). Este fato pode ser lido na edição Jornal da Ponte, de dezembro de 1979:

Figura 25 – Ano da criança³⁸



Fonte: Jornal da Ponte, edição de dezembro de 1979.

Não há indícios de que era corriqueiro entre professores e alunos da Escola da Ponte, em qualquer época, o uso de palavras de baixo calão, seja em momentos de oralidade ou de escrita. Até porque, durante a análise dos periódicos do acervo, esta foi a única ocorrência vista, portanto, percebo que, ao utilizar a palavra chula, o autor buscou enfatizar sua indignação quanto ao fumo em lugares fechados.

³⁸ o..no ano da criança

quem manda és tú

É proibido fumar em recintos fechados

Se não cumprir

Leva um pontapé no C (I)

Bem é no cu, claro... o pudor fica no nosso critério

Isto são pois algumas ideias que conforme tínhamos falado poderão ser utilizados por vocês ou não conforme o achem útil ou não.

E mais o que vai escrito não tem direitos de autor évosso façam-lhe mesmo o que quiserem corrigem, cortem, aproveitem etc etc etc

E foi com prazer que o fiz

Obrigado. [o destaque é do original]

Figura 26 – Notícia de falecimento de irmão de aluno³⁹

Faleceu o meu querido irmão

O meu irmão chamava-se Luís Filipe Areal Pereira. Estávamos todos ansiosos que ele chegasse a casa. Já tinha roupinha, uma banheira e uma cama.

No dia 3 de Maio soube da notícia que ele tinha falecido no dia 2 de Maio.

No dia 5 de Maio foi o funeral, às 15:00 horas, em S. Simão, e lá apareceram as professoras da escola: as professoras Paula, Rosinha e Palmira.

Em minha casa estava eu e a minha mãe e uma pessoa amiga. A minha mãe estava a dormir e eu estava ao lado dela. Depois do funeral do meu irmão eu nunca mais fui ao cemitério.

(Sérgio Daniel Areal Pereira, 21/05/2002)

Fonte: Jornal da Ponte, edição de junho de 2002

Com relação à Figura 26, resalto o texto de autoria do aluno que perdeu o irmão. Durante a leitura, percebemos com riqueza de detalhes como foi para o Sergio a perda do seu irmão com a descrição dos dias que seguiram a morte do bebê. Vale dizer que outras notícias de morte foram publicadas no jornal *Dia a Dia*, até mesmo mortes de alunos da Ponte. Porém acredito ser esta de relevância no sentido de a escola ter levado a público, de forma tão natural, o texto que tanto nos diz acerca da vivência desse aluno nesse momento de luto. Fato relevante também é percebermos a data da publicação, qual seja, junho de 2002, momento em que já acontecia revisão editorial no jornal da Ponte, contudo, no que diz respeito ao texto de Sérgio este não foi vetado na publicação da edição.

4.1.3 Circulação

O jornal *Dia a Dia* não possui uma periodicidade fixa durante as quatro décadas observadas de publicações. Mesmo tendo como referência que o acervo deste estudo não contempla a totalidade das edições do jornal da Escola da Ponte, o que influenciaria diretamente uma informação taxativa quanto a periodicidade do jornal. Contudo, notamos que não há, na

³⁹ Faleceu o meu querido irmão

O meu irmão chamava-se Luís Filipe Areal Pereira. Estávamos todos ansiosos que ele chegasse a casa. Já tinha roupinha, uma banheira e uma cama.

No dia 3 de Maio soube da notícia que ele tinha falecido no dia 2 de Maio.

No dia 5 de Maio foi o funeral, às 15:00 horas, em S. Simão, e lá apareceram as professoras da escola: as professoras Paula, Rosinha e Palmira.

Em minha casa estava eu e a minha mãe e uma pessoa amiga. A minha mãe estava a dormir e eu estava ao lado dela. Depois do funeral do meu irmão eu nunca mais fui ao cemitério. - (Sérgio Daniel Areal Pereira, 21/05/2002)

grande maioria dos anos de publicação do jornal, uma frequência, vista a numeração das edições bem como as informações extraídas dos jornais.

4.1.3.1 *Periodicidade*

Apesar de estar no texto do Contrato de Autonomia, relativo ao jornal, no qual a escola deixa claro o objetivo de publicar mensalmente o seu jornal, percebemos que raramente isso acontece. Nesse sentido, temos apenas uma referência na edição de março de 2013 de que naquele ano letivo de 2012/2013 a publicação estava acontecendo mensalmente. Vale dizer que o Contrato de Autonomia data de 2005 e apenas em 2012/2013 conseguiu tal feito. A partir dessa data, pela quantidade escassa de edições até a última de 2017, não temos informações o bastante para saber se essa periodicidade mensal conseguiu ser mantida.

4.1.3.2 *Dentro do espaço escolar/fora do espaço escolar*

Falar sobre a circulação do jornal *Dia a Dia* dentro e fora da Escola da Ponte torna-se ato infrutífero, visto que as informações que tenho acesso pelos jornais e pelos documentos oficiais não trazem dados que agreguem conteúdo a este estudo neste ponto em específico. Talvez seja por razões da angulação escolhida ou pela limitação dos documentos coletados, mas esta pergunta permaneceu em suspenso, visto que informações quanto aos números de tiragem das edições bem como a forma de distribuição dos jornais dentro e fora da escola não são encontradas no material utilizado nesta pesquisa.

Percebemos que a circulação para fora do espaço escolar ganhou certa amplitude ao ser criada a aba dedicada ao jornal da escola no seu site oficial e mesmo com uma temporária publicação de algumas edições. Ou seja, a circulação do Jornal da Ponte sofreu grande mudança, mas falar sobre as proporções reais dessa circulação não é possível, pois novamente esbarramos na falta de informações.

4.2 **O *Dia a Dia* na ponte: o indício, a pista o rastro**

A observação do cotidiano escolar da Ponte por meio do jornal *Dia a Dia* permite captar os acontecimentos e as finalidades atribuídas à escola. Existem outras maneiras de conhecer o cotidiano escolar, mas esta foi a porta que se abriu, sem dúvida, reveladora das resistências às

imposições por parte dos sujeitos e das contradições entre as prescrições e o vivido na escola, entre as normas e os seus usos.

Foi por este ambiente, dos impressos, que ficaram expostas as finalidades da escola e do ensino almejadas pela comunidade escolar da Escola da Ponte. Não obstante são apresentados traços da cultura, os valores, as práticas dos sujeitos que já conheciam aquela realidade e que, por isso, trabalhavam também para alcançar as finalidades decorridas das suas experiências.

Lembro-me de sentir uma inquietude com os erros ortográficos vistos, com a diagramação simples e com a repetição de trabalhos com o mesmo tema. Minha formação jornalística me deixava incomodada ao ver tamanha diferença em comparar o jornal da Ponte com os jornais vendidos nas bancas. Aquele era um trabalho a muitas mãos e fazia total sentido aos seus portadores o resultado em que se apresentava.

O jornal em sua essência é um trabalho em equipe e o jornal *Dia a Dia* deixa clara a cooperação existente entre professores e alunos para a sua criação, execução e publicação. Os “erros” aos quais me referi, na verdade, demonstravam o estágio da alfabetização no qual o aluno se encontrava e que um dia eu também estive. Da maneira com que o *Dia a Dia* se mostra ao público valoriza as atividades internas da escola, informa os acontecimentos escolares e incentiva a exposição das obras dos alunos (poemas, desenhos etc.), deixando amostra uma parcela do que está se passando na Ponte durante aquele tempo aos interessados. Para perceber essa parcela foi necessário perscrutar as publicações dos jornais.

Para esse trabalho de análise dos escritos do *Dia a Dia* buscamos nos estudos do historiador italiano Carlo Ginzburg um modelo epistemológico para o processo de coleta dos dados que poderão trazer pistas de eventos os quais não observamos diretamente. Em sua obra *Mitos, emblemas e sinais*, datada de 1989, ele nos adverte quanto à especificidade da documentação. Influenciado pelo pensamento foucaultiano, Ginzburg pertence à escola de *Annales* e é reconhecido como um dos pioneiros do estudo da micro história.

No ensaio *Sinais: Raízes de um paradigma indiciário*, o teórico Ginzburg (1989) nos apresenta a introdução do paradigma de metodologia histórica através de um interessante enredo. Unindo Sherlock Holmes e Freud, o autor explica sobre os métodos de um médico italiano que escrevia sobre arte – Giovanni Morelli. Conforme percebemos com a leitura do ensaio, Morelli, por volta de 1876, possuía uma maneira própria para descobrir os autores das obras de arte e para distinguir originais e cópias. De acordo com o seu método,

é preciso não se basear, como normalmente se faz, em características mais vistosas[...]. Pelo contrário, é necessário examinar os pormenores mais negligenciáveis, e menos influenciáveis pelas características da escola a que o pintor pertencia (GINZBURG, 1989, p. 144).

Pela utilização de detalhes pitorescos na análise das obras (dedos, orelhas) Ginzburg (1989) ressalta a comparação feita por Castelnuevo entre o método de Morelli aos contextos narrativos nas páginas de Sherlock Holmes, pois, segundo Ginzburg, os dois utilizavam-se de “indícios imperceptíveis à maioria” (1989, p. 145) para a resolução de um mistério.

De acordo com o teórico, Freud experimenta a leitura dos ensaios de Morelli e se interessa pela “proposta de um método interpretativo centrado sobre os resíduos, sobre os dados marginais, considerados reveladores. Desse modo, pormenores normalmente considerados sem importância, ou até triviais” (GINZBURG, 1989, p. 149).

Logo, Ginzburg (1989) inclui em seu texto que os caçadores devem ter sido os possíveis primeiros narradores, pois são aqueles que possuem a habilidade de ler os rastros das presas e, portanto, conseguem seguir os rastros dos acontecimentos para narrá-los aos seus pares. De acordo com o historiador:

‘Decifrar’ ou ‘ler’ as pistas dos animais são metáforas. Sentimo-nos tentados a tomá-las ao pé da letra, como a condensação verbal de um processo histórico que levou, num espaço de tempo tal longuíssimo, à invenção da escrita. A mesma conexão é formulada, sob forma de mito etiológico, pela tradição chinesa que atribuía a invenção da escrita a um alto funcionário, que observara as pegadas de um pássaro imprimidas nas margens arenosas de um rio. Por outro lado, não se abandona o âmbito dos mitos e hipóteses pelo da história documentada [...] pressupõem o minucioso reconhecimento de uma realidade talvez ínfima, para descobrir pistas de eventos não diretamente experimentáveis pelo observador” (GINZBURG, 1989, p. 152-153, grifos do autor).

Para o teórico, as atitudes intelectuais necessárias ao observador seriam: as análises, as comparações e as classificações. Ou seja, Ginzburg (1989) defendia “uma atitude orientada para a análise de casos individuais, reconstruíveis somente através de pistas, sintomas, indícios” (p. 154). Nesse sentido, criou a expressão “paradigma indiciário”, tão relacionado à sua obra, utilizando-se da figura do caçador ele explica esse paradigma como sendo “o gesto talvez mais antigo da história intelectual do gênero humano: o do caçador agachado na lama, que escruta as pistas da presa” (GINZBURG, 1989, p. 154).

E este foi o caminho trilhado durante a análise dos documentos oficiais e dos jornais da Ponte: classificar, comparar e analisar o que nos era apresentado nas páginas do *Dia a Dia*. Passamos pelo momento de caçada dos indícios e agora apontamos as marcas encontradas.

4.2.1 Marcas encontradas

Durante qualquer pesquisa, a busca pela pista substancial traz uma inquietude, e neste estudo essa busca muitas vezes foi angustiante. Estávamos indo contra o que, a princípio, foi o pensamento. A procura por grandes elementos deu lugar à observação dos sutis rastros. Os ensinamentos de Ginzburg precisavam ressoar entre essas linhas. Aos poucos, entendemos que o processo de conhecer as características do jornal da Escola da Ponte não traria respostas fáceis e que as leituras deveriam mudar de caminho. E assim fizemos. Li uma, duas, incansáveis vezes as primeiras edições até ir ao encontro do ângulo que elegi para buscar entender o que foi escolhido pela Escola da Ponte para estar nas páginas do seu jornal.

Por isso, trazemos para estudo o último olhar sobre o objeto, pois nele encontramos fim em um processo incansável de leitura, e é sim necessário parar de ler e olhar. Esta pesquisa evidenciou que a leitura de qualquer texto deve ser maturada na cabeça de um pesquisador. Como uma carne que terá seu corte facilitado após sua reserva, tive que parar de ler assim como, em alguns momentos, precisei dar um tempo no processo de escrita. Não sei ao certo se é assim para todos, mas para mim assim que este movimento aconteceu. Portanto, é necessário dizer que a visão aqui apresentada foi um caminho, o qual elegi, dentro de um universo de possibilidades que vi diante de mim.

Nesses mais de 40 anos do projeto Fazer a Ponte a escola mudou, assim como o seu jornal, o que torna indispensável a este estudo apontar uma perspectiva geral do que foi visualizado durante a leitura de cada uma das edições do acervo consultado. Como já foi dito, mas reforço a ideia de que, de acordo com Martinez (2009), o lugar de produção do discurso da Imprensa Pedagógica “[...] deve ser entendido pelo historiador da educação, dada a sua importância, torna-se indispensável para revelar o que se tem e se entende por educação num lugar e numa época” (p. 15).

Assim como os valores e conceitos de uma instituição podem ser alterados devemos entender que a intencionalidade do uso de um objeto social, na mesma medida, não é estanque. Nessa perspectiva, é possível afirmar que com o passar dos anos, as finalidades dos impressos pedagógicos da Ponte foram sendo alteradas, acompanhando modificações nas tecnologias

empregadas na sua confecção, seus usos e no público leitor almejado. Conforme se constata ao ler as edições, algumas dessas transformações são facilmente percebidas assim como outras foram sutis e é justamente na leitura do conjunto das obras publicadas que elas ficam aparentes. Desse ponto de vista, é significativo perceber que as tramas e os fios que se emaranharam no vasto período abrangido pelas publicações do jornal foram alvo de uma tentativa de desembaraçá-las, de modo a ajudar na percepção dos movimentos de continuidades e/ou rupturas que se instauraram nesse processo, algumas vezes lentos, outras, abruptos.

Escolhemos apresentar, em alguns momentos, imagens extraídas do próprio jornal, com o objetivo de demarcar a materialidade das características aqui destacadas. É fato que algumas dessas características só foram evidenciadas após inúmeras investidas de leitura, demonstrando que a leitura atenta revela fatos antes não percebidos e uma melhor observação de cada ciclo do jornal aqui estudado. É evidente que aqui escreve uma pesquisadora em processo de aquisição de conhecimento, o que torna esses passos mais instigantes e cautelosos.

É mister recordar que não possuo todas as edições já publicadas do jornal da escola, vista a numeração de capa dos jornais. Característica que, quando presente, facilitou essa observação, e que os cortes e períodos demarcados neste texto são parte da construção de sentido que a leitura tomou pelos conteúdos apresentados e pela interpretação pessoal, levando em consideração todas as informações estudadas sobre a escola nesse tempo de pesquisa. Conforme o poeta espanhol Antônio Machado nos diz “Caminhante, não há caminho, o caminho se faz ao caminhar”. E a caminhada deste trabalho foi feita através de leituras. Em alguns momentos, de profundo vazio de ideias, nos quais o próprio material me guiava um pouco mais a frente, para o próximo detalhe, a próxima pista. E foi com a releitura do material do acervo deste trabalho que encontramos sentido no caminho apresentado a seguir.

Uma questão que trouxe desconforto a esta pesquisa foi determinar quando o jornal *Dia a Dia* passou a existir. Como já foi dito, até mais de uma vez, a primeira edição do jornal da escola foi em 1977, no entanto passou a ter o nome *Dia a Dia* apenas em 1990. O que me intrigava era a inclusão das edições entre este período ao presente estudo que leva o nome da publicação no título. A exclusão dessas edições significaria uma perda significativa de um material histórico não apenas da cultura e prática escolares mas em termos históricos da instituição. Foi então que tive, durante a leitura da edição de junho de 2004, acesso ao texto contido na Figura 28, no qual lê-se:

Figura 28 – Texto inaugurando a seção “Álbum das Recordações”⁴⁰

11

ÁLBUM DAS RECORDAÇÕES

Nesta secção, serão reeditados alguns artigos, que nós consideramos interessantes do nosso Jornal “Dia a Dia”. Para quem não sabe, o nosso jornal já existe desde 1977 e já nessa altura se falava de alguns problemas, que, infelizmente, continuam bem actuais!

Fonte: Jornal *Dia a Dia*, edição de junho de 2004.

Conforme encontramos na leitura do texto da Figura 28, para a Escola da Ponte, o jornal *Dia a Dia* existe desde 1977 mesmo sem utilizar este nome. Como um nascituro que ainda não foi registrado em cartório, o jornal já era o mesmo desde o princípio e, apesar das mudanças de ordem tecnológica e editorial, a intenção da Ponte é compreender a sua existência como algo contínuo e com início em 1977. Sendo assim, percebemos que foi preciso uma caminhada de treze anos de textos, imagens, cartas políticas e recortes para que ele enfim fosse nomeado. Nesse sentido, e a fim de perceber as facetas dos processos percorridos pelo jornal da Ponte, passo a falar sobre os momentos identificado durante a leitura e análise dos jornais.

4.2.1.1 *Jornal da Escola da Ponte: alunos, professores e pais (anos de 1977 a 1989)*

Esta divisão das edições partiu de um aspecto formal do jornal: sua nomeação. Entre os anos 1977 e 1989, ficou manifesto que o jornal não possuía um nome único. Os nomes das edições variavam, e, conforme percebemos, a cada ano escolar um título diferente era escolhido. De acordo com a primeira edição do jornal, tal seleção, ocorria pelos próprios alunos da escola, sendo o primeiro título “Vamos fazer uma escola feliz”, passando por outros sete nomes nas edições que a sucederam até a fixação do nome do jornal. Como já foi dito neste texto, o projeto Fazer a Ponte foi iniciado no ano escolar de 1976/1977, sendo a sua primeira edição de novembro de 1977, ou seja, no segundo ano do projeto.

Algo que aparece em um movimento de continuidade no jornal da Ponte é a busca de aliança com as famílias dos alunos e foi algo perseguido pela escola desde a primeira edição,

⁴⁰ ÁLBUM DAS RECORDAÇÕES

Nesta secção, serão reeditados alguns artigos, que nós consideramos interessantes do nosso Jornal “Dia a Dia”. Para quem não sabe, o nosso jornal já existe desde 1977 e já nessa altura se falava de alguns problemas, que, infelizmente, continuam bem actuais!

manifestando-se de diversas maneiras. Exemplo disso é a segunda página da primeira edição, na qual lemos: “a escola é uma comunidade de alunos, pais e professores”, buscando uma coesão com essas pessoas. Há, ainda, uma convocação aos pais para uma participação ativa no espaço escolar, como na chamada “Há um grupo de pais interessado em fazer arranjos na escola. O trabalho começará em breve. Vamos ajudá-los?”. Vale dizer que foi no ano de 1979, dentro deste lapso temporal das edições, que houve a criação da Comissão de Pais da Escola da Ponte, elemento tão relevante para o projeto, vista a participação dos pais no *Dia a Dia* da escola.

Caberia neste momento evidenciar que essa parcela de edições do jornal da Ponte, da qual tivemos acesso a treze edições, poderia ainda ser dividida em dois momentos. O primeiro seria de 1977 a 1981 e, constando em nosso acervo sete edições desse período, a escola demonstra que durante este tempo o seu trabalho era voltado para a implementação efetiva do projeto Fazer a Ponte. Para tanto, era necessário um jornal que divulgasse para fora dos muros da escola o que aquele projeto pretendia oferecer àquela comunidade escolar. A ideia de “escola de ontem” apresentando uma figura de uma escola dita “tradicional” e “escola de hoje” com uma figura de uma “escola de espaço aberto”, na edição de fevereiro de 1980, reforçam a intencionalidade de expor o modelo aberto que sempre foi a base do projeto da escola.

Figura 27 – Escola de ontem ou escola de hoje?



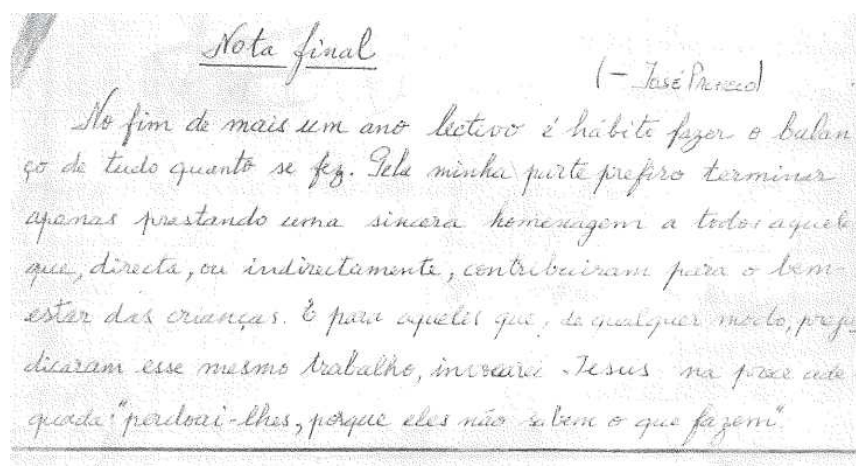
Fonte: Jornal da Ponte, edição de fevereiro de 1980.

Um fato bastante interessante desse primeiro momento editorial é o apelo político das publicações. Com textos assinados pelos alunos da Ponte, inclusive escritos de próprio punho, o jornal traz pedidos aos agentes públicos da época, clamando por melhorias na estrutura física,

tanto da escola como dos arredores desta, como é o caso do pedido por lixeiras para o entorno da escola, fato que se repete em várias edições, assim como a construção dos banheiros e consertos nos muros da escola. Nessa mesma direção, uma carta publicada na edição de janeiro de 1978 foi assinada pelos “alunos da Escola Feliz” e endereçada ao Presidente da Junta.

De 1982 a 1989, anos dos quais lemos cinco edições, houve uma mudança significativa em muitos aspectos do jornal. Não há aqui uma afirmação de que existe uma certeza de diminuição de publicações, pois como nessa época a numeração das capas, assim como o nome do jornal mudava a cada ano escolar, não é possível confirmar queda no número de publicações. No entanto, durante a leitura das cinco edições que constam no acervo percebi uma mudança drástica no conteúdo do jornal, bem como nas tecnologias empregadas tanto na reprodução como na diagramação das edições. Coincidência ou não, este foi o momento em que a escola estava passando pela consolidação do projeto Fazer a Ponte. Os desafios, no sentido de gestão escolar pareceram ter aumentado, visto que foram nesses anos que a escola conquistou a abertura física do ambiente escolar, após grandes embates com o poder público português. Conforme podemos ver na “Nota final”, de junho de 1982, assinada pelo professor José Pacheco.

Figura 28 – Nota final⁴¹



Fonte: Jornal da Ponte, edição de junho de 1982.

⁴¹ Nota final (José Pacheco)

No fim de mais um ano lectivo é hábito fazer o balanço de tudo quanto se fez. Pela minha parte prefiro terminar apenas prestando minha sincera homenagem a todos aqueles que, directa, ou indirectamente, contribuíram para o bem-estar das crianças. E para aqueles que, de qualquer modo prejudicaram esse mesmo trabalho, enviarei Jesus na prece adequada “perdoai-lhes, porque eles não sabem o que fazem”.

4.2.1.2 *A Ponte e a travessia: o Dia a Dia (anos de 1990 a 2017)*

Na edição de janeiro de 1990 o jornal da Escola da Ponte passa a ser chamado *Dia a Dia*. E esta é, sem dúvida, uma edição a ser notada, pois marca um novo momento para o jornal, visto que inaugura o nome enfim escolhido para nomeá-lo. Não fica clara a origem dessa escolha e não encontramos, durante a leitura, qualquer referência sobre o nome eleito, nem quem o elegeu, mesmo tendo percebido o uso do termo *Dia a Dia* em secção de dois jornais anteriores a essa data. Outro aspecto relevante foi que nesta edição temos por meio dos textos a explicação de muitos aspectos do projeto Fazer a Ponte, por isso o conteúdo deste jornal difere das demais edições do acervo.

Conforme já dito, percebo um movimento de continuidades e rupturas. Uma continuidade percebida é a permanente busca do fortalecimento da relação da escola com as famílias de seus alunos. Neste sentido, temos no editorial desta edição, o seguinte esclarecimento: “Este jornal será o elo de ligação entre família e a escola”.

As edições, a partir de então, reiniciaram a contagem dos jornais da escola, porém, ao contrário de nossa expectativa não houve uma mudança significativa na forma e no conteúdo dos primeiros jornais da década de 90. O jornal permaneceu com o formato expositivo descrito no período entre 1982 e 1989. Contudo, apesar dessa continuidade no aspecto formal dos jornais, percebemos uma mudança macro do momento vivido pela instituição escolar. Fica evidente que a partir de 1990 a Escola da Ponte é percebida por olhares de fora, e por isso, o modelo empregado nas suas práticas educacionais passa a ter reconhecimento em âmbito nacional, com o recebimento de prêmios, sempre referenciados nas edições do jornal, visto que são fatos que trazem orgulho à comunidade escolar.

Esses prêmios, a nosso ver, não foram apenas uma mola propulsora para a continuidade do trabalho desenvolvido na Ponte como também, sob muitos aspectos, criaram caminhos para as práticas educativas. É o caso do prêmio Eco-Escolas, que a Escola da Ponte ganhou diversas vezes, e é um Programa Internacional que pretende reconhecer ações no âmbito escolar que trate de Educação Ambiental / Educação para o desenvolvimento sustentável. Seu primeiro ano de implementação em Portugal foi o ano letivo de 1996/1997.

O tema de cada ano, como já pontuado, recebia atenção especial pela Ponte e, dado que o modelo educacional da referida escola prioriza o desenvolvimento do currículo com base em projetos, observamos o enfoque da escola ir alternando de acordo com os temas do projeto desse prêmio. Sejam os conteúdos explicados pelos tutores, os temas pesquisados pelos alunos e

discutidos em certa medida na assembleia ou mesmo os passeios da escola, nos anos de participação da Escola da Ponte no prêmio a instituição escolar se voltava a consecução do projeto criado para o concurso.

Os olhares que se voltaram à Ponte quiseram estar mais perto do seu *Dia a Dia*, conhecer sua estrutura física e as pessoas que fazem o projeto continuar vivo, o que ocasionou a abertura de uma nova prática, as visitas à escola. A primeira vez que este fato aparece destacado no jornal é na edição de 1997, na qual narram a visita de professores da Universidade de Aveiro. A segunda foi a visita do então presidente de Portugal Jorge Sampaio, em janeiro de 1998, por vistas da Semana da Educação que acontecia no país luso. Desde o primeiro momento podemos perceber que as visitas eram guiadas pelos alunos da Ponte.

Nesse sentido, vemos que os alunos são sempre colocados em posição destaque e liderança nesses momentos de visita. Os textos enfatizam a participação dos alunos nesses momentos e essa prática parece ser responsável por uma maior publicidade ao projeto Fazer a Ponte. Até os dias de hoje as visitas são permitidas, sendo que a procura é tanta que precisaram criar regras para que não interfira no andamento das práticas educativas. Existe um protocolo a seguir (direitos e deveres dos visitantes), período fixo (de novembro ao final de maio) e vagas limitadas. Por isso, é necessário que o agendamento seja feito com um mês de antecedência. Vale dizer que essas informações são atualizadas e podem ser vistas no site da Ponte, na aba “visite-nos”, a qual possui as informações relativas às visitas.

A partir daqui, muitos poderiam ainda ser os caminhos e possibilidades de continuidade deste trabalho pela grandeza do material que este estudo encontrou durante o percurso da pesquisa. Porém, o caminho escolhido aqui foi o do ponto final, pois é necessário parar de olhar e analisar para que o processo de escrita também encontre fim. Passamos, então, ao desfecho deste momento de observação com a apresentação dos resultados da pesquisa.

5 CONCLUSÃO

Desde a sua criação, o jornal da Escola da Ponte adotou um formato que traz como referência o objeto social jornal e, independentemente da complexidade do seu design gráfico, buscou construir um elo da escola com a comunidade escolar. Neste sentido, percebemos uma constante tentativa em criar alianças especificamente com os pais dos alunos e com textos que apresentavam os mais variados elementos do projeto Fazer a Ponte. O jornal, assim, foi vitrine e espaço de propaganda da própria escola.

É clara uma inicial relação do jornal da Ponte com os elementos do Jornal Escolar de Célestin Freinet, como um método pedagógico de texto livre. No entanto, uma relevante mudança neste aspecto é observada ao longo das décadas, pois com rupturas paulatinas a este modelo, o jornal da Ponte passou a ter mais influência de uma outra forma de fazer jornal escolar. Privilegiando o aspecto de um *ethos* profissional, o design gráfico passa a ser mais valorizado, apresentando uma diagramação mais complexa e com foco em uma edição revisada a partir da criação de um grupo empenhado na confecção do jornal *Dia a Dia*, formado pela equipe redacional e pela equipe editorial, que é a união de tutores e alunos da Ponte, passando a ser impresso por uma gráfica, ou seja, fora do ambiente escolar.

Durante essas mais de quatro décadas abrangidas pelas edições do acervo deste estudo, a escola deixou reverberar pelas páginas do seu jornal os mais distintos momentos vividos pela Ponte. E foram muitos os momentos passados pela Escola da Ponte e transmitidos aos leitores do jornal. Adotando as vezes um papel de mural dos trabalhos dos alunos, demonstrava as produções e aquisições de conhecimento deles. O jornal também foi espaço de correspondências com o poder público, contendo pedidos de ajuda para a escola assim como para a comunidade ao entorno desta. Em outros momentos, a publicação ambientou, para aqueles que leram suas páginas, os embates entre os apoiadores e os que não eram partidários do projeto Fazer a Ponte. Alguns textos, principalmente editoriais ou artigos de opinião, trouxeram atos políticos e desabafos dos que eram defensores do projeto. Acerca disso, vale destacar que sendo o jornal analisado produzido pela Escola da Ponte não teve acesso aos argumentos dos que se opuseram ao projeto. Em algumas edições conseguimos ver até todas essas facetas, portanto uma não exclui as outras, quando vislumbradas. Ou seja, sendo mural, espaço de relação com o exterior da escola e de opinião dos pares da Ponte ao mesmo tempo.

Os elementos físicos do jornal da Escola da Ponte destacam-se por serem os que sofreram maiores mudanças durante as quatro décadas analisadas, isto se deve ao fato da

incorporação de tecnologias à criação, impressão e reprodução das edições ao longo do tempo. Contudo, essas rupturas entre as formas de fazer o jornal foram resultantes de mudanças lentas e sem qualquer linearidade ou concomitância. Um exemplo seria que mesmo com as mudanças ocorridas na edição de janeiro de 1990, passando a se chamar *Dia a Dia* e iniciando novamente a contagem de edições, a diagramação, forma de impressão e de reprodução continuaram os mesmos durante ainda quase meia década até vermos outras modificações das questões de físicas do jornal.

Em tempo ressaltamos que não foi questão central para este trabalho apontar com exatidão a edição inaugural de cada ruptura da praxe observada, visto que a ausência da totalidade de edições pode trazer uma falsa percepção ao estudo. Quando apontada no texto foi por um uso temporal, pois quando abordadas as questões de design do jornal, diagramação e outros elementos físicos não foi possível indicar com exatidão a primeira edição que usou uma determinada tecnologia ou qual sofreu uma mudança de diagramação. Da mesma forma que nem sempre a edição apontada como exemplo para a mudança de conteúdo foi a primeira a trazer esse deslocamento editorial do jornal.

Com relação ao conteúdo dos jornais da Escola da Ponte percebemos muito mais um movimento de manutenção do que de ruptura. Mesmo que nos detalhes seja perceptível a existência de um crivo quanto ao noticiável pelo jornal, principalmente, a partir da segunda metade do corte temporal do acervo, de 1977 a 2017, seja por um corte editorial ou por uma revisão ortográfica, a tendência mais forte foi a manutenção do que foi apresentado nas páginas do jornal. Tendo isso em vista, podemos afirmar que o jornal da Ponte serviu desde sua fundação como mural dos trabalhos desenvolvidos e veículo de divulgação do projeto Fazer a Ponte, abordando em diversas edições os elementos principais do trabalho desenvolvido na Ponte. Ademais, a publicação informou à comunidade escolar quanto aos acontecimentos da escola definidos como relevantes (projetos, passeios, assembleias e visitas) e buscou facilitar a criação do laço entre a escola e as famílias além de o manter fortalecido com o passar dos anos.

Talvez tenha sido na terceira categoria de análise que encontramos a dificuldade mais significativa. Seja com a falta de completude do acervo de jornais, com os silêncios dessas ausências, mas principalmente pela limitação do objeto de análise. Mas pesquisa também se faz nas ausências e sei que mesmo se todos os jornais estivessem à minha disposição algumas questões aqui levantadas ficariam sem respostas. Falar acerca da circulação do jornal dentro e fora do espaço escolar, tendo apenas o próprio jornal e os documentos oficiais da escola como locais de coleta de dados se tornou insuficiente para esta pesquisa.

Contudo, essas lacunas dão espaço aos próximos estudos que possam existir quanto ao jornal *Dia a Dia*, pois para responder essas perguntas que ficaram para trás neste estudo é necessário um novo olhar, com talvez um outro acervo que complemente este e, quem sabe, até uma outra abordagem.

REFERÊNCIAS

ALVES FILHO, F. The institutional authorship on the newspaper editorials. *Alfa*, São Paulo, v. 50, n. 1, p. 77-89, 2006. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2176-45732019000100150&script=sci_arttext&tlng=en. Acesso em: 13 jul. 2020.

ALVES, Rubem. **A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir**. Campinas: Papirus, 2001.

ARAÚJO, Deolinda. **Encontro entre margens: um olhar sobre uma escola na sua relação com a comunidade**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto, Porto, 1999. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/52483>. Acesso em: 16 jul. 2020.

ARROYO, Leonardo. **Literatura infantil brasileira: ensaio de preliminares para sua história e suas fontes**. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

ASSIS, Raquel Martins de; OLIVEIRA, Cristina Rodrigues de; LOURENÇO, Erika. A criança anormal e as propostas de educação escolar na imprensa mineira (1930-1940). **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 25, p. 1-23, 06 abr. 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782020000100211&script=sci_arttext. Acesso em: 27 set. 2020.

BASTOS, Maria Helena Camara. As revistas pedagógicas e a atualização do professor: a Revista do Ensino do Rio Grande do Sul (1951-1992). *In*: CATANI, Denice Bárbara; BASTOS, Maria Helena Camara (Org.). **Educação em revista: a imprensa periódica e a história da educação**. São Paulo: Escrituras, 1997. p. 47-75.

BELUSSO, Gisele; LUCHESE, Terciane Ângela. **Entrevista com catedrático Justino Magalhães: os municípios na educação em pauta. História da Educação**, Santa Maria, v. 24, e96723, p. 1-27, 2020. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-34592020000100600&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 15 ago. 2020.

BENJAMIN, Walter. A obra da arte na era da sua reprodutibilidade técnica. *In*: BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**. 3. ed. Brasiliense, 1987. v. 1: magia e técnica, arte e política. p. 166-196.

BOTO, Carlota. A história da educação pelo paradigma das práticas escolares: um convite à reflexão. *In*: MIGNOT, Ana Chrystina, ALVES, Cláudia (Org.). **História e historiografia da educação ibero-americana: projetos, sujeitos e práticas**. Rio de Janeiro: Quartet, 2012. p. 137-154.

BOTO, Carlota. A liturgia da escola moderna: saberes, valores, atitudes e exemplos. **História da Educação**, Santa Maria, v. 18, n. 44, pág. 99-127, dez. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-34592014000300007&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 ago. 2020.

BURKE, Peter. **A escola dos Annales - 1929-1989**: A revolução francesa da historiografia. Tradução Nilo Odália. São Paulo: UNESP, 1992.

BURKE, Peter. **O que é história do conhecimento?**. São Paulo: UNESP, 2016.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Historia de la escuela y preservación del patrimonio escolar: el trabajo del Centro de Memoria de la Educación de la Universidad de São Paulo (Brasil). **Revista Mexicana de Historia de la Educación**, v. 1, n. 1, p. 109-130, 2013. Disponível em: <http://www.rmhe.somehide.org/index.php/revista/article/view/14/20>. Acesso em: 17 jul. 2020.

CARDIM, Pedro (Coord.). **A história**: entre memória e invenção. Lisboa: Europa-América, 1998.

CASASANTA, Guerino. **Jornais escolares**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939. v. 32.

CASTRO, Teresa Conceição Mendes; RAMOS, Rui; LIMA, Manuel Nascimento. A infância representada no livro escolar: tipos de textos e estereótipos sociais. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 71, 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782017000400232&script=sci_arttext. Acesso em: 27 set. 2020.

CATANI, Denice Bárbara; BASTOS, Maria Helena Camara. Apresentação. *In*: CATANI, Denice Bárbara; BASTOS, Maria Helena Camara (Org.). **Educação em revista**: a imprensa periódica e a história da educação. São Paulo: Escrituras, 1997. p. 5-10.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Nova edição, estabelecida e apresentada por Luce Giard. 3. ed. Tradução Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1998

CERTEAU, Michel. **A cultura no plural**. Campinas, Papius, 1995.

CERTEAU, Michel. **A escrita da história**. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1982.

CEVASCO, Maria Elisa. **Para Ler Raymond Williams**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

CHARTIER, Roger. **História cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. São Paulo: UNESP, 2002.

CHARTIER, Roger. Textos, impressão, leituras. *In*: HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 211-238.

CHAVES, Miriam Waidenfeld. A Revista Escola Argentina: Reflexões sobre um periódico escolar nos anos 20 e 30. *In*: **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, v. 3, n. 2[6], p. 59-85, 2003. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38696>. Acesso em: 15 ago. 2020.

CHAVES, Miriam Waidenfeld. História de uma escola escrita por seus alunos e professores. *In*: MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello, XAVIER, Libânia Nacif (Org.). **Impressos e história da educação: usos e destinos**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008. p. 59-72.

CUNHA, Maria Clementina P. (Org.). **O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania**. São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico da PMSP, 1992.

DAMASCENO, Patrícia Lopes. Design de Jornais: projeto gráfico, diagramação e seus elementos. **Biblioteca Online de Ciências da Comunicação**, [S. l.], v. 1, p. 1-40, 2013. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/damasceno-patricia-2013-design-jornais.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2020.

ESTÊNCIL. *In*: MICHAELIS, dicionário brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2021. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/est%C3%A4ncil>. Acesso em: 27 abr. 2021.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de (Org.) **Arquivos, Fontes e Novas Tecnologias**. São Paulo / Bragança Paulista: Autores Associados / EDUSF, 2000, v. 1, p. 19-30.

FELGUEIRAS, Margarida Louro. A história da educação na relação com os saberes histórico e pedagógico. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 39, p. 483-501, set./dez. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782008000300006&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 15 ago. 2020.

FERNANDES, Ana Lucia. O impresso e a circulação de saberes pedagógicos: apontamentos sobre a imprensa pedagógica. *In*: MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello, XAVIER, Libânia Nacif (Org.). **Impressos e história da educação: usos e destinos**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008. p. 15-29.

FRAGO, Antonio Viñao. Del espacio escolar y la escuela como lugar: propuestas y cuestiones. **Historia de la Educación**, Salamanca, v. 13-14, 1993/1994, p. 17-74.

FREINET, Celestian. **O jornal escolar**. Lisboa: Estampa, 1974.

GALVÃO, Ana Maria *et al.* Difusão, apropriação e produção do saber histórico: A Revista Brasileira de História da Educação (2001-2007). *In*: **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 8, n. 16, 2008. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38592/20123>. Acesso em: 15 ago. 2020.

GINZBURG, Carlo. **A micro-história e outros ensaios**. Lisboa: Bertrand, 1989.

GONÇALVES, Irlen Antônio. **Cultura escolar: práticas e produção dos grupos escolares em Minas Gerais (1891/1918)**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GONDRA, José Gonçalves (Org.). **Pesquisa em História da Educação no Brasil**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HEIDEGGER, Martin. Construir, Habitar, Pensar. *In*: HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e Conferências**. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 125-141.

HONAISSER, Sacha Bianca Martins Bello. **A Escola da Ponte como espaço da formação para autonomia**. 2016. 66 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 1990.

LESTER, Luis Ajagan; LABRANA, Carlos Muñoz. Sete teses sobre o texto escolar como artefato cultural. *Revista Brasileira de Educação* [online], Rio de Janeiro, v. 23, e230070, 25 out. 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782018000100258&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 27 set. 2020.

LOURENÇO FILHO, Manuel Bergstrom. **Introdução ao estudo da nova escola**: bases, sistemas e diretrizes da pedagogia contemporânea. 14. ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. *In*: PINSKI, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 111-153.

MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello; XAVIER, L. N. (Org.) **Impressos e história da educação**: usos e destinos. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008. v.1.

MAGALHÃES, Justino. A construção de um objecto do conhecimento histórico. Do arquivo ao texto – a investigação em história das instituições educativas. **Educação Unisinos**, São Leopoldo, v. 11, n. 2, p. 69-74, maio/ago., 2007a. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/5694>. Acesso em: 10 ago. 2020.

MAGALHÃES, Justino. A história da educação em Portugal: temas, discursos, paradigmas. *In*: PINTASSILGO, J. *et al.* (Org.). **a história da educação em Portugal**: Balanço e perspectivas. Porto: Asa, 2007b. p. 13- 34.

MANACORDA, Mario Alighiero. **História da educação**: da antiguidade aos nossos dias. São Paulo, Cortez: 2010.

MARTINEZ, E. C. **A imprensa pedagógica como tema e objeto para a história da educação paranaense**: *Jornal Escola Aberta* (1986-1988). 2009. 175 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2009. Disponível em: http://www.ppe.uem.br/SITE%20PPE%202010/dissertacoes/2009_edilene_martinez.pdf. Acesso em: 10 ago. 2020.

MARTINHO, Miguel Henriques. **P3**: uma outra concepção de escola: estudo de caso. 2011. 437 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de Aveiro, Aveiro, 2011. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10773/7722>. Acesso em: 20 set. 2020.

MILLNER, Andrew. Cultural Materialism, Culturalism and PostCulturalism: the legacy of Raymond Williams. **Theory, Culture & Society**, London, vol. 11, p. 43-73, 1994.

MONARCHA, Carlos. **Brasil arcaico, Escola Nova**: ciência, técnica e utopia nos anos 1920-1930. São Paulo: UNESP, 2009.

NERY, Ana Clara Bortoleto, GONDRA, José Gondra (Org.). **Imprensa pedagógica na Ibero-América**: local, nacional e transnacional. São Paulo: Alameda, 2018.

NEVES, Lúcia Maria Bastos P. **Livros e impressos**: retratos do Setecentos e do Oitocentos. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009. p. 93-103.

NÓVOA, A. A imprensa de educação e ensino: concepção e organização do repertório português. *In*: CATANI, Denise Bárbara; BASTOS, Maria Helena Câmara (Org.). **Educação em revista**: a imprensa periódica e a História da Educação. São Paulo: Escrituras, 1997. p. 11-31.

NÓVOA, António. Para uma formação de professores construída dentro da profissão. **Revista de Educación**, Madrid, n. 350, p. 1-10, sep./dez., 2009. Disponível em: http://www.revistaeducacion.educacion.es/re350_09.html. Acesso em: 15 fev. 2021.

NUNES, Clarice. **Anísio Teixeira**: a poesia da ação. Bragança Paulista: Universidade de São Francisco, 2000.

NUNES, Clarice. Biblioteca Virtual Anísio Teixeira - reflexão sobre a experiência. *In*: NUNES, Clarice. Memória e história da educação: entre práticas e representações. **Educação em foco**, Juiz de Fora, v. 7, n. 2, p. 11-25, set./fev. 2002/2003. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaedufoco/files/2010/02/Mem%C3%B3ria-e-Hist%C3%B3ria-da-Educa%C3%A7%C3%A3o.doc>. Acesso em: 20 set. 2020.

NUNES, Clarice; CARVALHO, Marta. Historiografia da educação e fontes. **Cadernos da ANPED**, [S. l.], n. 5, p. 7-64, set. 1993. Disponível em: https://anped.org.br/sites/default/files/caderno_anped_no.5_set_1993.pdf. Acesso em: 20 ago. 2020.

OLIVEIRA, Inês B. Criação curricular, autoformação e formação continuada no cotidiano escolar. *In*: FERRAÇO, Carlos Eduardo (Org.). **Cotidiano escolar, formação de professores(as) e currículo**. São Paulo: Cortez, 2005. p. 9-128.

PACHECO, José. **Dicionário de valores**. São Paulo: SM, 2012.

PACHECO, José. **Escola da Ponte**: formação e transformação da educação. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

PACHECO, José. José Pacheco: 'ensinar é impossível, aprender é inevitável'. [Entrevista cedida a] Renata Penzani. **Lunetas**, Conversa, 19 set. 2017. Disponível em: <https://lunetas.com.br/jose-pacheco-educacao-integral/>. Acesso em: 09 ago. 2020.

PACHECO, José. José Pacheco: Procurem nas escolas professores que ainda não tenham morrido. [Entrevista cedida a] Sara Dias Oliveira. **DN Life**, Lisboa, 19 jul. 2018. Disponível em: <https://life.dn.pt/jose-pacheco-procurem-nas-escolas-professores-ainda-nao-tenham-morrido/comportamento/340008/>. Acesso em: 30 set. 2020.

PACHECO, José. **Para os filhos dos filhos dos nossos filhos**. Campinas: Papirus, 2006.

PACHECO, José; PACHECO, Maria de Fátima. **Diálogos com a Escola da Ponte**.

Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

PATROCLO, Luciana Borges; SILVA, Sabrinne Cordeiro Barbosa da. As revistas ilustradas infantis como fontes de pesquisa na história da educação: o exemplo do impresso feminino Cirandinha (1951-1958). *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 9., 2017, João Pessoa. **Anais [...]**. João Pessoa: UFBp, 2017. p. 3633-3647. Disponível em: <https://vdocuments.com.br/as-revistas-ilustradas-infantis-como-fontes-de-paginas-preenchidas-por-imagens.html>. Acesso em: 30 jul. 2020.

PORTUGAL. Ministério da Educação e Ciência. **Projeto Educativo da Escola da Ponte**. Lisboa, [200-].

PORTUGAL. Ministério da Educação e Ciência. **Regulamento Interno da Escola da Ponte**. Lisboa, [200-].

PORTUGAL. Ministério da Educação e Ciência. **Contrato de Autonomia da Escola da Ponte**. Lisboa, 2013. Disponível em: <https://psieducacao.files.wordpress.com/2015/04/contrato-autonomia-escola-ponte.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2020.

QUEVEDO, Thelmelisa Lencione. **Escola Projeto Âncora: gestação, nascimento e desenvolvimento**. 2014. 219 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-08122014-124532/pt-br.php>. Acesso em: 30 set. 2020.

RUGIU, Antonio Santoni. **Nostalgia de um mestre artesão**. Tradução Maria de Lourdes Menon. Campinas: Autores Associados, 1998.

SAVIANI *et al.* Sociedade Brasileira de História da Educação: constituição, organização e realizações. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 11, n. 3[27], p. 13-45, 23 fev. 2012. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38762>. Acesso em: 30 jul. 2020.

SCHUELER, Alessandra Frota Martinez. Educar em família: o Colégio Imperial Amorim Carvalho na Corte Imperial (1882 – 1889). **Histedbr**, Campinas, n. 27, p. 65-77, set. 2007. Disponível em: https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/5002/art06_27.pdf. Acesso em: 30 jul. 2020.

SILVA, Andréa Villela Mafra da. **Escola da Ponte: uma experiência inovadora na educação**. 2006. 62 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <http://www2.unirio.br/unirio/cchs/educacao/graduacao/pedagogia-presencial/AndreaVillelaMafradaSilva.PDF>. Acesso em: 30 jul. 2020.

SILVA, C. M.; RIBEIRO, C. Escola da Ponte: um projeto pedagógico de referência. *In*: PINTASSILGO, J.; ALVES, L. A. M. (Coord.). **Roteiros da inovação pedagógica: escolas e experiências de referência em Portugal no século XX**. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2019. p. 483-507.

SOUZA, Rosa Fátima de. História da Cultura Material Escolar: um balanço inicial. *In*: BENCOSTTA, Marcus Levy Albino (Org.). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas**: itinerários históricos. São Paulo: Cortez, 2007.

SOUZA, Rosa Fatima. **Templos de civilização**: a implantação da escola primária graduada de São Paulo: UNESP, 1998.

SPENCER, Herbert. **Educação intelectual, moral e physica**. Porto: Alcino Aranha & Cia., 1888.

VASCONCELLOS, Celso S. Reflexões sobre a Escola da Ponte. **Revista de Educação AEC**, [S. l.], n. 141 out./dez. 2006. Disponível em: http://www.celsovasconcellos.com.br/Textos/Texto_Reflexo_sobre_Escola_da_Ponte.doc Acesso em: 27 set. 2020.

VEIGA, Ana Lucia Werneck. “**Eu não brinco na hora de lição**”: narrativas sobre sentidos produzidos por crianças em três escolas ‘transformadoras’ no Brasil e em Portugal. 2018. 318 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/9224>. Acesso em: 27 set. 2020.

VIDAL, Diana Gonçalves. Cultura e práticas escolares. *In*: Vidal, D. **Culturas escolares**: estudo sobre práticas de leitura e escrita na escola pública primária (Brasil e França, final do século XIX). Campinas: Autores Associados, 2005. p. 21-65.

VIDAL, Diana Gonçalves. Por uma ampliação da noção de documento escolar. *In*: SAVIANI, Dermeval (Org.). **Instituições escolares no Brasil**: conceito e reconstrução histórica. Campinas: Autores Associados, 2007. p. 59-71.